

PUCRS

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM TEOLOGIA

MATEUS DANIELI

**METODOLOGIA HISTÓRICO EVANGELIZADORA: PASTORALIZAR A TEOLOGIA
E TEOLOGIZAR A PASTORAL**
Porto Alegre
2021

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

MATEUS DANIELI

METODOLOGIA HISTÓRICO EVANGELIZADORA:

Pastoralizar a teologia e teologizar a pastoral

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo programa de pós graduação em Teologia da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.

Orientador: Dr Agemir Bavaresco

Porto Alegre

2021

MATEUS DANIELI

METODOLOGIA HISTÓRICO EVANGELIZADORA:
Pastoralizar a teologia e teologizar a pastoral

Dissertação apresentado como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo programa de pós graduação em Teologia da Escola de Humanidades da Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.

Orientador: Dr Agemir Bavaresco

Aprovada em 30/08/2021.

Banca examinadora

Dr Agemir Bavaresco

Dra Edla Eggert

Dr André Musskopf

Porto Alegre 2021

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa à saudosa memória do Pe Elli Benincá,
Ele acreditou que o ser humano se torna sujeito
Da evangelização através dos processos realizados.

AGRADECIMENTOS

A Deus Trindade;

Aos meus pais Ivarisimo e Solange Danieli pelo dom da vida e por acreditarem em mim, especialmente neste tempo difícil que passamos juntos e a certeza de que a vida é valiosa;

Aos familiares pela presença constante em meu caminho;

A Arquidiocese de Passo Fundo, na pessoa de Dom Rodolfo Luis Weber, por confiarem esta responsabilidade de estudar;

A Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, a Escola de Humanidades e ao PPG de Teologia;

Ao professor Dr Agemir Bavaresco pela orientação e acompanhamento;

Ao Itepa Faculdades por ser “berço de esperança” para a teologia pastoral;

Aos paroquianos da Paróquia Bom Jesus de Carazinho por serem tão solícitos e compreensivos;

As pessoas que lutam todos os dias pela edificação do Reino de Deus.

A todos a minha gratidão.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar os critérios da teologia pastoral e da Metodologia Histórico Evangelizadora para justificar seu valor científico e importância para “teologizar a pastoral e pastoralizar a teologia”. Trata-se de verificar como que a Metodologia Histórico Evangelizadora se estrutura no fazer teológico e referência para a práxis pastoral. Para isso, abordar-se-á em um primeiro capítulo a metodologia evangelizadora que pode ser assumida pelos diferentes cenários de Igreja conforme a fundamentação de João Batista Libânio. Num segundo capítulo serão desenvolvidos os critérios da teologia pastoral empregados pela Metodologia Histórico Evangelizadora, o contexto de seu surgimento, fundamentação bíblica, a pesquisa participante e o método participativo. E no terceiro capítulo apresentaremos a Metodologia Histórico Evangelizadora e os desafios para “pastoralizar a teologia e teologizar a pastoral”.

PALAVRAS-CHAVE: Metodologia Histórico Evangelizadora; teologia pastoral; práxis pastoral; evangelização.

ABSTRACT

The present study aims to analyze the criteria of pastoral theology and Evangelizing Historical Methodology to justify their scientific value and importance to “theologize the pastoral and pastoralize the theology”. It is about verifying how the Evangelizing Historical Methodology is structured in the theological making and reference to pastoral praxis. For this, the first chapter will address the evangelizing methodology that can be assumed by different Church scenarios according to the foundations of João Batista Libânio. In a second chapter, the criteria of pastoral theology used by the Evangelizing Historical Methodology will be developed, along with the context of its emergence, biblical foundation, participatory research and the participatory method. And in the third chapter we will present the Evangelizing Historical Methodology and the challenges to “pastoralize the theology and theologize the pastoral”.

KEYWORDS: Evangelizing Historical Methodology; pastoral theology; pastoral praxis; evangelization.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AA – Decreto *Apostolicam Actuositatem*, sobre o apostolado dos leigos.

D Ap – Documento de Aparecida -Texto final da V Conferência do Episcopado Latino Americano e Caribenho.

DM – Documento de Medellín – Texto final da II Conferência do Episcopado Latino Americano e Caribenho.

DP – Documento de Puebla - Texto final da III Conferência do Episcopado Latino Americano e Caribenho.

EG –*Evangelii Gaudium* – Encíclica A alegria do Evangelho.

EM – *Evangelii Nunciandi* – Encíclica sobre a evangelização no mundo contemporâneo.

Itepa – Instituto de Teologia e Pastoral e a mesma sigla para depois do credenciamento ao Ministério da Educação.

MHE – Metodologia Histórico Evangelizadora.

MPP – Metodologia e prática pastoral.

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	05
Resumo.....	06
Abstract.....	07
Lista de siglas e abreviaturas.....	08
Introdução.....	11
1 Metodologia Pastoral em diferentes cenários eclesiais	15
1.1 – A questão da evangelização.....	15
1.2 – Cenário eclesiais e os desdobramentos teológicos e pastorais na evangelização.....	19
1.2.1 – A metodologia evangelizadora no cenário da instituição.....	21
1.2.2 – A metodologia evangelizadora no cenário carismático.....	24
1.2.3 – A metodologia evangelizadora no cenário da pregação.....	29
1.2.4 – A metodologia evangelizadora no cenário da práxis-libertadora.....	34
2 Metodologia Histórico Evangelizadora.....	40
2.1 – O caminho percorrido para o surgimento do Instituto de teologia e ciências humanas – Itepa.....	44
2.1.1 – Concílio Vaticano II.....	45
2.1.2 – Conferências de Medellín e Puebla.....	46
2.1.3 – Teologia da Libertação	48
2.2 - Pequeno resgate histórico sobre a formação presbiteral no Rio Grande do Sul antes do Itepa.....	51
2.3 - O Itepa e a teologia pastoral.....	55
2.4 – O estudo da pastoral no Itepa antes da Metodologia Histórico Evangelizadora.....	58
2.5 - Metodologias teológico-pedagógicas-pastorais e o método participativo.....	59
2.6 – Metodologia Histórico Evangelizadora.....	66
2.6.1 – Fundamentação Bíblica.....	68
2.7 - Fundamentação Metodológica.....	71
2.7.1 – Inserção pastoral.....	72
2.7.2 – A observação.....	73
2.7.3 – O registro.....	74
2.7.4 – Sessão de estudos.....	76
2.7.5 – Reencaminhamentos da sessão de estudos.....	78
2.8 –MHE e uma teologia pastoral em construção.....	80

3 “Pastoralizar a teologia e teologizar a pastoral: contribuições da Metodologia Histórico Evangelizadora para a práxis teológica	82
3.1 - As contribuições da MHE para teologia pastoral.....	84
3.3 - A MHE e a evangelização em processos: aproximação com <i>Evangelii Gaudium</i>	91
3.4 - A MHE e a espiritualidade pastoral.....	96
3.5 – MHE e o compromisso com o Reino de Deus.....	102
Conclusão.....	106
Referências Bibliográficas.....	110

INTRODUÇÃO

A ação evangelizadora é a missão pela qual a Igreja Católica Apostólica Romana responde ao compromisso com o mandato de Jesus Cristo: Ide pelo mundo e anunciem o Evangelho a toda criatura (Mc 16,15). Portanto, evangelizar é uma necessidade eclesial de todos os tempos em vista da fidelidade ao seguimento de Jesus Cristo.

Respondendo aos apelos do Evangelho, a ação evangelizadora será desenvolvida pela Igreja, a qual também se compreende na unidade, mas não é uniforme, ou seja, existe unidade na compreensão que evangelizar é preciso, mas o modo como a evangelização acontece, a eclesiologia subjacente que ela inspira, o jeito de conduzir a ação, a metodologia empregada, muda de acordo com compreensão de Igreja que se tem. Logo, o modo como é compreendida e realizada a evangelização é expressão de uma eclesiologia na qual se inspira a Igreja. A esta expressão eclesial, o teólogo João Batista Libânio chamou de “cenários de Igreja”.

Todavia, a evangelização também requer uma teologia para dar a consistência da fé refletida. E a teologia enquanto ciência terá o seu método para responder as questões próprias da ação evangelizadora. Na América Latina muito contribuiu a experiência da teologia da libertação e a caminhada teológica para uma ação evangelizadora comprometida. Por ser ciência teológica, a teologia da libertação também exprimiu uma necessidade de tornar a experiência da libertação em conteúdo de fé, em revelação de Deus. O substrato próprio da teologia que é a revelação de Deus passou a ser observado na caminhada libertadora dos povos.

Este ver e ouvir por onde a ação libertadora de Deus vai se apresentando é fruto de uma ação pastoral comprometida e refletida. É mais do que um fazer ações religiosas. É uma ação refletida, chamada de práxis. Pela práxis se torna possível evidenciar de maneira sistemática os processos evangelizadores, as necessidades, as alegrias e realizações de todos os envolvidos na evangelização.

Nesta esteira surge o Itepa Faculdades. Que antes de ser credenciado ao Ministério da Educação se constituiu como um curso seminarístico de teologia, chamado Instituto de Teologia e Pastoral, Itepa. E no Itepa a grande preocupação dos seus mentores foi proporcionar aos

agentes de pastoral leigos e candidatos ao ministério ordenado uma sólida formação teológica pastoral.

Os métodos provenientes da teologia clássica já não respondiam mais as necessidades dos novos tempos. E com o auxílio das ciências humanas, os professores do instituto desenvolveram um método próprio de análise científica que engloba prática pastoral e teologia resultando em uma práxis teológica e pastoral, a chamada Metodologia Histórico Evangelizadora (MHE). Com o objetivo de “pastoralizar a teologia e teologizar a pastoral”, a práxis pastoral se estrutura a partir dos processos evangelizadores na relação sujeito-sujeito.

Neste sentido, o questionamento a respeito desta pesquisa é: de que forma os princípios da Metodologia Histórico Evangelizadora contribuem para a práxis do fazer teológico? Dar uma resposta a este questionamento faz parte de um sentido subjetivo e inquietação do pesquisador, mas também uma preocupação constante na ação evangelizadora e na metodologia de pesquisa em teologia.

E a Metodologia Histórico Evangelizadora tem sido um suporte para a caminhada eclesial a encontrar um cenário mais condizente com a ação evangelizadora nos tempos atuais, especialmente na era do Papa Francisco. Um cenário evangelizador apresentado pela encíclica *Evangelii Gaudium* e que vem provocando a ação evangelizadora, a teologia e a pastoral da Igreja atual.

Deste modo, a temática desta pesquisa tem sua relevância por tratar de um assunto primordial para a Igreja, que é a ação evangelizadora e a relação da prática pastoral e o fazer teológico, resultando em uma práxis teológica, que tem sido desenvolvida especialmente no Itepa Faculdades.

A pesquisa em teologia é tantas vezes classificada como fiel as fontes apenas se baseada nos livros dos grandes teóricos reconhecidos. Esta postura revela uma eclesiologia e uma metodologia específica. Já a teologia da libertação e a metodologia da participação rompem com este paradigma ao propor a realidade como fonte inesgotável de teologia. Na realidade concreta da vida é possível perceber Deus que vai se dando a conhecer ser e ao viver o seguimento a Jesus Cristo.

O objetivo que norteia esta pesquisa é analisar os critérios da teologia pastoral e da Metodologia Histórico Evangelizadora para justificar seu valor científico e importância para “teologizar a pastoral e pastoralizar a teologia”. Para desenvolver este objetivo, buscar-se-á o

suporte em três objetivos específicos, que são: estudar os cenários de Igreja propostos por João Batista Libânio e verificar a maneira como cada um compreende a metodologia pastoral e evangelizadora; analisar os princípios da Metodologia Histórico Evangelizadora, desde suas bases e influências até sua relação resultante da práxis pastoral e consequências para o fazer teológico; apresentar os desafios da Metodologia Histórico Evangelizadora e o cenário de Igreja que ela propõe para o fazer teológico e pastoral.

Para tanto, o referido trabalho de pesquisa bibliográfica seguirá o método dialético-critico. E não terá um autor referencial, mas as temáticas dos cenários de Igreja, MHE, teologia pastoral e ação evangelizadora em diálogo.

O referencial teórico para tal pesquisa terá como suporte os seguintes autores e obras: João Batista Libânio e o livro *Cenários da Igreja*, Agenor Brighenti com a obra *A pastoral dá o que pensar*, Clodovis Boff e o livro *O método teológico*, e as produções organizadas por professores do Itepa Faculdades Itepa: história e perspectivas, organizado por Clair Favreto e Rodinei Balbinot, *Metodologia da ação evangelizadora: uma experiência no fazer teológico-pastoral* organizado por Neri Mezadri e Rodinei Balbinot, *Metodologia Pastoral* que foi organizado por Elli Benincá e Rodinei Balbinot. Como a temática é ampla e não se baseia em um único autor, mas na temática da ação evangelizadora, cenários de Igreja e Metodologia Histórico Evangelizadora, vários pensadores auxiliam na construção desta pesquisa.

A fim de percorrer este percurso entre assuntos tão intrigantes que são os cenários de Igreja, MHE e teologia, o presente trabalho será desenvolvido em três capítulos. No primeiro capítulo intitulado “evangelização em diversos cenários eclesiais”, o desenvolvimento será inspirado na obra *Cenários de Igreja* de Libânio e apresentará a evangelização como uma questão eminentemente eclesial e que se desenvolve dentro de uma concepção de Igreja, a saber: cenário tradicional, carismático, da pregação e da práxis libertadora. Em cada um destes cenários é refletida a postura pastoral, o modo como aparecerá o agente de pastoral, as ações desenvolvidas, as inspirações teológicas e a teologia que é produzida. São cenários porque podem ser representativos e pode haver uma mescla de posturas no mesmo agente. Mas a questão é estudar os cenários de Igreja possivelmente encontrados nas opções atuais.

O segundo capítulo terá como título “Metodologia Histórico Evangelizadora” e pretenderá aprofundar o método de pesquisa em teologia desenvolvido pelo Instituto de Teologia e ciências humanas – Itepa Faculdades. Para chegar a esta metodologia de pesquisa em teologia pastoral, o texto apresentará a teologia no Concílio Vaticano II, nas conferências

de Medellín e Puebla, a teologia da libertação e a formação presbiteral. Também, o texto apresentará o Itepa enquanto espaço de formação teológica para presbíteros, religiosos e leigos e o modo como a teologia pastoral foi sendo transformada de disciplina para metodologia de pesquisa pastoral. Outro ponto a ser desenvolvido é a influência do método participativo e da pesquisa participante e até chegar a Metodologia Histórico Evangelizadora, os passos metodológicos específicos que dão a esta metodologia um caráter científico e permitirão ao fazer teológico uma qualificação integrada com a práxis pastoral.

Por fim, a presente pesquisa apresentará os desafios que a evangelização apresenta para a Igreja e para a MHE como a busca de um novo cenário evangelizador a partir do Papa Francisco e os apelos da encíclica *Evangelii Gaudium*; a contribuição da MHE para que a teologia encontre a reconciliação entre pastoral e ciência, isto é, pastoralizar a teologia e teologizar a pastoral como consequência do método histórico evangelizador; neste novo cenário *Evangelii Gaudium* e a contribuição da MHE, a evangelização compreendida como processo faz parte da reflexão desenvolvida; neste novo cenário eclesial, a necessidade de formar agentes de pastoral com uma espiritualidade solidificada; e ainda, a necessidade de manter-se fiel a evangelização iniciada por Jesus e seguida pela Igreja que é a evangelização e o compromisso com o Reino de Deus.

I – Metodologia pastoral em diferentes cenários eclesiais

O tema da evangelização é uma constante preocupação para a Igreja e para a teologia. Nela há uma série de realidades as quais requerem de seus envolvidos uma constituição teórica a partir de opções teológicas e de uma metodologia própria. Além disto, tal ação evidencia um cenário eclesial o qual demonstrará a opção assumida. O que se deseja com esta reflexão é explicitar possíveis cenários pastorais nos quais a evangelização se desenvolve, seus aspectos eclesiais, metodológicos e teológicos. Seguirá o esquema apresentado por João Batista Libânio no livro “Cenários da Igreja”.

1.1 – A questão da evangelização

A Evangelização, em todos os tempos e lugares, tem sido o grande desafio da Igreja, da teologia, da pastoral e de todos os seguidores de Jesus de Nazaré. A iniciativa desta missão é sempre de Deus, que “enviou seu filho ao mundo não para condenar o mundo e sim para que o mundo seja salvo por meio Dele” (Jo 3, 16). Conforme narram os evangelhos, a ação evangelizadora de Jesus se deu por meio do anúncio do Reino de Deus¹ e de novas ações que geram transformação da realidade. É o que acontece quando os discípulos de João Batista vão até Jesus para saber se Ele é o Messias ou se deveriam esperar outro. A referência que Jesus vai dar para os discípulos de João Batista são as ações transformadoras que estavam acontecendo ao seu redor: “os cegos recuperam a vista, os paralíticos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres é anunciada a Boa Notícia” (Mt 11,5).

Após a Páscoa, a missão salvadora iniciada por Jesus terá continuidade por meio de seus seguidores que recebem o envio do Ressuscitado, o qual disse: “Portanto, vão e façam com que todos os povos se tornem meus discípulos... (Mt 28,19-20). O Envio dos discípulos é um continuar a missão do próprio Jesus de Nazaré, o Messias². Depois dos discípulos, este anúncio do Reino de Deus seguirá na comunidade cristã de todos os tempos.

¹ Como se lê no Evangelho de Mateus, capítulos 5-7, toda a ação evangelizadora de Jesus através do anúncio do Reino.

² “Ide a todas as nações é uma ordem, um imperativo que exige um movimento para fora, de saída e de busca. A missão não é um ficar em casa, é um outro começo”. IN: Mazzarolo, Isidoro. *Evangelho de São Mateus*, p. 391.

Nos dias atuais, o tema da evangelização tem ganhado relevância pelas necessidades históricas que o tempo impõe. Desde o Concílio Vaticano II³ a problemática da evangelização ganha espaço nas discussões de âmbito eclesial, teológico e pastoral. Como ressalta a própria constituição Dogmática *Lumen Gentium*

E por isso continua incessantemente a enviar os pregadores, até que as Igrejas nascentes sejam plenamente constituídas e continuem elas mesmas o trabalho de evangelizar. Pois pelo Espírito Santo é ela compelida a cooperar, para que efetivamente se cumpra o plano de Deus, que constituiu Cristo como princípio de salvação para todo o mundo (LG 17).

Faz parte da necessidade eclesial continuar esta obra de Jesus Cristo através dos tempos. Nos últimos anos o tema foi debatido no Sínodo que refletiu sobre a evangelização no mundo contemporâneo. Fruto maduro desta reflexão eclesial é a exortação *Evangelii Nuntiandi* do Papa Paulo VI. Nela encontra-se a seguinte definição: “Evangelizar, para a Igreja, é levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade: “Eis que faço de novo todas as coisas” (EN 18). Logo, a Evangelização é a ação própria da Igreja que se realiza no anúncio da Boa Notícia de Jesus Cristo. E tem como primeira destinatária desta ação a própria Igreja, como diz a mesma exortação:

A finalidade da evangelização, portanto, é precisamente esta mudança interior; e se fosse necessário traduzir isso em breves termos, o mais exato seria dizer que a Igreja evangeliza quando, unicamente firmada na potência divina da mensagem que proclama, ela procura converter ao mesmo tempo a consciência pessoal e coletiva dos homens, a atividade em que eles se aplicam, e a vida e o meio concreto que lhes são próprios (EN 18).

Esta exposição do conceito Evangelização conforme a Igreja Católica encontrada na *Evangelii Nuntiandi* coloca a própria Igreja como primeira receptora do anúncio da Boa Notícia, criando dentro de si um movimento de duplo encontro: ao exercer a função de anunciadora do Evangelho, este ressoa no coração da própria comunidade cristã que se torna evangelizada e evangelizadora. É o que define a Evangelização como o encontro contínuo da Igreja com a centralidade da fé. Diz a exortação:

³ Concílio Ecumênico Vaticano II aconteceu nos anos 1962 a 1965.

Evangelizadora como é, a Igreja começa por se evangelizar a si mesma. Comunidade de crentes, comunidade de esperança vivida e comunicada, comunidade de amor fraterno, ela tem necessidade de ouvir sem cessar aquilo que ela deve acreditar, as razões da sua esperança e o mandamento novo do amor (EN 15).

Desde o Concílio Vaticano II e as inspirações de Paulo VI, os pastores e os teólogos da Igreja mantêm o tema da evangelização em destaque nos seus programas de ação pastoral. É oportuno destacar que o Papa Francisco, ao apresentar seu programa pastoral, usa como tema central a “alegria do Evangelho”⁴. Nas palavras dele: “A evangelização é dever da Igreja. Este sujeito da evangelização, porém, é mais do que uma instituição orgânica e hierárquica; é, antes de tudo, um povo que peregrina para Deus” (EG 111). Ele evidencia a missão própria da Igreja como uma ação conjunta de todo o Povo de Deus⁵, amplia a compreensão da ação evangelizadora para todos os que fazem parte deste Povo (LG 13) e ainda acrescenta a dimensão própria da alegria⁶, fruto do encontro com Cristo⁷ que impele continuamente a anunciar a Boa Notícia de Jesus Cristo por ter encontrado Nele o sentido da sua existência. Nas palavras do próprio Papa Francisco:

Somente graças a esse encontro – ou reencontro – com o amor de Deus, que se converte em amizade feliz, é que somos resgatados da nossa consciência isolada e da autorreferencialidade. Chegamos a ser plenamente humanos, quando somos mais do que humanos, quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro. Aqui está a fonte da ação evangelizadora. Porque, se alguém escolheu esse amor que lhe devolve o sentido da vida, como pode conter o desejo de comunicá-lo aos outros? (EG 8)

⁴ Afirma o Papa Francisco: “A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quando se deixam salvar por Ele e são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, a alegria renasce sem cessar” (EG 1).

⁵ Sobre este termo é importante recorrer a Constituição Dogmática *Lumen Gentium* quando diz: “Todos os homens são chamados a pertencer ao novo Povo de Deus. Por isso este povo, permanecendo uno e único, deve estender-se a todo o mundo e por todos os tempos, para que se cumpra o desígnio da vontade de Deus” (LG 13)

⁶ Ao falar sobre a alegria da ação evangelizadora, o Papa emérito Bento XVI afirmou “Nossa alegria, portanto, baseia-se no amor do Pai, na participação no mistério pascal de Jesus Cristo que, pelo Espírito Santo, nos faz passar da morte para a vida, da tristeza para a alegria, do absurdo para o sentido profundo de nossa existência, do desalento para a esperança que não engana. Esta alegria não é sentimento artificialmente provocado nem estado de ânimo passageiro” (D Ap 17).

⁷ O Papa emérito Bento XVI concluiu o seu discurso inaugural da Conferência do CELAM em Aparecida com a seguinte frase: “Conhecer Jesus Cristo pela fé é nossa alegria; segui-lo é uma graça, e transmitir este tesouro aos demais é uma tarefa que o Senhor nos confiou ao nos chamar e nos escolher” (D Ap 18).

Associado ao anúncio da Boa Notícia, a evangelização na Igreja segue o exemplo de Jesus de Nazaré que, além de falar do Reino de Deus (Mc 1,15) mantinha práticas transformadoras da realidade concreta que lhe deram o respaldo que muitos mestres da lei de seu tempo não tinham. Era a unidade entre a palavra e a prática (Mc 1,27). Também a ação evangelizadora da Igreja ganha sentido cada vez mais explícito quando atinge a realidade humana. Como recorda o Documento da terceira reunião do episcopado Latino Americano e caribenho em 1979 na cidade de Puebla:

A Igreja tem obrigação de pôr em relevo este aspecto integral da evangelização, primeiro pela constante revisão de sua própria vida e depois pelo anúncio fiel e pela denúncia profética. Para que tudo isso se faça de acordo com o espírito de Cristo, devemos exercitar-nos no discernimento das situações e dos chamados concretos que o Senhor faz em cada tempo. Isto exige atitude de conversão e de abertura e um sério compromisso com aquilo que foi reconhecido como autenticamente evangélico (DP 138)

Seguindo esta linha de pensamento, a Igreja mantém a sua missão evangelizadora na concretude da existência humana com opções claras que fazem dela uma continuadora da missão de Jesus Cristo. Tanto maior sua incidência na vida concreta das pessoas, unindo o anúncio da fé, transformada pela mensagem do Evangelho, gerando vida digna no mundo, tanto mais fiel ao seu propósito será a missão evangelizadora da Igreja e sua opção pelos pobres⁸.

Esta prática transformadora da realidade, como sendo uma opção que nasce do Evangelho é a fidelidade da ação evangelizadora ao projeto de Jesus. O anúncio da Boa Nova resultará na mudança de vida das pessoas envolvidas pelos processos evangelizadores, e uma mudança de vida integral como exorta o Papa Francisco:

O nosso compromisso não consiste exclusivamente em ações ou em programas de promoção e assistência; aquilo que o Espírito põe em movimento não é um excesso de ativismo, mas primariamente uma *atenção* prestada ao outro “considerando-o como um só consigo mesmo”. Esta atenção amiga é o início duma verdadeira preocupação

⁸ Sobre este aspecto segue a reflexão do Papa Francisco: “Como ensinava Bento XVI, esta opção “está implícita na fé cristológica naquele Deus que Se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza”. Por isso, desejo uma Igreja pobre para os pobres. Estes têm muito para nos ensinar. Além de participar do *sensus fidei*, nas suas próprias dores conhecem Cristo sofredor. É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles. A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles: não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles (EG 198).

pela sua pessoa e, a partir dela, desejo procurar efetivamente o seu bem (EG 199).

Fica evidente que a ação evangelizadora da Igreja é uma constante tarefa que os seguidores de Jesus Cristo têm a desempenhar para tornar a Boa Notícia do Reino inaugurado por Jesus. Para Paulo VI, evangelização é mais do que um comunicar o Evangelho em determinadas regiões geográficas, mas é possibilitar que a vida das pessoas as quais chega à mensagem da salvação seja transformada, bem como toda a maneira de se entender como cristãos no mundo⁹. Mas a maneira como a ação evangelizadora é realizada dependerá, em muito, do modo como os agentes assumem a sua missão, a compreensão de Igreja que lhes é própria, a teologia que fundamenta sua atuação.

Pensando exatamente neste aspecto é que se pretende desenvolver esta pesquisa. Será refletida a missão evangelizadora da Igreja Católica em quatro cenários eclesiais identificados por João Batista Libânio, os quais são portadores de uma tradição teológica e indicam como o agente da ação evangelizadora se “comportará” na missão que lhe é confiada.

1.2– Metodologia evangelizadora nos diferentes cenários

A ação evangelizadora se desenvolve dentro de uma realidade concreta, formada por pessoas que escutaram o convite de Jesus de Nazaré: “ide e fazei discípulos” (Mt 28, 19). Animados por este convite, os evangelizadores serão conduzidos a desempenhar sua função pastoral através de suas convicções, de suas inspirações e também dos contextos que influenciam o modo de anunciar. Nas palavras de José Antônio Pagola:

Esta é a nossa missão: fazer “seguidores” de Jesus que conheçam sua mensagem, sintonizem com seu projeto, aprendam a viver como Ele e reproduzam hoje sua presença no mundo. Atividades são fundamentais como o batismo, compromisso de adesão a Jesus, e o ensino de “tudo o que foi mandado” por Ele são vias para aprender a ser discípulos¹⁰.

⁹ Nas palavras de Paulo VI: “Para a Igreja não se trata tanto de pregar o Evangelho a espaços geográficos cada vez mais vastos ou populações maiores em dimensões de massa, mas de chegar a atingir e como que a modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação.” (EN 19)

¹⁰ PAGOLA, José Antônio. *O Caminho aberto por Jesus, Mateus*, p. 345.

O que surpreende é que a mensagem do Evangelho anunciada, seja por palavras ou por atitudes, vai se descortinando em determinadas situações, as quais convêm chamar de cenários. A opção pelo conceito de cenários é influenciada pela observação que João Batista Libânio faz no livro “Cenários da Igreja”. A dimensão de cenário evita enquadramentos enrijecidos, expressos de maneira fechada e normativa¹¹. Esta preocupação é própria dos modelos¹². Conforme o autor, quando se escolhe como critério de análise a dimensão de modelos, “escolhe-se um eixo central em torno dele e se organizam os elementos principais do corpo social. Transfere-se para a escolha desse eixo o mais importante da análise, entrando em jogo, nesse momento, interesses políticos e eclesiais”¹³. Acrescentando a esta definição de modelo, José Antônio de Almeida afirma:

Pode até acontecer que o teórico, ao identificar e apresentar vários modelos, deixe transparecer sua preferência por este ou aquele. Tal fato há de se atribuir ao pesquisador, ser individual, pessoa concreta, alguém situado num espaço e num tempo muito determinado, sujeito a influências e preferências como qualquer pessoa. Nem por isso o modelo perde seu caráter pessoal, atemporal, abstrato¹⁴.

Deste modo, a opção que mais se adéqua a uma meditação atualmente é, conforme Libânio, partir para o modo cenários, cuja flexibilidade auxilia a encontrar um horizonte atual e versátil. Segundo o autor: “ela (cenário) se orienta mais para uma prospectiva que para momento presente. Evidentemente o futuro adquirirá plausibilidade à medida que o presente o avaliar. Este tipo de análise não manifesta preferência nem exige a escolha de um dos cenários”¹⁵. Portanto, ao desenvolver a análise das características da evangelização nos cenários eclesiais não se deseja exaurir todas as atribuições dos mesmos, mas lançar um olhar analítico, percebendo a influência deles nos processos evangelizadores.

Neste trabalho os cenários pastorais a serem analisados serão quatro, a saber: da instituição, carismático, da Palavra e práxis libertadora¹⁶. Cada qual receberá uma análise geral,

¹¹ Antônio José de Almeida disserta sobre o termo dizendo que “modelo em teologia não é para ser posto em prática, nem imitado, nem aplicado. É um instrumento gnoseológico, não axiológico. Não se trata de grade valorativa, mas cognitiva” IN: ALMEIDA, Antônio José. *Paróquia, comunidades e pastoral urbana*, p. 92.

¹² Apesar de que Agenor Brighenti utiliza a definição de modelos pastorais na obra “A pastoral dá o que pensar”.

¹³ LIBÂNIO, João Batista. *Cenários da Igreja*, p. 12.

¹⁴ ALMEIDA, Antônio José. *Paróquia, comunidades e pastoral urbana*, p. 92.

¹⁵ Id. p. 13.

¹⁶ Esta sequência segue o esquema do livro *Cenários da Igreja* de João Batista Libânio.

abordando aspectos da influência teológica que constitui cada cenário, a eclesiologia e os desdobramentos teológicos respectivos.

1.2.1 – A metodologia evangelizadora no cenário da instituição

A chave de leitura pastoral que se desenvolve no cenário da instituição tende a incorrer em um forte apelo da realidade jurídico-pastoral da qual ele provém, que é a instituição. As ações encontradas dentro deste cenário, em grande parte, serão orientadas para o fortalecimento da mensagem da instituição, que é a fiel depositária do Evangelho.

A dinamicidade pastoral deste cenário girará em torno das grandes causas da instituição e da sua afirmação no mundo, no caso, a Igreja. Haverá uma busca por motivações pastorais que reforcem o modo de vida dos atingidos pela evangelização com determinados temas, por exemplo, moral, direito canônico, liturgia. Nas palavras de Libânio:

Impor-se-á o aspecto estritamente institucional da Igreja. Reforçar-se-ão seus três centros principais: a cúria romana, a diocese e a paróquia. Insistir-se-á na visibilidade institucional, desde as vestes clericais até a presença da mídia. Atribuir-se-á maior relevância ao Direito Canônico, às leis, às normas, às regras, aos ritos, às rubricas¹⁷.

Como a preocupação evangelizadora é manter viva a fé da Igreja, os temas ligados a instituição terão grande impacto na vida das pessoas, haja visto que os assuntos abordados para a formação da fé serão aqueles que emergem das preocupações eclesiais. Estas características estão muito próximas de um cenário histórico da cristandade¹⁸, quando a instituição eclesial realiza um processo de uniformidade entre Igreja-Estado. A Igreja legitima o poder temporal que, por sua vez, assume a Igreja como modelo perfeito de sociedade¹⁹. E neste cenário, a

¹⁷ LIBÂNIO, João Batista. *Cenários da Igreja*, p. 15.

¹⁸ Júlio Ramos explicita como se deu a pastoral na cristandade, sendo que, seus aspectos fazem parte de um período da história da Igreja, mas se enquadram, a sua maneira, no cenário institucional. Nas palavras deste autor: “[...] Esta pastoral se baseia na coerência entre civilização ocidental e cristianismo na união do poder político vigente com a hierarquia eclesiástica, com a conseguinte sacralização das instituições temporais e a politização sociocultural das estruturas eclesiais. A Igreja, concebida segundo esta pastoral como *societas perfecta*, é o único instrumento de salvação (“*extra ecclesiam nulla salus*”) mediante ritos que salvam a alma do pecado e do inferno para conseguir o céu”. IN: RAMOS, Júlio. *Teologia Práctica*, p. 128.

¹⁹ Antônio José Almeida, ao falar da instituição da cristandade diz que “aos olhos da História, a Cristandade foi, provavelmente, mais uma construção autoritária e um enquadramento dos povos que uma adesão consciente e livre dos povos e, sobretudo, das pessoas, a uma religião revelada”. IN: ALMEIDA, Antônio José. *Paróquia, comunidades e pastoral urbana*, p. 65.

instituição será mais valorizada enquanto sistema hierarquicamente organizado, com uma doutrina a ser comunicada.

Enquanto instituição constituída de uma hierarquia, a ação evangelizadora sustentada por esta perspectiva se compreenderá num modelo clássico piramidal cuja base estará os destinatários da evangelização, as pessoas em geral, o povo, e no alto da pirâmide estará os artífices deste trabalho que são os clérigos. É o que se constata na afirmação de Júlio Ramos:

Sua autocompreensão corresponde a clássica figura piramidal. A Igreja se encontra claramente estratificada e rigidamente estão marcadas as separações de suas camadas. Cada uma delas tem relações de obediência com o que está em cima e de mandato com o que está em baixo. Cada camada concede algo, no todo, de seu poder a camada seguinte²⁰.

Se a compreensão eclesial girará em torno da autoridade hierárquica, logo, a tarefa evangelizadora geralmente será atribuída aqueles que estão ligados a ela, os representantes da instituição, no caso, os clérigos.

No cenário da instituição, os clérigos serão compreendidos como agentes de pastoral com uma superioridade, já que eles estão na parte de cima da pirâmide. Explica Júlio Ramos: “Da mesma maneira se compreende o protagonismo e a responsabilidade pastoral. À medida que se vai descendo na pirâmide a importância da obra é menor e vai crescendo a passividade e a falta de responsabilidade ante ela, unidas a um forte sentido de obediência”²¹. Deste modo, a ação pastoral fica relegada a uma relação de hierarquia e obediência. A hierarquia, que está acima dos demais, tem o “poder” de evangelizar os que estão “abaixo”, na base da pirâmide.

Dentro desta conduta pastoral, uma marca forte será a evidência da figura eclesial. Como a ação pastoral será centralizada na pessoa do clérigo, os caminhos trilhados por quem assume este cenário inclinam-se a uma valorização das insígnias, a presença visível na sociedade para designar em nome de quem ele está a serviço, no caso, a instituição. É a evangelização que se dá pela sacralização do estético e da visibilidade eclesial.

Ao adotar costumes antigos e tradicionais, ele o fará com perspectiva bem diferente. Já não será o sacerdote piedoso, trajando batina surrada, das cidades do interior. Será um clero que cuidará dos pormenores de sua túnica, que usará a alta tecnologia de um som em seus sermões, que

²⁰ RAMOS, Júlio. *Teologia Pastoral*, p. 128.

²¹ Id. p. 128.

recorrerá aos recursos teatrais e musicais sofisticados. Repetir-se-ão cenas que hoje se veem de sacerdotes de “batina prateada”²².

A exaltação da figura do agente de evangelização por meio da visibilidade das roupas ou do uso de paramentos litúrgicos sofisticados terá como pano de fundo reforçar a visibilidade da instituição e o seu papel no mundo, resquícios da tradição da cristandade. O presbítero provavelmente terá uma conduta pastoral pautada pelo tradicional sistema da conservação pastoral, outra influência da eclesiologia da cristandade. Sobre este aspecto, Agenor Brighenti reflete que a pastoral de conservação “é o modelo de pastoral do regime de cristandade. Está ainda vigente na Igreja e existe há mais de mil anos, apesar de haver sido radicalmente superada pelo Concílio Vaticano II, há meio século”²³. É, portanto, uma característica encontrada neste cenário pastoral e que persistirá nas ações, nos modos como a evangelização será realizada na Igreja. As características que permearão a pastoral de conservação, segundo o autor acima citado, terão a centralidade na pessoa do padre que será o artífice de toda a função religiosa realizada na pastoral, ou seja, “funciona centralizado no padre e na paróquia e, no seio desta, na matriz”²⁴. Volta ao ponto da visibilidade institucional como mantenedora de tudo o que diz respeito à atuação da Igreja. E para que isso se concretize, a centralização das decisões tende a girar em torno daquele que representa a instituição, no caso, o pároco, que está na matriz e, “acontecerá assim o reforço da dimensão de poder, da organização da Igreja”²⁵, preocupada com questões internas, burocráticas, de foro interno atividades sacramentais e muito repetidas em torno de si mesma. Como diz Brighenti: “Na pastoral de conservação, o administrativo predomina sobre o pastoral; a sacramentação sobre a evangelização; a quantidade sobre a qualidade; o pároco sobre o bispo; o padre sobre o leigo; o rural sobre o urbano; o pré-moderno sobre o moderno; a massa sobre a comunidade”²⁶.

No que se refere à ação evangelizadora e a atenção aos pobres, o cenário da instituição poderá acercar-se de uma presença que deixe a entender que a caridade feita ao pobre é realizada pela instituição. Pode ser que as obras sociais mantidas tenham um trabalho interessante no que

²² LIBÂNIO, João Batista. *Cenários da Igreja*, p. 35.

²³ BRIGHENTI, Agenor. *A ação pastoral em tempos de mudança: Modelos obsoletos e balizas de um novo paradigma*, p. 2.

²⁴ Id. p.2.

²⁵ LIBÂNIO, João Batista. *Cenários da Igreja*, p. 34.

²⁶ BRIGHENTI, Agenor. *A ação pastoral em tempos de mudança: Modelos obsoletos e balizas de um novo paradigma*, p. 2.

se refere à assistência aos necessitados, mas é preciso que fique claro que a obra é ligada a instituição da Igreja.

Logo, será uma pastoral sem conflitos, baseada em critérios de mútua ajuda daqueles que tem condições auxiliarem no sustento econômico das obras sociais da instituição. Na explicação de Júlio Ramos, inspirado em uma teologia da pastoral do período da cristandade, o qual se enquadra no cenário em questão: “embora esta pastoral para as massas, com poucas exigências e enormes facilidades de pertença, desculpabiliza com não menos facilidades as pessoas oligárquicas, de quem recebem o apoio econômico e, com o dinheiro, a ideologia dominante”²⁷. E Libânio acena para a ação pastoral da instituição com os pobres na seguinte perspectiva: “Neste cenário a Igreja se preocupará com os pobres por meio de suas obras de assistência. Será sinal de sua presença na sociedade. Suprirá em muitos momentos e lugares o Estado no cuidado dos marginalizados, seguindo assim a longa e ininterrupta tradição da Igreja desde seus primórdios até hoje na ajuda dos mais necessitados”²⁸.

Portanto, a ação evangelizadora desenvolvida em um cenário institucional terá suas raízes nas experiências eclesiológicas e pastorais da cristandade. Será uma pastoral marcada pela manutenção da Igreja, centralizada na pessoa do padre, na administração dos sacramentos e na formação doutrinal dos fiéis, com uma prática assistencial que evidencie as obras sociais da Igreja sem criar conflitos com o sistema econômico vigente.

1.2.2 – A metodologia evangelizadora no cenário Carismático

A ação evangelizadora desenvolvida em um cenário carismático será marcada pela forte influência da experiência religiosa, com um viés individual, e uma pastoral com caráter de conversão moral e a vida segundo os carismas do Espírito Santo. É interessante perceber que a evangelização em cenário carismático não significará propriamente uma identificação ou participação ao movimento chamado Renovação Carismática Católica²⁹. Esta, por sinal, está contida no cenário em questão, mas nem toda a opção por evangelizar com o viés carismático significa pertença ao movimento.

²⁷ RAMOS, Júlio. *Teologia Práctica*, p. 270.

²⁸ LIBÂNIO, João Batista. *Cenários da Igreja*, p.49.

²⁹ Movimento da Igreja Católica que teve seu início com uma experiência do Espírito Santo com um grupo de estudantes americanos no ano 1967. Ganha impulso dentro das perspectivas de renovação do Concílio Vaticano II e se estrutura como uma perspectiva de ação evangelizadora.

Evangelizar nesta perspectiva acenará para uma marca forte de um encontro deste mistério profundo. Ainda, será uma saída evangelizadora em tempos de subjetividade e individualidade. Sobre isto discorre Frei Betto:

A crise da modernidade favorece espiritualidades adaptadas às necessidades psicossociais de evasão, da falta de sentido, de fuga da realidade conflitiva. Espiritualidades de tradição religiosa egocêntricas, ou seja, centradas no eu, e não no outro, capazes de livrar o indivíduo da conflituosidade e da responsabilidade social³⁰.

É um cenário bastante próximo da realidade de um agente de pastoral de contexto moderno, de um indivíduo que encontra no sagrado um refúgio de suas angústias pessoais e as torna experiência de Deus³¹. Desta ação do Espírito que “modifica” a vida interior, a pessoa transformada, encontrando sentido de sua existência, será também convidada a evangelizar outros, ajudando outras pessoas a fazerem a sua experiência. Libânio reflete que esta busca pelo sagrado, advinda de experiências religiosas suprem carências individuais, e, até mesmo tendem a se tornar objeto de desejo. Diz ele:

O fenômeno religioso conservará certa ambiguidade a respeito da maneira como Deus é experimentado. Para muitos, a sedução do Sagrado é de tal maneira que Deus aparece como objeto de desejo. Santo Tomásalaria que Deus é o “sujeito” de nossas aspirações, buscas, desejos. Em muitos casos, porém, essa sedução não terá essa beleza mística. Deus emergirá como quem vem ao encontro de nossas necessidades, quer materiais, quer psíquicas, quer espirituais³².

Será frutuoso o desenvolvimento de movimentos eclesiais cuja atuação se dará através de ações evangelizadoras pautadas pela vida espiritual, com práticas de oração, retiros espirituais, grupos de oração. A prática eclesial será voltada para a pessoa que, ao fazer uma experiência de sagrado, buscará momentos fortes de reforçar esta experiência. Uma das expressões mais visíveis destes movimentos e ganha um espaço significativo na manutenção do cenário carismático é a Renovação Carismática Católica. Conforme a pesquisa de Flávio

³⁰ BETTO, Frei. *Fome de Deus: fê e espiritualidade no mundo atual*, p. 66.

³¹ A experiência com o sagrado como sentido de vida, do qual muitos procuram, é desenvolvida por Winibald Müller com as seguintes palavras: “Quem se deixa envolver pelo Deus excelso, a Vós louvor, quem, ao cantá-lo, abandona-se realmente ao Outro maior, ao Inteiramente Outro, mas que é ao mesmo tempo o que nos está mais próximo, este liberta dentro de si forças que o impelem para o Interiormente Outro. São aquelas forças em nós que, quando lhes permitimos agir, provocam o sentimento que se manifesta quando vamos além de nós mesmos. São os momentos em que experimentamos em nós o sagrado, o *tremendum et fascinosum*. É como se a eternidade tocasse o momento presente”. IN: MÜLLER, Wunibald. *Deixar-se tocar pelo sagrado*, p. 66.

³² LIBÂNIO, *Cenários da Igreja*, p. 62-63.

Munhoz Sofiati, em artigo publicado sobre os elementos sócio-históricos da Renovação Carismática, a experiência pastoral dos grupos de oração é um marco para estes grupos que se aproximam do carisma do cenário carismático. Nas palavras de Flávio:

A RCC se organiza em torno de grupos de oração e de diversos eventos de massa chamados pelo movimento de seminários de vida no espírito, cenáculos, rebanhões, encontrões e festivais. Os grupos de oração representam a base social da estrutura do movimento. A atividade central é a oração, seja ela de louvor, de ação de graças, em línguas, contemplativa, de libertação e de cura. Nela se inserem todo tipo de emoção e manifestação de experiência pessoal, leitura da Bíblia e cantos³³.

Será possível perceber neste cenário uma busca expressiva por práticas de oração e devoção pessoal, com o aval da Igreja que vê, em muitas ocasiões, um terreno fecundo para uma busca daqueles que abandonaram a comunidade eclesial realizarem experiência da vida no Espírito Santo, e encontrar o caminho de volta para a Igreja.

Mesmo que o subjetivismo e a experiência pessoal sejam marcas fortes, há também um toque de institucionalização desta experiência pois, como mencionou Flávio Munhoz Sofiati, ainda que a prática pastoral tenha início em uma experiência pessoal, ela se organizará dentro do espaço institucional, com a autorização da instituição e promovendo, e muito, a Igreja na sociedade.

O que pode ser afirmado é que os carismáticos conseguiram se adaptar de forma exemplar à hierarquia católica no Brasil. O movimento consegue manter toda radicalidade em sua proposta de evangelização sem romper com os princípios básicos que orientam as dioceses e paróquias em todo país. As tensões estão presentes em muitos lugares, porém, o que predomina é uma profunda e intensa comunhão com a doutrina apostólica romana.[...] A devoção à figura bíblica de Maria e a obediência subserviente ao Papa são elementos que ajudam a entender essa realidade. Mas, além disso, tem sido fundamental a adesão cada vez maior de padres, freiras, diáconos e agentes da hierarquia católica que acabam por coroar os caminhos assumidos pelos carismáticos no Brasil³⁴.

³³ SOFIATI, Flávio Munhoz. Elementos históricos da Renovação Carismática. IN: Estudos de religião, v 23, n 37, julho/dezembro 2009, p. 219.

³⁴ Id. p. 231.

Neste processo que acontece dentro do cenário carismático no qual a experiência se torna institucionalizada, é possível perceber traços de uma teologia pastoral de neo-cristandade que Agenor Brighenti chamará de ação evangelizadora de pastoral apologista. Reporta ao período do Concílio de Trento³⁵. Para Brighenti, nesta metodologia pastoral “a vida eclesial irá girar em torno à presença do Santíssimo Sacramento (adoração), à devoção à Virgem Maria, à missa como sacrifício e ao sacerdócio clerical”³⁶. Outrossim, o mesmo autor discorre sobre características desta tendência apologista, possivelmente enquadrado em um cenário carismático:

Na ação evangelizadora, a pastoral apologista se apoia numa “missão centrípeta”, a ser leva a cabo pela milícia dos cristãos, soldados de Cristo, a “legião” de leigos e leigas “mandatada” pelo clero. A missão consiste, numa atitude apologética e proselitista, em sair para fora da Igreja, a fim de trazer de volta as “ovelhas desgarradas” para dentro dela³⁷.

Todavia, se a teologia pastoral apologética tem como característica ainda uma submissão à figura eclesiástica, para Libânio, no cenário carismático haverá uma forte atuação dos leigos, que serão mais do que consumidores de espiritualidade, serão eles a desenvolver atitudes fundamentais que terão no seu centro a pregação. Nas palavras dele: “os leigos assumem uma relevância no campo da espiritualidade. Passam de simples consumidores clericais ou das grandes tradições da vida religiosa para desenvolver uma espiritualidade tão expressiva que chegam a alimentar o clero e a formá-lo nos seminários.”³⁸ Esta pregação, segundo Libânio, não será de teor catequético moralista, mas uma pregação que consiga conduzir as pessoas para a experiência espiritual. Aí sim, o que o Brighenti aponta como característica apologética faz sentido, pois com a multiplicidade de pessoas envolvidas neste cenário, uma “legião” de fiéis estará disposta para fazer a sua parte na evangelização.

Neste ponto o cenário carismático também se aproxima de uma linha de pastoral que Brighenti chama de secularista. Como ele mesmo explica: “a pastoral secularista propõe-se responder às necessidades imediatas das pessoas, em sua grande maioria no contexto atual,

³⁵ Foi o décimo nono concílio da Igreja Católica e aconteceu entre 1545 a 1563. Foi uma resposta da Igreja Católica frente a Reforma Protestante.

³⁶ BRIGHENTI, Agenor. *A pastoral dá o que pensar*, p. 29.

³⁷ BRIGHENTI, Agenor. Por uma evangelização realmente nova. IN: *Perspectiva Teológica*, n 125, jan/abril 2013, p. 92.

³⁸ LIBÂNIO, *Cenários da Igreja*, p. 69.

órfãs de sociedade e Igreja”³⁹. Mais ainda: “em suas fileiras, estão pessoas que querem ser felizes hoje, buscando solução para seus problemas concretos e apostando em saídas providencialistas e imediatas”⁴⁰.

O que permite enquadrar o cenário carismático também dentro de uma linha secularista é que o trabalho pastoral desenvolvido pode corresponder às necessidades existenciais mais imediatas dos fiéis. Através do grupo de oração, do retiro, do encontro, da celebração da Eucaristia, a pessoa se sente tocada pelo Espírito Santo, o qual preenche os vazios da pessoa, respondendo a uma busca pessoal imediata àquilo que o religioso pode proporcionar. É o que Flávio Munhoz Sofiati delinea ao descrever qual é a teologia própria da linha carismática, seus principais enfoques, os quais nascem do carisma do Espírito Santo para viver uma vida de fé. Nas palavras deste autor:

A teologia carismática [...] não foi pensada e desenvolvida por biblistas, mas é algo que surge da prática carismática, como “expressão de uma fé com antecedentes no movimento pietista norte-americano”. Essa teologia possui dois pontos fundamentais: a noção de “vida nova” que corresponde ao ato de deixar que o Espírito Santo atue sobre o indivíduo; e a noção do senhorio de Jesus Cristo, significando a necessidade de Jesus direcionar a vida. Ambos os pontos são profundamente articulados e interligados pelo fato do segundo ser apenas possível a partir da presença do primeiro⁴¹.

Pela informação acima citada, a intervenção de Libânio a respeito da formação teológica, catequética ou bíblica neste cenário retrata o que é fundamental para a experiência do sagrado. O recurso da Palavra de Deus poderá ser tratado como ‘receita para a superação dos problemas através da mensagem sagrada’. O contato com a Palavra de Deus servirá para encontrar a solução que Deus dá as necessidades daquele que o procura. Logo, é um método subjetivo de ler e interpretar a Sagrada Escritura sem levar em conta os métodos exegéticos com critérios mais científicos. Como diz Libânio: “Ao estar-se em uma dificuldade, ao perceber-se em uma situação penosa, abrir-se-á a Bíblia ao acaso à espera de que o texto encontrado seja a solução dada por Deus. [...] Nada significa que se aprofundará a mensagem Bíblica”⁴².

³⁹ BRIGHENTI, Agenor. *A ação pastoral em tempos de mudança: Modelos obsoletos e balizas de um novo paradigma*, p. 3,

⁴⁰ Id. p. 3.

⁴¹ SOFIATI, Flávio Munhoz. Elementos históricos da Renovação Carismática. IN: *Estudos de religião*, v 23, n 37, julho/dezembro 2009, p. 226.

⁴² LIBÂNIO, *Cenários da Igreja*, p. 63.

Seguindo a análise da leitura bíblica neste cenário, a teologia carismática, como já percorreu Flávio Sofiati, seguirá o embalo da vida no Espírito e das experiências emocionais mais do que os critérios racionais da fé, elaborados pela Tradição da Igreja. A literatura religiosa carismática, pela perspectiva de Libânio, segue então o ritmo das narrativas das curas, dos milagres, ou seja, transformar a experiência religiosa individual em livros, a fim de conduzir os leitores a buscarem fomentar suas próprias práticas espirituais. Diz Libânio:

A teologia será mais ignorada e indesejada que controlada. O lado racional da fé cederá lugar às vivências emocionais. Os temas mais diretamente ligados à experiência do Espírito Santo serão mais estudados. Abundará uma literatura teológica de divulgação sobre milagres, cura interior, batismo no Espírito, dons do Espírito Santo, carisma e temas semelhantes. O interesse comercial de vendagem tenderá a ser ainda mais decisivo na escolha das publicações. Então uma literatura carismática, de auto ajuda espiritual, de divulgação religiosa terá maior acolhida⁴³.

É permitido encontrar nesta explicitação a respeito do cenário carismático mais elementos de uma pastoral secularista abordada pelo Brighenti como um “deslocamento, na esfera da subjetividade individual, da militância para a mística, do profético para o terapêutico e do ético para o estético (passagens estéticas)”⁴⁴.

Portanto, o cenário carismático e suas características expressa a ação evangelizadora na força do carisma, fruto da experiência com o Espírito Santo, ou com o sagrado, o tremendo e fascinante. Dedicar-se a evangelizar através das emoções, dos sentidos, dos sentimentos. Possui traços de uma pastoral neo-cristandade, e por outro lado, se assemelha a aspectos de uma pastoral secularista. Os envolvidos na ação desenvolverão uma mensagem que “agrade” o ouvinte, conduzindo-o a experiência espiritual.

1.2.3 – A metodologia evangelizadora no cenário da pregação

A ação evangelizadora realizada conforme o cenário da pregação sugerirá um acento específico na formação e qualificação dos conteúdos da fé. O eixo no qual se desenvolverá toda a pastoral se aproximará muito da formação teológica, da qualificação dos agentes de pastoral

⁴³ Id. p. 63-64.

⁴⁴ BRIGHENTI, Agenor. *A ação pastoral em tempos de mudança: Modelos obsoletos e balizas de um novo paradigma*, p. 4.

e de fundamentar, através dos conteúdos, a vida de fé das pessoas na comunidade eclesial. Na observação de Libânio, “buscar-se-á para o fiel um aprofundamento de sua fé pela via do saber”⁴⁵.

Como base da formação intelectual da fé, o cenário da pregação terá no estudo da Bíblia sua energia. Seguindo as orientações do Concílio Vaticano II, cuja constituição dogmática *Dei Verbum*, especialmente no capítulo VI exorta: “É preciso que o acesso à Sagrada Escritura seja amplamente aberto aos fiéis” (DV 22). E logo mais a mesma constituição reforça a necessidade do estudo e da formação: “assim, pois, que pela leitura e o estudo dos Livros Sagrados “seja difundida e glorificada a palavra de Deus” (DV 26). Para Libânio, o cenário da pregação valorizará os grupos de estudo bíblicos de aprofundamento da Sagrada Escritura será trabalho importante na ação evangelizadora, bem como o mês dedicado a Bíblia⁴⁶.

Além do estudo da Sagrada Escritura como alma da formação intelectual da fé⁴⁷ a evangelização em um cenário da pregação promoverá o crescimento espiritual das pessoas através do aprofundamento dos conhecimentos teológicos. Segundo as intuições de Libânio, multiplicar-se-ão cursos de teologia para leigos na intenção de promover um apostolado que viva sua fé de maneira madura. Na ação evangelizadora que se inspire no cenário da pregação, “a melhor formação teológica do leigo em todos os setores transformar-se-á em aspiração geral”⁴⁸. É uma inspiração na metodologia que o próprio Vaticano II assume no que diz respeito da vida dos leigos na Igreja e seu embasamento doutrinal. Nas palavras do Decreto *Apostolicam Actuositatem*:

O apostolado dos leigos não pode atingir eficácia plena, senão através da formação múltipla e integral. Exigem-na não apenas o progresso contínuo do leigo na espiritualidade e na doutrina, mas também no conjunto variado de assuntos, pessoas e encargos, aos quais sua atividade deve adaptar-se. [...] Além da formação, comum a todos os cristãos, muitos tipos de apostolado exigem formação específica e peculiar, em vista das pessoas e circunstâncias diferentes (AA 28).

⁴⁵ Id. p. 81.

⁴⁶ “Estudos de exegese de cunho científico servirão para alimentar camadas sociais intelectualmente mais exigentes. O mês da Bíblia adquirirá sempre maior importância. continuará sendo excelente oportunidade para que os cristãos aprofundem seus conhecimentos sobre os diferentes livros da Escritura” IN: LIBÂNIO, João Batista, *Cenários da Igreja*, p. 83.

⁴⁷ “As Sagradas Escrituras contêm a palavra de Deus e, porque inspiradas, são verdadeiramente palavra de Deus; por isto, o estudo das Sagradas Páginas sejam como que a alma da Sagrada Teologia” (DV 24).

⁴⁸ LIBÂNIO, João Batista, *Cenários da Igreja*, p. 89.

De fato, a formação teológica dos fiéis exigirá uma maior preparação intelectual e teológica da hierarquia da Igreja. Será um ambiente fértil para uma qualificação teológica dos seminaristas, dos religiosos e dos membros do ministério ordenado. Uma ação evangelizadora que buscará a educação da fé madura de seus participantes e exigirá das pessoas que estão à frente das ações pastorais uma qualificação intelectual, construindo um cabedal teórico para ser partilhado com os demais. Para isso, Libânio aponta que a pessoa do teólogo será valorizada neste cenário com liberdade para produção teológica em um ambiente de diálogo com outras áreas do conhecimento⁴⁹.

Neste campo de qualificação da fé na ação pastoral, o princípio do diálogo com as outras áreas será um ganho para a produção teológica, visto que, assim, a ação evangelizadora acaba perpassando o campo da cultura. É a influência da teologia no mundo do conhecimento científico, nos espaços culturais e lugares nos quais a construção do saber é realizada. Por este motivo, Libânio designa que o cenário da pregação concentrará esforços em ações pastorais desenvolvidas nas escolas e universidades. Nestes espaços acadêmicos e escolares a marca da fé e do conhecimento religioso é tantas vezes ignorado, a presença de uma ação evangelizadora nas instituições de ensino, especialmente os de denominação católica, oportunizarão uma troca de experiências, aproximando os conteúdos da fé a uma parcela expressiva de pessoas. Nas palavras do autor:

Reabilitar-se-á a relevância das escolas e universidades católicas, com a finalidade de formar leigos intelectualmente preparados para enfrentar o clima hostil à fé em muitos seguimentos cultos da sociedade. Modificar-se-á a ênfase de tais instituições. Deixará de ser o simples reforço da presença institucional da Igreja, o que corresponderia ao primeiro cenário, para tornar-se o lugar de a inteligência católica preparar-se no conhecimento de sua fé⁵⁰.

Ainda, a intelecção da fé no cenário da pregação terá uma evidência no aspecto da catequese e da liturgia. Ambos os espaços de contato com o conteúdo da fé, tanto celebrado quanto apreendido. Segundo a proposição de Libânio, a formação de catequistas será abordada com a função de aprofundar os conteúdos da fé das pessoas envolvidas com a catequese e, ao mesmo tempo, com o objetivo de qualificar a metodologia catequética e a interatividade com

⁴⁹ “O papel do teólogo será mais relevante. Surgirão mais vocações para esse ministério. Passar-se-á da desconfiança por parte da hierarquia para uma colaboração mais íntima. Haverá mais espaços de liberdade para a produção teológica com consequentes avanços”. IN: LIBÂNIO, João Batista, *Cenários da Igreja*, p. 83.

⁵⁰ Id. p. 89.

os recursos pedagógicos mais adequados a uma evangelização que seja eficaz entre crianças e adolescentes de uma realidade em constante mudança⁵¹.

As observações de Libânio com relação ao cenário da pregação retomam muitas características de uma teologia pastoral animada pelo Concílio Vaticano II. O próprio afirma que este cenário vive aquele “clima de entusiasmo teológico dos anos pós-conciliares”⁵². Para Júlio Ramos, esta teologia pastoral desenvolvida pelo Concílio Vaticano II terá uma integralidade, que dará um suporte amplo para o mundo de diálogo desejado pelo próprio Concílio. Como argumenta Ramos: “em conexão com uma teologia *kerigmática* baseada na história da salvação e dentro de uma referência filosófica existencialista, humanista e personalista, junto a uma visão política democrática”⁵³. Para Ramos, esta capacidade de diálogo que circula na teologia pastoral e eclesial do Concílio resultam nas duas Constituições basilares pós-conciliares:

O Concílio dá um giro na eclesiologia anterior. Ao confiar a constituição *Lumen Gentiun* ao povo de Deus e ao implantar a missão na Igreja no mundo, na história e no homem, segundo *Gaudium et spes*. Teologicamente, a Igreja é concebida como sacramento radical e original que se manifesta pastoralmente na comunidade de crentes a serviço do mundo amplo e, em especial, do terceiro mundo⁵⁴.

A compreensão de Igreja no Vaticano II ser Mistério de Deus⁵⁵ enraizada na genuína identificação de povo de Deus⁵⁶, bem como uma Igreja inserida nas alegrias e nas esperanças do mundo moderno⁵⁷, resultará em uma abertura para a vida eclesial em vista de um cristão muito mais amadurecido na fé, semente fértil do cenário da pregação.

⁵¹ “A catequese infantil aperfeiçoar-se-á, recebendo cuidado todo especial, quer por uma melhor formação dos catequistas quer pela adoção de recursos didáticos atualizados. Buscar-se-á uma relação enriquecedora entre a pedagogia moderna e a catequese”. IN: LIBÂNIO, João Batista, *Cenários da Igreja*, p. 86.

⁵² Id. p.83.

⁵³ RAMOS, Júlio. *Teologia Práctica*, p. 272.

⁵⁴ Id. p. 272.

⁵⁵ “E porque a Igreja é em Cristo como que o sacramento ou sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo gênero humano” (LG 1).

⁵⁶ “Na verdade os que creem em Cristo, os que renasceram não de semente corruptível mas incorruptível pela palavra do Deus vivo (cf. 1Pd 1,23), não da carne mas da água e do Espírito Santo (Cf. Jo 3,5-6), são finalmente constituídos “em linhagem escolhida, sacerdócio régio, nação santa, povo adquirido... que outrora não eram, mas agora são povo de Deus” (1 Pd 2,9-10)” (LG 9).

⁵⁷ “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. Não se encontra nada verdadeiramente humano que não lhes ressoe no coração”(GS 1).

Como o Vaticano II é fomentador de uma qualificação da fé, especialmente por encontrar na Escritura uma fonte de crescimento do conteúdo da fé, percebe-se uma inspiração importante para a constituição do cenário da pregação. Para Antônio José Almeida, nas intuições pastorais do pós-concílio:

A Palavra tem a centralidade que nunca devia ter perdido. Alimenta-se da Escritura, dos “sinais dos tempos”, da vida da comunidade. As homilias são bíblicas e, quando o ambiente é propício, e o pregador, apto, são também dialogais. A bíblia vai para as mãos do povo, nas Santas Missões Populares, nos Círculos Bíblicos, nas comunidades menores, nos Grupos de Reflexão⁵⁸.

A Bíblia também será uma aliada do processo de catequese na ação evangelizadora do cenário da pregação conforme Libânio. A renovação que o Concílio Vaticano II trouxe para a Igreja permitirá um impulso à catequese. Mais uma aproximação entre cenário da pregação e a teologia pastoral do período Conciliar. Auxilia a reflexão de Almeida:

A catequese, justamente denominada de renovada, reviu sua finalidade, seus conteúdos, seus métodos e ampliou seus destinatários: crianças, jovens, adultos, pessoas e grupos em situação em particular. A personalização e interiorização da fé ganham terreno sobre uma doutrinação objetivante, sistemática e abstrata. A ligação fé e vida tornou-se foco importante da nova catequese⁵⁹.

Assim, pela qualificação da fé, seja pela instrução a partir da Palavra, seja pela qualificação teológica, a ação evangelizadora tenderá a defrontar-se com a realidade do mundo civil, ou seja, com a constituição histórica e cultural, da qual Libânio identifica como sendo uma das realidades do cenário da pregação. Este diálogo com o mundo em busca de uma construção coletiva do Evangelho se torna uma das prioridades da evangelização pós conciliar⁶⁰. Sobre esta intuição, Ramos reflete:

Descoberto o evangelho como base cristã da vida militante, a espiritualidade da pastoral missionária não se funda em práticas devocionais, mas na missão, a encarnação concreta, o compromisso

⁵⁸ ALMEIDA, Antônio José. *Paróquia, comunidades e pastoral urbana*, p. 101.

⁵⁹ Id. p. 102.

⁶⁰ “Também o mundo “secular” participa ativamente da palavra, pois tem sua “dignidade teológica”. O conceito de “mundo” é de fato eminentemente cristão: o mundo foi criado pela palavra criadora de Deus, e essa palavra permanece no mundo. não se pode, por isso, interpretar o anúncio de modo unilateral, como se Deus estivesse do lado da Igreja e contra o mundo, que, por sua vez, representaria apenas o objeto do anúncio. A Igreja deve entrar na mentalidade do mundo e estudá-la, ouvir atentamente suas mensagens, ler os sinais dos tempos e introduzir tudo isso como conteúdo na pregação. A autoconsciência e a auto-realização da Igreja verifica-se num constante diálogo como o mundo”. IN: SZENTMÁRTONI, Mihály, *Introdução à Teologia Pastoral*, p. 35.

temporal, o testemunho evangélico, a revisão em equipe, a pobreza de informação, a libertação pessoal e a educação adulta da fé⁶¹.

Enfim, a ação evangelizadora em cenário da pregação forjará uma perspectiva amadurecida da fé, qualificada pelo estudo da Palavra, formação teológica de qualidade, conhecimentos dos conteúdos da fé, enfim, uma pastoral eficaz neste cenário será promotora de ações, planejamentos e realizações de ampla formação da fé, em diálogo com as instâncias do mundo contemporâneo, a fim de dar plausibilidade àquilo que acredita. Constará de uma valorização da teologia enquanto ciência, da busca de fundamentos para o ministério ordenado, bem como para os leigos e religiosos. A catequese e a liturgia impregnar-se-ão da Palavra de Deus e de um compromisso real, fruto do encontro com a teologia da fé. É o cenário em que a pregação da Palavra qualifica a fé, a qual torna a vida cristã portadora de conhecimentos religiosos que influenciarão a vida cotidiana, perpassando todos os contextos vitais.

1.2.4 – Metodologia evangelizadora no Cenário da práxis libertadora

O cenário da práxis libertadora terá como grande motivação evangelizadora a fé que transforma as realidades a partir do projeto do Reino de Deus. As inspirações deste cenário estão localizadas na recepção do Concílio Vaticano II no contexto da América Latina, especialmente às Conferências Episcopais de Medellín⁶² e Puebla⁶³. É um cenário que evidenciará a ação evangelizadora a partir da práxis da fé, seja pela fundamentação teológica da fé e a teologia da libertação, por comunidades eclesialmente e socialmente organizadas, por um processo continuado de libertação em vista do Reino de Deus⁶⁴.

⁶¹ RAMOS, JÚLIO. *Teologia Práctica*, p. 272-273.

⁶² Conferência do Episcopado Latino Americano e Caribenho realizada na cidade de Medellín, Colômbia, no ano 1968.

⁶³ Conferência do Episcopado Latino Americano e Caribenho realizada na cidade de Puebla de Los Angeles, México, no ano 1979.

⁶⁴ Sobre o conceito do Reino de Deus ou Reinado de Deus, é interessante o que discorre sobre o assunto o teólogo José Castillo em um livro bem popular de teologia intitulado “Reinado de Deus”. Diz ele: “E aqui é de suma importância dar-nos conta de que Jesus disse para aquelas pessoas o que é o Reinado de Deus, antes de mais nada, *agindo*. Em segundo lugar *ensinando*. Isto é, Jesus explicava ao povo o que é o Reino primeiro *fazendo*. Depois disso, explicando o que *fazia*. [...] Portanto, o Reinado de Deus é a nova sociedade que Deus quer. No Reinado de Deus não podem entrar aqueles que põem suas terras e seus negócios acima de tudo. Ou, simplesmente, aqueles que andam pela vida buscando sempre os próprios interesses, o que lhes convém, o que vão ganhar ou o que lhes vai caber de uma herança. Nunca pensam no bem dos outros. Nessas cabeças não cabe nada além do próprio interesse e da própria conveniência. No Reinado de Deus podem entrar apenas os que querem de verdade *compartilhar* com os demais e *solidarizar-se* com os demais.” IN; CASTILLO, José M. *O Reinado de Deus*, p. 19;23.

A ideia de práxis⁶⁵ aponta para uma evangelização processual, cujo objeto temático, no caso, a evangelização em si, não seja apenas marcada por ações práticas, mas por uma tomada de consciência refletida, amadurecida e, por fim, transformadora. O teólogo Francisco Taborda recorda que: “a práxis se articula com todo o homem e o determina em sua totalidade. Não se pode, pois, considerar a teoria como um elemento que se acrescenta à práxis ou vice-versa”⁶⁶. Além do mais, Taborda reflete que a práxis é uma realização do presente com vistas para o futuro, ou seja, é uma ação refletida que remete para frente, para uma experiência libertadora e amadurecida dos envolvidos nos processos, no caso, os processos evangelizadores. Segundo ele:

A dimensão existencial/experiencial canaliza o trabalho e a teoria para a construção da história no sentido da libertação do homem. A dimensão existencial/experiencial torna a atuação transformadora da realidade práxis histórica, dá à atividade do homem sua expressão de luta pelo reconhecimento⁶⁷.

Diante desta explicitação, a práxis em processos evangelizadores assume um movimento de mão dupla, se é possível dizer, no sentido de que os conceitos, o cabedal teórico elaborado influencia a prática concreta, e esta é qualificada pela outra. Logo, a ação evangelizadora no cenário da práxis libertadora tenderá a assumir uma construção dialógica entre os conteúdos da fé e a realização das práticas. O positivo deste caminho é que a teoria teológica se torna realidade e a prática pastoral é mais do que um realizar ações religiosas com fins evangelizadores, mas uma ação processual reflexiva. O que determina a emancipação dos envolvidos no processo é uma libertação integral dos agentes em vista do Reino de Deus. Portanto, um processo evangelizador assumido em metodologia da práxis permite que o outro, e no caso da libertação este outro é a pessoa do pobre, seja sujeito de sua ação histórica,

⁶⁵ A fundamentação da práxis, conforme Adorno se entende como: “A primazia do objeto deve ser respeitada pela práxis; a crítica do idealista Hegel à ética kantiana da consciência [Gewissensethik] assinalou isto pela primeira vez. Práxis corretamente compreendida — na medida em que o sujeito é, por sua vez, algo mediado — é aquilo que o objeto quer: ela resulta da indigência dele. Mas não por adaptação por parte do sujeito, adaptação que meramente reforçaria a objetividade heterônoma. A indigência do objeto é mediada pelo conjunto do sistema social; daí que só seja criticamente determinável pela teoria. Práxis sem teoria, abaixo do nível mais avançado do conhecimento, tem que fracassar e, segundo seu conceito, a práxis deveria realizá-lo.” IN: ADORNO, Theodor. *Notas marginais sobre teoria e práxis*, p. 3.

⁶⁶ TABORDA, Francisco. *Cristianismo e Ideologia: ensaios teológicos*, p. 65.

⁶⁷ Id. p. 72.

protagonista da evangelização e provocador de pautas evangelizadoras para a Igreja⁶⁸.
Conforme Taborda

Em vez de brotar “mera” solidariedade humana de classe (mesmo que se reconheça nela toda sua dignidade ética e sua anonimidade cristã), a práxis histórica pode ter sua inspiração na fé e apresentar como dimensão existencial/experiencial a indignação profética de quem confronta a realidade com o plano de Deus, e como dimensão transcendente o futuro escatológico a ser antecipado aqui e agora para o outro (para os outros), na mediação dos quais encontro o totalmente Outro⁶⁹.

Além de uma postura práxica da ação evangelizadora, o cenário também tem outra iniciativa que é promover a libertação integral do ser humano. Este assunto ficou evidente na Igreja da América Latina quando se assume uma postura evangelizadora que leve em conta a real situação da vida das pessoas, especialmente os pobres. Como assinala o Documento de Puebla: “Se a Igreja se faz presente na defesa ou na promoção da dignidade do homem, o faz na linha de sua missão, que, mesmo sendo de caráter religioso e não social ou político, não pode deixar de considerar o homem na integridade de seu ser” (DP 3.2). E mais adiante, o mesmo documento reitera a sua opção: “Deve-se sublinhar aqui novamente que a solicitude da Igreja visa o homem em sua integridade” (DP 3.4).

Outra situação que marca o cenário da práxis libertadora é a situação dos pobres. Conforme o Documento de Puebla, a situação em que se encontram os pobres exige “conversão pessoal e transformações profundas das estruturas que correspondam às legítimas aspirações do povo a uma verdadeira justiça social; tais mudanças ou não se deram ou têm sido demasiado lentas na experiência da AL” (DP 30). Logo, uma das exigências evangelizadoras em cenário da práxis libertadora será a transformação da realidade de pobreza, a partir do projeto de Deus inaugurado por Jesus Cristo.

Diante desta contextualização de algumas bases do cenário da práxis libertadora, Libânio afirma que uma das características genuínas será a leitura popular da Bíblia. A Palavra de Deus nas mãos do povo será fomento da mudança, tanto eclesial quanto social. Uma leitura

⁶⁸ “O outro me desperta para lutar pela libertação. A práxis é dom que me vem do outro. Nem poderia ser diferente, pois o homem transforma o mundo, porque é livre e na medida de sua liberdade. Ora, liberdade não é agir ao bel-prazer, não é arbitrariedade. Liberdade é um fenômeno intersubjetivo. Para ser livre preciso ser chamado à liberdade pela presença do outro. A partir do ‘rosto do outro’, que é sempre o pobre. E quem se identifica com esse pobre e com ‘o rosto de Deus’, sabe-se chamado pelo totalmente Outro.” IN: TABORDA, Francisco. *Cristianismo e Ideologia: ensaios teológicos*, p. 80-81.

⁶⁹ TABORDA, Francisco. *Cristianismo e Ideologia: ensaios teológicos*, p. 76.

bíblica que supere os métodos tradicionais e literais e seja alicerçada numa leitura iluminadora da realidade, partindo do texto, do contexto e chegando à mudança de vida⁷⁰. Como diz o teólogo acima citado,

O texto bíblico será o primeiro e principal elemento. Aí está retratada a experiência de salvação do povo de Israel e da comunidade cristã. Evitará a pura leitura exegético-linguística, feita nas academias. Tampouco se contentará com a ingenuidade fundamentalista. Usará todos os recursos acessíveis para entender bem o texto⁷¹.

Se a leitura popular da Bíblia é iluminadora da evangelização, a teologia que sustentará este cenário será a teologia da libertação. Para Gustavo Gutierrez, “falar de teologia da libertação é buscar resposta para a pergunta: que relação existe entre salvação e o processo histórico de libertação do homem?”⁷² Mais ainda, Gutierrez exprime seu pensamento a respeito da teologia da libertação apontando para ela como um pensamento crítico que é interpelada pela palavra de Deus na busca por uma realidade transformada, isso é, a teoria que ilumina a práxis. Diz ele: “a reflexão teológica seria então, necessariamente, uma crítica da sociedade e da Igreja enquanto convocadas e interpeladas pela palavra de Deus; teoria crítica, à luz da palavra aceita na fé, animada por intenção prática, portanto indissolúvelmente unida à práxis histórica”⁷³.

Este embasamento teológico perspicaz fará com que o cenário da práxis libertadora tenha uma incidência evangelizadora capaz de atingir as instâncias sociais, na maioria das vezes marcada pela pobreza, construindo consciências cristãs para a justiça social. Segundo Brighenti, esta teologia “consiste na passagem da teologia pastoral como autorrealização da Igreja para uma autorrealização do Reino de Deus”⁷⁴. A teologia da libertação refletirá criticamente esta situação concreta da vida, promovendo uma evangelização com incidência na política, economia, cultura e tudo o que constitui o ser Igreja no mundo⁷⁵. Para Gustavo Gutierrez,

A práxis social converte-se gradualmente no próprio campo onde o cristão joga – com outros – seu destino de homem e sua fé no Senhor

⁷⁰ “Esta leitura da Escritura será a maior riqueza da Igreja nesse cenário”. IN: LIBÂNIO, João Batista, *Cenários da Igreja*, 110

⁷¹ LIBÂNIO, João Batista, *Cenários da Igreja*, p. 109.

⁷² GUTIERREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação*, p. 49.

⁷³ Id. p. 23.

⁷⁴ BRIGHENTI, Agenor. *A Pastoral dá o que pensar*, p. 56.

⁷⁵ O teólogo Agenor Brighenti tem a teologia pastoral libertadora como uma libertação da própria teologia, e assume o pobre como sujeito da teologia, e a periferia como lugar teológico: A teologia pastoral quer libertar a teologia de ideologias excludentes e situá-la, na perspectiva libertadora dos pobres, como o fio de ouro que tece as Escrituras. Assim, ela elabora sua prática teórica, por um lado, assumindo como sujeito o pobre e, por outro lado, também seu lugar social, a periferia, seja da sociedade, seja do sistema que produz essa mesma sociedade excludente”. IN: BRIGHENTI, Agenor. *A Pastoral dá o que pensar*, p. 56-57.

da história. A participação no processo de libertação é um lugar obrigatório e privilegiado da atual reflexão e vida cristãs. Nelas se ouvirão matizes da palavra de Deus imperceptíveis em outras situações existenciais, e sem as quais não há, no presente, autêntica e fecunda fidelidade ao Senhor⁷⁶.

Essa ação evangelizadora comprometida com processos de libertação encontrará uma aliada perspectiva eclesiológica: as comunidades eclesiais de base, as chamadas CEBs⁷⁷. Será uma formatação diferente de organização evangelizadora dentro da Igreja. O teólogo Leonardo Boff, discorre o seguinte sobre as CEBs:

O surgimento das CEBs e a praxe que nelas vigora possuem um valor inegável de questionamento da forma vigente de ser-Igreja. Elas nascem de elementos mínimos como a fé, a leitura e meditação da Palavra, o mútuo auxílio em todas as dimensões humanas. Como consideramos, são verdadeira Igreja. Nelas aparecem muitas funções, verdadeiros novos ministérios: de coordenar a comunidade, de catequizar, de organizar a liturgia, de cuidar dos doentes, de alfabetizar, de olhar pelos pobres, etc. Isso tudo é feito dentro de profundo espírito fraterno, num sentido de corresponsabilidade e de consciência de se estar construindo e vivendo a Igreja⁷⁸.

Nesta esteira de ação evangelizadora, a preocupação com projetos transformadores fará com que as atividades estejam voltadas para um agir pastoral que tenha em vista a promoção humana. Deste modo, a catequese em cenário da práxis libertadora será em vista da construção do ser cristão integral, mergulhado na realidade cultural dos participantes⁷⁹. É o que Libânio vai chamar de sujeito evangelizado⁸⁰, isto é, a evangelização gestará um sujeito evangelizado e não um consumidor de conteúdos religiosos. Num pensamento mais elaborado encontra-se o seguinte:

⁷⁶ GUTIERREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação*, p. 53.

⁷⁷ O teólogo Leonardo Boff afirma: “a comunidade eclesial de base não é apenas um meio de evangelização em meios populares. É muito mais; é uma maneira nova de ser Igreja e de concretizar o mistério da salvação vivido comunitariamente”. IN: BOFF, Leonardo. *Igreja Carisma e Poder*, p. 199.

⁷⁸ BOFF, Leonardo. *Eclesiogênese*, p. 38.

⁷⁹ Leonardo Boff na obra *Igreja Carisma e Poder* afirma que a formação do cristão precisa ter incidência na realidade, tornando a fé uma instância política. Nas palavras dele: “Precisamos hoje conscientizar a dimensão da Política presente no Evangelho e em nossa fé. Deus quer ser servido aí. Esta dimensão é objeto da evangelização (o cristianismo deve evangelizar a totalidade da existência humana, inclusive política), e da celebração.” IN: BOFF, Leonardo. *Igreja Carisma e Poder*, p. 52.

⁸⁰ “A inculturação se dará no seio do povo, do sujeito evangelizado, e não a partir do evangelizador, sua doutrina, sua liturgia, seu direito canônico”. IN: LIBÂNIO, João Batista, *Cenários da Igreja*, p. 125.

A incidência na pastoral da Igreja se faz notar nas várias práticas de muitas Igrejas periféricas em seu empenho na defesa dos direitos humanos, especialmente dos pobres, na denúncia das violências do sistema capitalista e neocapitalista, na constituição de comunidades de base, onde o povo expressa, alimenta e articula sua fé com as realidades da vida que os oprimem⁸¹.

Logo, a liturgia em perspectiva libertadora como uma celebração da vida e da caminhada do Povo de Deus, especialmente as lutas dos pobres. Uma liturgia que respeita a diversidade de ministérios, que acolhe as culturas e vive como um compromisso social aquilo que celebra. Como afirma Antônio José Almeida, “a liturgia é festa, especialmente dos pobres”⁸².

Afinal, a ação evangelizadora num cenário da práxis libertadora buscará realizar processos construtores de consciência evangelizadora e transformação social. As pautas sociais entrarão nas atividades eclesiais, em comunidades organizadas de maneira popular e ministerial. A leitura popular da Sagrada Escritura e a teologia da libertação iluminará os trabalhos evangelizadores que serão promotores de uma libertação integral do ser humano, mas por outro lado, a realidade da pastoral exigirá da teologia uma reflexão para promover a fé alicerçada nos valores do Reino de Deus. As CEBs fomentará a espiritualidade de comunidades ativas, preocupadas com uma evangelização integradora da cultura, da política, da fé e da vida.

⁸¹ BOFF, Leonardo. *Igreja Carisma e Poder*, p. 40.

⁸² ALMEIDA, Antônio José. *Paróquia, comunidade e pastoral urbana*, p. 110.

II – Metodologia Histórico Evangelizadora

A teologia e a pastoral são via de mão dupla no processo da evangelização. Os cenários descritos no capítulo anterior narram à maneira como diversas realidades eclesiais poderão assumir a prática evangelizadora. Cada cenário tenderá a uma metodologia própria portadora de eclesiologia, prática pastoral e, conseqüentemente, refletirá uma teologia.

Essa teologia refletida nos diversos cenários evangelizadores nem sempre é assumida em seu lugar de parte na ciência teológica. Para Clodovis Boff, a teologia que decorre da pastoral é uma teologia de segundo plano. Conforme este autor existem três formas de discurso teológico: o profissional, o pastoral e o popular. O profissional estaria no nível da ciência teológica com bases acadêmicas. Nas palavras de Clodovis, a forma de teologia profissional “adota em geral o caminho da ciência. Procura ser crítico-metódica, sistemática e auto-amplificativa, ou seja, aberta a ulteriores desenvolvimentos”⁸³. A segunda forma, que é a teologia pastoral, na compreensão de Boff, é uma teologia com ênfase evangelizadora, isto é, uma teologia de segundo plano, que tem como campo de atuação a própria ação evangelizadora. Como ele diz: “esta é uma forma de teologia voltada para a evangelização e para a animação da fé. Trata-se aqui de uma teologia próxima do gênero sabedoria, como compreensão concreta, vital e totalizante da fé, [...] tem procedimento próprios, sua linguagem definida, seus destinatários.”⁸⁴ E a terceira forma, conforme Clodovis é a forma popular que o autor enquadra na dimensão do senso comum da fé dos fiéis, ou “é um modo de teologizar que corresponde ao ‘senso comum’ e tem a forma da linguagem ordinário”⁸⁵.

Como se pode observar, Clodovis apresenta a teologia pastoral em segundo plano, ou como ele mesmo classifica, em teologia de segundo grau. Esta classificação do teólogo em questão representa o quanto a pastoral e a teologia estão em uma escala de valores diferente. A teologia verdadeira estaria na forma do profissional, com viés acadêmico e científico, enquanto

⁸³ BOFF, Clodovis. *Teoria do Método*, p. 597.

⁸⁴ Id. p. 598.

⁸⁵ Id. p. 599.

que a teologia pastoral é uma teologia de segundo plano, voltada para as ações evangelizadoras, com fins eclesiais e sem características científicas.

Seguindo sua compreensão metodológica da dinâmica da teologia pastoral, Boff explica que a escala de valores da teologia não é discriminatória, mas é um processo intelectualivo no qual o desenvolvimento do conhecimento se torna evidentemente científico. Ao partir da Palavra de Deus, que segundo o autor já é sempre um escrito teologizado⁸⁶, a vida das pessoas e o cotidiano religioso é o segundo passo, cuja experiência produz certo conteúdo mas que não é ainda aceito como uma verdade absoluta de fé; o terceiro passo é a teologia pastoral que é a prática eclesial da fé realizada em ações concretas; e o próximo passo é a teologia profissional elaborada dentro de um princípio de critérios científicos e com a disciplina necessária para ser reconhecida como ciência. Esta hierarquia, segundo o autor:

Põe a teologia profissional no ápice do processo. Por isso é uma hierarquia relativa, justamente relativa a este critério: o grau de elaboração teórica da fé. Pois se tomássemos outro critério, como a da fecundidade pastoral, então é evidente que a teologia pastoral estaria na dianteira. Neste caso, a teologia acadêmica apareceria com um estatuto muito mais modesto, ou seja, com uma função subsidiária, mas nem por isso dispensável. Pois, mesmo do ponto de vista pastoral, ela possui a virtude concreta de integrar os outros discursos, muitas vezes particulares, na memória total da fé, contrapondo-se à fragmentação e ao sectarismo⁸⁷

O autor legitima sua preocupação ao defender a hierarquia natural dos processos teológicos pelo fato de que a teologia profissional está em um universo relativamente mais complexo do que a pastoral, que é o mundo da elaboração dos conteúdos da fé, o que não nega a existência de uma teologia cuja pastoral tenha influência, mas em uma linha vertical, em uma escada de valores devido a ordem dos fatos ou do modo como a ciência abraça a prática da fé.

Já para Agenor Brighenti, a teologia pastoral é parte integrante da teologia fundamental, visto ser ela um dos fundamentos da teologia e da evangelização. Para Brighenti a essência da teologia é a evangelização, a qual supõe que a realidade pastoral esteja suficientemente teologizada. Aí é que ciência e realidade se encontram imbricadas na teologia. Como ele diz: “Basicamente, o “fundamental” da teologia pastoral está no fato de a pastoral ser uma realidade

⁸⁶ Id. p. 601.

⁸⁷ Id. p 601-602.

que permeia o “ser” e o “fazer” da Igreja no mundo como um todo. A Igreja existe para evangelizar e ela própria é fruto da evangelização”⁸⁸.

Diferente de Boff que identifica a pastoral em um nível abaixo da teologia profissional, Brighenti afirma a teologia pastoral no estatuto de fundamento da teologia, visto não ser uma realidade prática da ação evangelizadora, mas ser este momento de unidade daquilo que se torna revelação máxima de Deus na realidade humana. Segundo Brighenti: “teologia pastoral e ciência teológica como um todo e cada uma das disciplinas que compõe, dado que a “pastoral” é uma dimensão que permeia toda a teologia. A teologia pastoral não é, simplesmente, a ciência do “fazer” da Igreja, mas também do seu “ser”⁸⁹.

Por esta forma de entender a teologia e sua incidência no modo de ser da Igreja, na perspectiva de Brighenti não haveria uma classificação de graus de cientificidade da teologia, o que já foi denotado em Boff, mas uma maneira muito importante de intuir o fazer teológico dentro do ser da Igreja e da sua essência, isto é, o substrato da teologia será o essencial e o existencial da eclesiologia, ou: “a teologia pastoral é o saber mediador da interconexão entre ‘eclesiologia essencial’ e ‘eclesiologia existencial’⁹⁰.

Assim, Agenor Brighenti desenvolve o modo como a teologia pastoral tem essa importância dentro do universo teológico quando aponta os três passos, que segundo ele, permitem a teologia pastoral ser justificada dentro do contexto de ciência. De acordo com ele, primeiro vem o caráter histórico concretizado em diversos modelos de ação e modelos eclesiais. Segundo é explicitar estes modelos de ação evangelizadora ou modelos eclesiológicos e o seu modo de influenciar a pastoral e a teologia. E o terceiro passo é justificar a razão de ser da teologia pastoral enquanto disciplina fundamental da ciência teológica e o seu estatuto epistemológico. Sobre este terceiro passo afirma Brighenti:

trata-se de esclarecer as bases que possibilitam seu aparecimento, gestação e consolidação enquanto ciência do “ser” e do “fazer” da Igreja, em meio a sociedade. Enquanto disciplina científica, precisa explicitar sua especificidade e sua identidade em relação às demais disciplinas teológicas⁹¹.

⁸⁸ BRIGHENTI, Agenor. A pastoral dá o que pensar, p. 70.

⁸⁹ Id. P. 70.

⁹⁰ Id. P. 70.

⁹¹ Id. P. 70-71.

Analisando estas duas posturas, a de Clodovis Boff e de Agenor Brighenti, vê-se claramente a dificuldade que existe para a teologia engendrar a pastoral como fonte de sabedoria. O que parece ser um conflito inerente a própria constituição da teologia pastoral. Conforme Alex Viguera em seu artigo “Que cabe a Igreja fazer hoje? A concepção de teologia prática em Karl Rahner”, a história da teologia prática ou teologia pastoral apresenta esse binômio: teologia enquanto conhecimento científico *versus* teologia que nasce da realidade pastoral. E neste texto, sem muita investigação de nossa parte, pois o tema da história da teologia pastoral não será aprofundado nesta pesquisa, já em 1774 com Stephan Rautestrauch se inicia um projeto de inclusão da pastoral no estudo da teologia europeia. Este professor observou uma discrepância entre a formação escolástica do clero de Viena com a sua prática pastoral, isto é, “cada vez mais a práxis se tinha transformado em um exercício quase puramente especulativo. A teologia escolástica foi perdendo contato com a vida concreta da Igreja e do mundo”⁹².

Com os teóricos da razão Kant e Fichte acontece um questionamento sobre a “teologia no âmbito universitário, pois ela não seria propriamente ciência por não ter acesso à verdade absoluta”⁹³, isto é, por ser uma ciência que não provém do conhecimento comprovado cientificamente, mas com a certeza da fé, que não é dado cientificamente comprovado. E outro teórico chamado Scheiermacher, a teologia pastoral ou prática é ciência por “determinar o procedimento a ser seguido para realizar efetivamente as tarefas eclesiais. [...] Para Scheiermacher a teologia prática é uma “técnica” no sentido mais antigo do conceito, como uma ação que reflete e não uma ação compreendida como simples aplicação de princípios obtidos na reflexão doutrinal”⁹⁴. E depois de verificar outros pensadores da teologia prática, o artigo fala da postura de Karl Rahner a respeito do assunto, que compreende a teologia prática como ciência teológica que se situa

sobre a base de uma análise científica e – mais especificamente, teológica – da situação concreta (e não contemplada ainda adequadamente no aspecto jurídico) atual da Igreja, desenvolve os princípios [...] segundo os quais a Igreja nesta determinada situação[...] auto-realiza-se e leva a cabo sua atividade de salvação⁹⁵.

⁹² REVISTA PERSPECTIVA TEOLÓGICA, N. 36. IN: Alex Viguera, Que cabe a Igreja fazer hoje? A concepção de Teologia Prática em Karl Rahner, p. 101-102.

⁹³ Id. P. 102.

⁹⁴ Id. P. 103.

⁹⁵ Id. P. 113.

Então, o problema a respeito da teologia pastoral enquanto ciência é um debate entre teóricos que não vem de hoje e não há consenso sobre sua verificação. Enquanto posturas como a de Boff é determinada para uma teologia de segundo plano e Brighenti como uma teologia essencial, cabe a pergunta: haverá uma forma de ajustar a prática pastoral com o fazer teológico, a ponto de possibilitar a pastoral ser sistematicamente organizada de tal maneira que ela, a prática pastoral, seja uma reflexão amadurecida e fomentadora da teologia sem que seja desmerecida ou depreciada por ser reflexão praxica?

A experiência realizada na Faculdade de Teologia e Ciências humanas – Itepa Faculdades, tem enfrentado este mesmo assunto de uma maneira interessante e que vale a pena ser apresentada por seu valor metodológico e a profundidade como que a teologia pastoral forja um modelo eclesial evangelizador apropriado para os tempos de hoje.

2.1 – O caminho percorrido para o surgimento do Instituto de Teologia e Ciências humanas - ITEPA

A gênese do Instituto de Teologia e Ciências Humanas – ITEPA, tem suas bases nas inquietações recorrentes das provocações eclesiais, sociais, humanas e pastorais da mudança de época dos anos de 1960 e 1970. É necessário recuperar um pouco dos fatos e das opções fundamentais do Instituto a fim de entender a maneira como a teologia pastoral se tornou o eixo articulador do fazer teológico.

Na Igreja do Rio Grande do Sul a formação dos presbíteros aconteceu por muitos anos nos seminários centrais de Santa Maria, São Leopoldo e Viamão. Este modelo de formação correspondia a necessidade do tempo em que as orientações da Igreja provinham do concílio de Trento e exigiam a preparação em um espírito de uniformidade eclesiástica. Este modelo correspondeu satisfatoriamente enquanto o ambiente histórico e religioso se manteve estático.

Mas no alvorecer dos anos de 1960 o mundo moderno estava em transformações, as ciências humanas em desenvolvimento e a Igreja Católica abrindo suas janelas para o “*aggiornamento*” do Concílio Vaticano II. Na América Latina, as Conferências de Medellín e Puebla e o fortalecimento da Teologia da Libertação se constituíram como gérmenes para uma formação presbiteral mais adequada aos clamores do tempo e a elaboração de uma metodologia que engendrasse a prática com teologia.

2.1.1 – Concílio Vaticano II

As mudanças eclesiais influenciaram decididamente os rumos da formação teológica no Rio Grande do Sul. Em uma linha cronológica de fatos poder-se-á dizer que o Concílio Vaticano II, ocorrido entre os anos 1962 a 1965, é o divisor de águas na compreensão que a Igreja tem de si⁹⁶, do mundo⁹⁷, do seu ser⁹⁸ e essência⁹⁹. Esta nova maneira de idealizar a Igreja pós conciliar também vai exigir um novo jeito de preparar os presbíteros que atuarão neste novo conceito eclesial. Assim, o próprio Concílio expressa quais serão os pilares que orientarão a nova formação dos presbíteros:

Os seminários maiores são necessários para a formação sacerdotal. Toda a educação dos estudantes seja tal que neles se formem verdadeiros pastores de almas, a exemplo de Nosso Senhor Jesus Cristo, Mestre, Sacerdote e Pastor. Preparem-se, pois, para o ministério da palavra: a fim de que entendam sempre melhor a palavra revelada de Deus, que a possuam pela meditação e a expressem por palavras e atitudes; para o ministério do culto e da santificação: a fim de que, pela oração e o desempenho das sagradas celebrações litúrgicas, realizem a obra da salvação através do Sacrifício Eucarístico e dos Sacramentos; para o ministério pastoral: a fim de que saibam representar diante dos homens a Cristo, que “não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em redenção de muitos” (Mc 10,45; cf. Jo 13,12-17), e que, feitos servos de todos, ganhem a muitos (cf. 1Cor 9,19) (OT 4)

Assim, vê-se que o Concílio preveniu que a formação dos futuros presbíteros envolva as três dimensões necessárias dentro da nova compreensão a respeito de presbítero: Palavra, Liturgia e Pastoral. Em outras palavras, o novo presbítero desenvolverá sua formação preparado para ser profeta, sacerdote e pastor. O Concílio amplia o horizonte de entendimento sobre como

⁹⁶A constituição dogmática “*Lumen Gentium*” afirma: “Na verdade os que crêem em Cristo, os que renasceram não de semente corruptível mas incorruptível pela Palavra do Deus vivo (Cf 1 Pd 1,23) não dá carne mas da água e do Espírito Santo (Cf. JO 3,5-6), são finalmente constituídos “em linhagem escolhida, sacerdócio régio, nação santa, que outrora não eram, mas agora são povo de Deus” (LG 9).

⁹⁷ A constituição pastoral “*Gaudium et Spes*” afirma: “a sua comunidade se constitui de homens que, reunidos em Cristo, são dirigidos pelo Espírito Santo, na sua peregrinação para o Reino do Pai. Eles aceitaram a mensagem da salvação que deve ser proposta a todos. Portanto, a comunidade cristã se sente verdadeiramente solidária com o gênero humano e com sua história” (GS 1)

⁹⁸ A constituição dogmática “*Dei Verbum*” afirma: “Aprova a Deus, em sua bondade e sabedoria, revelar-se a Si mesmo e tornar conhecido o mistério de Sua vontade [...] NO entanto, o conteúdo profundo da verdade seja a respeito de Deus seja da salvação do homem se nos manifesta por meio dessa revelação em Cristo que é ao mesmo tempo mediador e plenitude de toda a revelação” (DV 2)

⁹⁹A constituição “*Sacrosanctum Concilium*” afirma: “Todavia, a Liturgia é o cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte de onde emana toda a sua força. Pois os trabalhos apostólicos se ordenam a isso: que todos, feitos pela fé e pelo batismo filhos de Deus, juntos se reúnam, louvem a Deus no meio da Igreja, participam do sacrifício e comam a ceia do Senhor” (SC10)

será o padre necessário para servir na nova compreensão eclesial, dentro dos novos tempos aos quais a Igreja estava se abrindo.

O Concílio Vaticano II será a égide eclesial maior para preparar a criação do Instituto de Teologia e Pastoral cujo acento neste último requisito é a alma do fazer teológico.

2.1.2 – Conferências de Medellín e Puebla

Os desdobramentos do Concílio Vaticano II chegaram na América Latina através das conferências episcopais de Medellín (1968) e Puebla (1979). Em ambas as conferências, a situação da realidade social e eclesial do continente exigiram mudanças profundas no ser e no agir da Igreja em uma realidade específica. Já diz a Introdução do Documento de Medellín:

Nossa reflexão orientou-se para a busca de formas de presença mais intensa e renovada da Igreja na atual transformação da América Latina. Três grandes setores, sobre os quais recai nossa solicitude pastoral, foram abordados em sua relação com o processo de transformação do continente. Em primeiro lugar, o setor da promoção do homem e dos povos do continente para os valores da justiça, da paz, da educação e do amor conjugal. Em seguida, nossa reflexão se dirigiu para os povos deste continente e suas elites, que por estarem num processo de profunda mutação de suas condições de vida e de seus valores, requerem uma adaptada evangelização e educação na fé, através da catequese e da Liturgia. Finalmente, abordamos os problemas relativos aos membros da Igreja. E preciso intensificar sua unidade e ação pastoral através de estruturas visíveis, também adaptadas às novas condições do continente¹⁰⁰.

Estes temas da promoção da vida, a desigualdade social e a evangelização na América Latina estão na esteira de todo o esforço coletivo da Igreja, da teologia e da pastoral em dar uma resposta, à luz da fé, às necessidades prementes por que passam as pessoas, o motivo de tanta pobreza e desigualdade e onde grita o Evangelho de Jesus Cristo em terras da América Latina¹⁰¹.

¹⁰⁰ Disponível em: <https://www.faculdadejesuita.edu.br/eventodinamico/eventos/documentos/documento-FwdDtt9v3ukKPDZq.pdf>. Acesso em 15/02/21.

¹⁰¹ “Medellín significou o olhar para a realidade da população latino-americana mas também, a percepção da difícil situação desta população e, conseqüentemente, o compromisso da Igreja em atuar comprometida com esta gente. Daí o diálogo com o mundo dos pobres na perspectiva libertadora”. IN: Ari Antônio dos Reis, *Os contextos que influenciaram a criação do Itepa*, p. 13.

A terceira conferência do Episcopado da América Latina se deu em Puebla, México. A reflexão do Concílio já estava mais amadurecida neste tempo, e a realidade social era tristemente sofrida com governos totalitários e militares. Nesta situação, a opção preferencial pelos pobres, num modelo de Igreja voltada para a justiça do Reino de Deus, mais uma vez foi reafirmada pelo episcopado¹⁰². Quanto aos jovens estudantes e seminaristas, a referida conferência exortou:

O Seminário Maior, inserido na vida da Igreja e do mundo, de acordo com as normas e orientações precisas da Santa Sé, tem como objetivo acompanhar o pleno desenvolvimento da personalidade humana, espiritual e pastoral, ou seja, integral dos futuros pastores. Estes, tendo adquirido uma forte experiência de Deus e uma clara visão da realidade em que se encontra a América Latina, em íntima comunhão com seu bispo, mestre da verdade, e com os outros presbíteros, são os que evangelizarão, animarão e coordenarão os diferentes carismas do povo de Deus, para a construção do Reino. A formação de pastores deve ser uma preocupação constante que oriente os estudos e a vida espiritual. As atividades pastorais devem ser revisadas à luz da fé e com o devido assessoramento de seus formadores (DP 875).

A preocupação com a formação teológica dos futuros presbíteros a partir de Puebla, ressaltou que a vida acadêmica, espiritual, teológica e pastoral deve estar aliada à realidade: “Nos estudos, é necessário atender a uma profunda formação doutrinal, de acordo com o magistério da Igreja, e uma visão adequada da realidade” (DP 877). É uma revolução institucional, adaptando os seminários e faculdades de teologia a uma exigência que se tornava ali clara: a formação dos presbíteros na América Latina deveria passar pela inserção pastoral e por uma teologia que respondesse aos clamores de seu tempo e uma vida realmente de acordo com os valores evangélicos de simplicidade, austeridade e formação. Como diz o documento: “Nos seminários, será preciso insistir na austeridade, disciplina, responsabilidade e espírito de pobreza, num clima de autêntica vida comunitária. Os futuros sacerdotes sejam formados responsabilmente para o celibato. Tudo isso é exigido pela renúncia e entrega que se pede do presbítero” (DP 878). Então, uma formação presbiteral totalmente diferenciada de outros tempos, quando parecia ser uma manutenção do sistema eclesiástico, a partir de Medellín e Puebla é assumida como projeto de vida autêntico em vista do Reino de Deus.

¹⁰² “O presbítero anuncia o Reino de Deus, que se inicia neste mundo e chegará à plenitude quando Cristo vier no fim dos tempos. Para servir a este Reino, abandona tudo em seguimento do seu Senhor. Sinal desta entrega radical é o celibato ministerial, dom do próprio Cristo e penhor duma generosa e livre dedicação ao serviço dos homens.” (DP 692).

2.1.3 – A teologia da libertação

Ao passo que a Igreja da América Latina estava assumindo sua condição como sinal do Reino de Deus, optando decididamente pelos pobres e marginalizados, a teologia que se desenvolve neste continente seguirá os mesmos passos.

Este novo modo de ser e ver a Igreja no mundo permitiu que a teologia adquirisse um novo estatuto: ser a ciência que reflete a realidade, a luz da fé, da Palavra revelada e da Tradição, e ilumina o processo de libertação do mundo injusto, eis a teologia da libertação¹⁰³. O teólogo Gustavo Gutierrez, em seu livro *Teologia da Libertação*, indica que ela, em suas tarefas clássicas é sabedoria e saber racional. Na primeira ideia, a teologia como sabedoria, está ligada a ideia dos primeiros séculos, a teologia se apresentava como ciência do progresso espiritual do ser humano. Diz Gutierrez:

Nos primeiros séculos da Igreja, o que agora denominamos teologia era estreitamente ligado à vida espiritual. Era fundamentalmente uma meditação sobre a Bíblia, orientada para o progresso espiritual. Distinguem-se entre os “principiantes”, simples fiéis, e os “adiantados”, que buscam a perfeição. Essa teologia foi sobretudo monástica, caracterizada, portanto por uma vida espiritual distanciada do labor mundano, modelo de todo cristão desejoso de dirigir os passos pela senda estreita da santidade, de toda vida cristã ávida de perfeição espiritual¹⁰⁴.

Da sabedoria, a teologia foi compreendida como saber racional “cuja fonte é a caridade que une o homem a Deus”¹⁰⁵. É quando a fé crida se torna inteligência, a interessante soma dos conceitos: fé e razão. A fé tem um conteúdo que ilumina aquele que acredita. Por isso, todo o cabedal teórico da teologia dar-lhe-á, além de conteúdo, uma inteligência. Sobre isso, Gutierrez afirma: “É preferível, pois, nesta perspectiva, falar do labor teológico não como ciência, e sim como saber racional”¹⁰⁶. E posteriormente, a teologia atingirá o método de sistematização clara dos conteúdos da fé, ou seja, aquilo que se diz crer tenha evidências lógicas para poder ser crido.

¹⁰³ “A teologia da libertação nasceu na América Latina nos anos de 1960, no clima de pensamento que sucedeu ao Vaticano II e seu chamado a estar atento aos “sinais dos tempos”. O Concílio atribuiu às transformações políticas e sociais do mundo moderno mais valor do que nunca na Igreja Católica e, admitiu que a salvação tinha uma dimensão social.” IN: LACOSTE, Jean Yves. *Dicionário Crítico de teologia*, p. 1033.

¹⁰⁴ GUTIERREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação*, p. 16.

¹⁰⁵ Id. P. 17.

¹⁰⁶ Id. P. 17.

Antes de adquirir este estatuto, a teologia era um suporte para afirmar as verdades da fé, manter à disciplina e uniformidade do pensamento eclesial. Isso segue até o Concílio Vaticano II. É uma teologia de manuais, de reprodução de conteúdo da fé e de defesa máxima da instituição.

Esta teologia escolástica transformar-se-á assim, pouco a pouco – sobretudo a partir do Concílio de Trento – em disciplina auxiliar do magistério eclesiástico. Sua função será então “1. Definir, expor e explicar as verdades reveladas; 2. Examinar as doutrinas, denunciar e condenar as doutrinas falsas, defender as verdadeiras; 3. Ensinar com autoridade as verdades reveladas”¹⁰⁷.

Mas os apelos do Vaticano II e as intuições de Medellín e Puebla permitem a teologia da América Latina uma mudança de metodologia que passará a exigir uma resposta mais convincente a respeito das verdades da fé em meio a uma conjuntura de pobreza e injustiça social. É quando o grito do pobre ficou sem a resposta dos manuais que a teologia teve que dar uma “passeada” pelo cotidiano da vida. O descontentamento com a teologia dos manuais e gabinetes exigiu da teologia uma contextualização humanizada e libertadora. É valioso o que diz Leonardo Boff a respeito da mudança de metodologia da teologia:

No pós-concílio a teologia não apenas se viu confrontada com os problemas das sociedades abertas, industriais e secularizadas. A questão primordial que as Igrejas se sentiam, na urgência em responder era: como ser cristão num mundo crítico, adulto, funcionalista? Descobriu-se um desafio ainda maior, vindo das periferias da Ásia, África e especialmente América Latina; emergem os pobres como fenômeno social, das grandes maiorias, marginalizados dos benefícios do processo produtivo e explorados como excedentes de uma sociedade que privilegia soluções técnicas e soluções sociais para os seus problemas. A questão é: como ser cristão num mundo de empobrecidos e miseráveis? O tempo das reformas no sistema já passou; importa um processo de libertação no qual os pobres recuperem sua dignidade aviltada e ajudem a gerar uma sociedade, não necessariamente rica, mas justa e mais fraterna¹⁰⁸.

Neste sentido, a teologia suscitada da realidade, segundo o pensamento latino americano, não é de uma teologia de segunda ordem, ou de segundo plano. Mas é no “chão da vida” que a teologia, com outro método, encontra os grandes desafios para a fé crida e professada. Não é mais a teologia que diz o que crer, mas a teologia que se confronta com o

¹⁰⁷ Id. 18.

¹⁰⁸ BOFF, Leonardo. *Igreja Carisma e Poder*, p. 39.

que vê do mundo, reflete o que vê, tenta dar luzes e transformar o mundo naquilo que crê. Como diz Gutierrez: “Falar de teologia da libertação é buscar resposta para a pergunta: que relação existe entre a salvação e o processo e o processo histórico de libertação do homem? Em outras palavras, é procurar ver como se relacionam entre si os diferentes níveis de significado do termo libertação.”¹⁰⁹ Mais ainda: “trata-se, em definitivo, da clássica relação entre fé e existência humana, fé e realidade social, fé e ação política, ou, em outros termos, reino de Deus e construção do mundo. Nesse problema se inscreve normalmente o tema, também clássico, da relação Igreja-sociedade, Igreja-mundo.”¹¹⁰

Fato importante dentro da metodologia da teologia da libertação será o processo da práxis. A realidade interpela a teologia, que por sua vez reflete a luz da fé as situações, e traz indicativos para que passos sejam dados no caminho da real libertação. A práxis será assumida como parte integrante do método da teologia da libertação e da ação pastoral qualificada que dela deriva. Ela foge da ação politizante da libertação¹¹¹. Além disso, permite desviar de uma atuação desqualificada do ponto de vista da teoria e garante que o processo de atuação da fé no mundo seja evidentemente transformador. Como exprime Ari Antônio dos Reis:

O fundamento de toda a Teologia é o plano de Salvação de Deus. O processo de libertação dos pobres se liga a este plano, traz para o contexto latino-americano (particulariza) o que, no caso, é geral. O princípio primeiro da teologia (positividade), a revelação de Deus, é interpretado dentro da sua subjetividade histórica latino-americana que, por sua vez, interpreta a sua ação a partir do evento salvífico. Então da TdL é históriada à luz da libertação integral e isto constitui o dado diferencial em relação a teologia clássica. Diríamos que esta especificidade é o objeto epistemológico. Tal epistemologia tem uma pretensão globalizante, pois a teologia clássica (universal) tematiza a libertação integral¹¹².

Assim, a teologia da libertação será um fator determinante para se chegar a uma metodologia pastoral em que a realidade seja fonte de teologia, e que a teologia ilumine a prática

¹⁰⁹ GUTIERREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação*, p. 49.

¹¹⁰ Id. P. 50.

¹¹¹ “limites desta tendência: à força de insistir sobre o caráter estrutural do pecado social e da necessidade de uma graça também social e estrutural, corre-se o risco que esquecer a conversão pessoal e a busca da perfeição da vida cristã. Há também o temor de que o político desdordem de seus limites e acabe ocupando todo o horizonte da fé. A fé, possui, inegavelmente, uma dimensão política, e hoje ela é urgente, é exigência da fé, que deve também encontrar outras expressões dentro do processo de libertação integral, como a expressão mística, litúrgica, pessoal”: IN: BOFF, Leonardo. *Igreja Carisma e Poder*, p. 40-41.

¹¹² REIS, Ari Antônio. *Os contextos que influenciaram a criação do Itepa*, p. 21.

pastoral e a ação evangelizadora. Sem a teologia da libertação, pensar em processos evangelizadores em uma chave metodológica dedutiva seria impossível.

2.2 – Pequeno resgate histórico da formação presbiteral no Rio Grande do Sul antes do Itepa

Um acumulado de experiências novas na Igreja pós Concílio Vaticano II trouxe para a América Latina o verdadeiro “*aggiornamento*”. As conferências episcopais de Medellín e Puebla e o desenvolvimento da Teologia da Libertação recuperaram a essência de uma ação evangelizadora comprometida com a realidade social do continente. A eclesiologia exigirá mais do que a pastoral de manutenção dos sacramentos, mas a verdadeira inserção dos agentes de pastoral no mundo. Mas para que tudo isso aconteça, a formação dos envolvidos nos processos será decisiva.

No Rio Grande do Sul, a formação e preparação dos presbíteros estava organizada de maneira muito sistemática nos Grandes Seminários que respondiam as necessidades do clero dentro dos moldes tridentinos. Conforme pesquisa realizada por Elli Benincá e Ivanir Rodighero, o primeiro grande seminário foi de São Feliciano, organizado em 1856 por Dom Feliciano José Prates. Este seminário “expressava o anseio e a necessidade de imprimir uma reforma na vida eclesial”¹¹³. É a iniciativa de adaptar as exigências do Concílio de Trento aos futuros padres da Igreja gaúcha. O segundo seminário é o “Seminário Episcopal Nossa Senhora Madre de Deus de Porto Alegre”, que teve suas atividades de 1865 até 1912. Este segundo seminário “se justifica pela necessidade de uma base intelectual/doutrinária para enfrentar as novas ideias e para formar um clero riograndense”¹¹⁴.

O terceiro grande seminário foi o “Seminário Nossa Senhora da Conceição de São Leopoldo” em 1912, ou Seminário Central de São Leopoldo, que abrangia as dioceses do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná e foi entregue à coordenação dos padres jesuítas. As congregações religiosas também criaram os seus espaços de formação para o clero religioso, como os padres da Sagrada Família com o seminário em Passo Fundo e os Capuchinhos com o Seminário São Lourenço de Brindise em Porto Alegre. O número de vocações fez surgir a necessidade um outro espaço para a formação do clero diocesano e assim, Dom Vicente Scherer e o episcopado gaúcho da época, empenharam-se na construção de um grande seminário maior,

¹¹³ BENINCÁ, Elli; RODIGHERO, Ivanir. O processo de formação presbiteral e o Itepa. IN: FAVRETO, Clair; BALBINOT, Rudinei. *Teologia e pastoral: práxis e evangelização*, p. 56.

¹¹⁴ Id. p. 58.

o “Seminário da Imaculada Conceição de Viamão” que teve suas atividades iniciadas em 1954. Sobre este seminário maior se diz: “havia espaço para 250 filósofos internos, com alojamentos aulas, salas de estudo e capela e a mesma quantia e espaço para os teólogos. A direção do seminário passou para o clero da arquidiocese de Porto Alegre”¹¹⁵.

A formação filosófica e teológica nestes seminários correspondia as necessidades da formação do clero dentro das perspectivas evangelizadoras do seu tempo. Elas respondiam a um cenário de Igreja próprio, com os apelos que vinham do Concílio de Trento. Nas palavras de Libânio e Murad:

A teologia Católica hegemônica neste período caracteriza-se, antes de tudo, pela submissão ao magistério. Este ganha sempre mais poder na Igreja, ao mesmo tempo que é fortemente questionado fora dela. A teologia arvora-se em grande arma do magistério para combater as heresias e eliminar o dissenso no interior da Igreja. Especializa-se nas tarefas de expor, definir, defender, provar e confirmar a fé ortodoxa, examinar e condenar erros. Deixa sua função de pesquisa para se tornar exposição autoritativa da doutrina¹¹⁶

Todavia, as novidades do Concílio Vaticano II, as exigências de Medellín e Puebla e os novos apelos das correntes teóricas do humanismo moderno chegavam com muito entusiasmo no Seminário de Viamão e não correspondiam mais ao método de “ensinar a teologia”. É bem interessante o que fala Elli Benincá, que foi presbítero da Arquidiocese de Passo Fundo, professor de Teologia, Filosofia e Pedagogia, e grande pesquisador na área da metodologia pastoral, além de ter sido o primeiro diretor do Itepa, a respeito das novidades vividas por ele no Seminário de Viamão. Conforme entrevista realizada para a publicação de um livro em homenagem aos seus 70 anos, Pe Elli falou:

Começava a abrir-se uma ruptura com o passado e com sua cultura; o que se havia aprendido no seminário, na família e na comunidade religiosa não significava que ainda correspondesse à verdade. Vários fatores intervinham para gerar tal conflito. Em primeiro lugar, estavam as influências do mundo urbano. O nosso modo católico de pensar com características rurais não se adequava com a vida urbana. Um dos pontos de conflito residia no jeito de vestir: o uso da batina. Uma segunda fonte de influência foi a convocação pelo papa João XXIII do Concílio Vaticano II. As razões que o papa trazia à tona para justificar a convocação, de certa forma, correspondia às nossas ansiedades: “romper com o passado e com sua história” era um sentimento de guerra que tomou conta da juventude. [...] Para aquele momento histórico, a

¹¹⁵ Id.p. 61.

¹¹⁶ LIBANIO, João Batista; MURAD, Afonso. *Introdução à teologia*, p. 199.

superação do confronto metodológico era muito difícil. Embora a prática conflitual fosse metodológica, a fonte geradora do conflito eram as concepções de mundo: a concepção teológica tradicional e a concepção teológica inspirada na ciência moderna. O confronto passava pelas salas de aula, pelos debates, mas encontrava seu terreno mais fértil na prática pastoral, principalmente onde atuava o movimento da Ação Católica¹¹⁷.

Assim, vê-se que logo após o Concílio Vaticano II, o apelo dos estudantes de teologia de Viamão consistiu em possibilitar à formação acadêmica uma teoria que tivesse repercussão na vida prática e pastoral da Igreja, bem como, o diálogo com os grandes assuntos que a modernidade exigia. Como é possível notar na fala de Elli Benincá o conflito gerado no grande seminário, o qual expos a fragilidade do método tradicional de ensino da teologia, que durante um tempo cumpriu seu papel, mas que naquele momento não condizia mais com as necessidades e nem produzia sentido nem encanto. A vontade de estudar teologia voltada para as realidades humanas da Igreja acabou sendo decisiva para grandes mudanças que se seguiram.

A história da formação dos seminaristas deu passos significativos quanto aos apelos de Medellín e Puebla na opção pelos pobres quando os seminaristas saem do grande seminário de Viamão e passam a morar nas periferias de Porto Alegre, assumindo um jeito pobre de morar onde os pobres moravam. Foi o tempo da inserção em meio as realidades de pobreza, abandonando a segurança que o seminário trazia, para um modo de vida marcado pela proximidade a realidade dos pobres. Os estudos teológicos continuaram na PUC, mas a residência e a vida formativa estavam inseridas no mundo das comunidades de base, no espaço do trabalho e da vida em sintonia com os necessitados¹¹⁸.

Mas as necessidades de uma formação mais condizente com as exigências do tempo, das esperanças da Igreja e da utopia eclesial não paravam por aí. Os seminaristas das dioceses do Rio Grande do Sul deslocavam sua vida, não só geograficamente, mas eclesial, pastoral, cultural e humanamente das suas regiões de origem, para a realidade do grande seminário de Porto Alegre. Após a conclusão dos estudos acadêmicos de filosofia e teologia, o próximo passo

¹¹⁷ BENINCA, Elli. Entrevista Elli Benincá, educador e pastor. IN: FAVRETO, Clair; BALBINOT, Rudinei. *Teologia e pastoral: práxis e evangelização*, p.27.

¹¹⁸ “Em 1981 um grupo de estudantes de teologia – grupo da diocese de Vacaria e de Erechim e uma parte de Santo Ângelo – sai de Viamão e organiza-se em pequenas comunidades seminarísticas, localizadas nos bairros populares da grande Porto Alegre. No final de 1981 e começo de 1982, o grupo de Passo Fundo saiu do Seminário de Viamão e organizou uma comunidade seminarística, no bairro Agronomia de Porto Alegre. Este procedimento vinha motivado pela aproximação dos agentes de pastoral com os movimentos populares e das CEBs e embasado no Concílio Vaticano II”. IN: BENINCÁ, Elli; RODIGHERO, Ivanir. O processo de formação presbiteral e o Itepa. IN: FAVRETO, Clair; BALBINOT, Rudinei. *Teologia e pastoral: práxis e evangelização*, p. 80.

era a ordenação presbiteral e o retorno para a diocese de origem. Os novos padres não conheciam os outros padres, muitas vezes tinham o mínimo contato com o próprio bispo diocesano. A realidade social, a eclesiologia da Igreja particular, os desafios que este novo espaço trazia aos jovens formados, a compreensão de espaço, as decisões políticas e os conflitos se tornaram decisivos para novos passos.

Depois da saída do grande seminário de Viamão, de morar nas periferias de Porto Alegre, o outro passo foi promover uma formação presbiteral mais próxima das realidades das quais os seminaristas eram oriundos. Surge assim a necessidade de criação de espaços acadêmicos de formação filosófica e teológica em outros pontos do estado. Mas como enfrentar essa situação? O grande seminário de Viamão era um orgulho para o episcopado gaúcho e a PUC a grande instituição acadêmica da Igreja Católica. Seria possível mudanças? Com um episcopado mais atento aos apelos que a própria Conferência dos bispos estava encaminhando sobre a formação, uma realidade social cada vez mais gritante para as Igrejas locais, e a procura de qualificação teológica de leigos e leigas foi o estopim para que nos anos de 1980 as dioceses do Rio Grande do Sul organizassem espaços teológicos próprios. Como informa a pesquisa de Elli e Ivanir:

No final da década de 70 e no início dos anos 80, estavam funcionando somente o instituto do Colégio Máximo, dos Padres Palotinos, em Santa Maria e o Instituto de Teologia e Ciências Religiosas – ITCR – da Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre (PUC). Na primeira metade da década de 80, no Estado, passam a ser sete institutos de teologia. Nasceram, portanto, mais os institutos Centro de Estudos Teológicos São João Maria Vianey – Cetjov – de Viamão; Instituto Missioneiro – IMT – de Santo Angelo; Instituto de Teologia e Pastoral de Passo Fundo – Itepa – de Passo Fundo; Instituto de Teologia Paulo VI, de Pelotas; Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana – Estef – dos Capuchinhos, em Porto Alegre¹¹⁹.

A teologia produzida no Rio Grande do Sul agora estava espalhada pelas diversas realidades eclesiais e oportunizaram mudanças na estrutura do ensino, da produção teológica e da qualificação pastoral. Assim, chega-se à origem do Itepa, com sua teologia pastoral e o surgimento da metodologia histórico evangelizadora.

¹¹⁹ BENINCÁ, Elli; RODIGHERO, Ivanir. O processo de formação presbiteral e o Itepa. IN: FAVRETO, Clair; BALBINOT, Rudinei. *Teologia e pastoral: práxis e evangelização*, p. 61.

2.3 – O Itepa e a teologia pastoral

Os fatos que estão elencados acima narram, com simplicidade de detalhes, um pouco do processo realizado nos seminários e no estudo teológico do Rio Grande do Sul até a criação dos institutos de teologia pelo interior do estado. Esta retomada pretende retratar o caminho percorrido desde a preparação para o Concílio Vaticano II, as Conferências Episcopais de Medellín e Puebla, o desenvolvimento da teologia da libertação e os clamores tanto da realidade social quanto eclesial. Eram tempos de crises que apontaram caminhos interessantes para a Igreja como um todo.

A criação dos Institutos de Teologia espalhados pelos quatro cantos do estado do Rio Grande do Sul manifesta o interesse de confrontar a realidade com a teologia, ou seja, teologizar a realidade e qualificar a ação evangelizadora dos seminaristas. Mas, não só isso. A palavra formação se tornou quase que uma palavra de ordem nos pós Concílio em todos os sentidos. E quem estava pedindo, clamando, exigindo formação eram os leigos e leigas e os religiosos e religiosas. Com a compreensão de Igreja Povo de Deus e a retomada da ação pastoral por parte de todos os batizados, o estudo e a preparação daqueles que assumiriam sua missão na comunidade requeria preparação.

Deste modo, no Interdiocesano Norte¹²⁰ nasce um “berço de esperança”¹²¹. É o Itepa, o Instituto de teologia e pastoral¹²². Nas palavras de Ari Antônio dos Reis:

O Itepa nasceu em um contexto de transformações profundas que extrapolavam o âmbito eclesial. A sociedade como um todo se modificava e, na conjuntura que se delineava surgiam também os desafios para a Igreja presente na região. A formação teológica era um dos desafios. Os agentes se ressentiam de um espaço para aprofundamento teórico. Os seminaristas maiores sonhavam em estudar mais próximos a região onde trabalhariam como padres. Era um passo decisivo a ser dado e que certamente marcaria a história da região¹²³.

¹²⁰ Formado pelas dioceses de Passo Fundo, Frederico Westphalen, Vacaria e Erechim. Antes da criação das Arquidioceses de Passo Fundo, Santa Maria e Pelotas, a Igreja do Rio Grande do Sul já tinha uma caminhada pastoral em regiões de proximidade geográfica, cultural e eclesial próximas, que eram chamadas de interdiocesanos.

¹²¹ Forma carinhosa como é chamado o Itepa na letra do hino do Instituto, cuja letra é de Pe Claudir Pressi e Música de Ir Mirtes Roman.

¹²² Conforme contam, na missa de abertura do Itepa realizada na capela do Seminário Nossa Senhora Aparecida, havia um letreiro ITEPA, e que a letra P não tinha jeito de ficar fixada na parede. Este fato foi entendido de maneira muito alegre, pois o P da Pastoral, seria o grande desafio do instituto nascente.

¹²³ REIS, Ari Antônio. Os contextos que influenciaram a criação do Itepa. IN: FAVRETO, Clair; BALBINOT, Rodinei (Org). *Itepa: história e perspectivas*, p. 47.

Este novo espaço de estudo teológico nasce então com exigências específicas, dentre elas, os anais do Itepa trazem o seguinte: “Seja um Instituto teológico-pastoral, que atenda aos apelos da Igreja de hoje: Vaticano II, Medellín, Puebla, opção pelos pobres; tenha um conteúdo libertador; os estudantes aprendam a fazer teologia dentro de nossa realidade e não simplesmente se lhes dê teologia”¹²⁴.

Denota-se nestas exigências qual é o rumo teórico, metodológico e eclesial que a teologia construída no Itepa seguirá. Este rumo se explicita também nas finalidades do próprio Instituto, conforme as anotações dos Anais, lê-se: “a) preparar os futuros sacerdotes da região para o ministério sacerdotal; b) proporcionar aos religiosos e leigos a oportunidade de realizar estudos teológicos e exercitar-se na pastoral; c) capacitar agentes de pastoral; d) ser centro de pesquisa e reflexão teológica”¹²⁵.

Como o apelo pela capacitação teológica para ação pastoral foi e é o espírito que conduz o Itepa, estudar teologia pastoral se tornou o carro chefe da formação teológica. Isso em nada desmereceu outras áreas do conhecimento teológico. Pelo contrário. A área bíblica, por exemplo, está firmada no método exegético que permite, “por de trás das palavras” encontrar o fundamento do agir humano e pastoral inspirado na Palavra de Deus. Como diz Jair Carlesso, professor da área bíblica:

O Itepa faz uma leitura a partir de seu lugar de inserção, em vista de uma Igreja inserida, sinal do Reino de Deus, buscando a vida e a libertação do povo sofrido do campo e da cidade. cremos que, como nos diz o Salmo 119,105, a Palavra de Deus é, de fato, luz para o caminho de libertação a ser construído¹²⁶.

A teologia pastoral que se fortalece no mais genuíno e teórico conteúdo da espiritualidade cristã em busca de uma teologia que reze, celebre e vibre pela causa de Jesus Cristo é o que mantém a espiritualidade ensinada, vivida, cultivada e propositada pelo Itepa. Diz o Ivanir Rampom:

¹²⁴ ITEPA. *Anais do Instituto de Teologia e Pastoral de Passo Fundo*, p. 22.

¹²⁵ REIS, Ari Antônio. Os contextos que influenciaram a criação do Itepa. IN: FAVRETO, Clair; BALBINOT, Rodinei (Org). *Itepa: história e prospectivas*, p. 49.

¹²⁶ CARLESSO, Jair. Leitura Bíblica no Itepa: Bíblia, fonte de fé e de luta. IN: FAVRETO, Clair; BALBINOT, Rodinei (Org). *Itepa: história e prospectivas*, p. 69-70.

No Itepa, tem-se refletido que a liturgia orante acontece quando “somos capazes de ir além do ritualismo e do verbalismo e assumimos o sentido pleno da ritualidade, que se realiza na unidade entre a palavra que pronunciamos, o gesto corporal que assumimos e a atitude espiritual com que expressamos”. A oração liberta quando desperta a esperança profética. Neste sentido, a oração torna-se um lugar de denúncia da injustiça, anúncio de uma nova aurora e experiência parcial da utopia. Passando pelo Instituto, Ione Buyst afirmou que a liturgia é sinal de esperança na medida em que ela é capaz de reunir os excluídos que a sociedade rejeita, para fazer a experiência da presença do Deus da caminhada libertadora¹²⁷.

Assim, a teologia que desde o início do Itepa, foi produzida leva em consideração o cultivo acadêmico, ou seja, construir com os envolvidos no processo a formação de sujeitos teológicos, agentes de uma pastoral que seja teológica e de uma teologia pastoral com teólogos que incorporam na vida a reflexão que realizam¹²⁸. Quem explicita essa relação da teoria com a prática pastoral e a construção de do conteúdo na qualificação do sujeito é Elli Benincá. Em um de seus textos sobre práxis e pastoral ele diz:

No meu entendimento, o processo de investigação pedagógica, na perspectiva da práxis, não é apenas um método para a produção de conhecimento pedagógico. É um processo que transcende a mera dimensão de produção de conhecimentos e se transforma numa pedagogia de capacitação e formação permanente do professor-pesquisador. Investigar a prática pedagógica é investigar-se; significa transformar-se, o que quer dizer: construir e educar-se. Portanto, a ação de investigar a prática pedagógica é uma ação formativa e de capacitação profissional. Nisto a pedagogia da práxis se distancia das demais pedagogias, pois tem por objetivo a produção do conhecimento pedagógico e a formação permanente do educador¹²⁹.

A explicitação do Pe Elli reflete o que, de certo modo, influenciou muito a pedagogia teológica do Itepa, inclusive como a pastoral se tornou objeto de estudo no fazer teológico. Até

¹²⁷ RAMPON, Ivanir. Um berço de esperança: uma reflexão sobre a espiritualidade no Itepa. IN: FAVRETO, Clair; BALBINOT, Rudinei. *Teologia e pastoral: práxis e evangelização*, p. 125.

¹²⁸ “A linha metodológica para a necessidade de fortalecimento da participação do aluno, na pesquisa, nas leituras e nos debates. O aluno é compreendido como agente de sua formação. Ao professor cabe a missão de abrir perspectivas, orientando o aluno na pesquisa e na busca do aprofundamento teológico pastoral. Também deve fornecer os complementos necessários aos estudos. Se o aluno é o agente da sua formação, o professor deve ajudá-lo a compreender-se como agente. O desafio proposto a estes dois sujeitos do processo formativo consiste na necessidade de uma sólida formação teológica. A profundidade tem de ser exigida em todos os níveis e em todas as instâncias do processo formativo”. IN: REIS, Ari Antônio. Os contextos que influenciaram a criação do Itepa. IN: FAVRETO, Clair; BALBINOT, Rodinei (Org). *Itepa: história e prospectivas*, p. 50.

¹²⁹ BENINCA, Elli. Práxis pastoral. IN: *Caminhando com o Itepa*, ano 63, p. 12.

que foi implantada uma metodologia dentro dos princípios da práxis pastoral, o ensino era sobre as pastorais e não sobre o modo como o agente e ou a práxis tinha influência no modo de ser do agente.

2.4 – O estudo da pastoral no Itepa antes da Metodologia Histórico Evangelizadora

A busca pela integração entre o estudo da teologia e a pastoral faz parte da constituição do Itepa. Uma teologia com bases sólidas na Palavra de Deus e na espiritualidade libertadora. Portanto, os acadêmicos do curso de teologia do Itepa estudam, além das disciplinas exigidas para a preparação dos futuros presbíteros em um curso básico de teologia, as disciplinas diretamente ligadas a pastoral.

No currículo do curso regular¹³⁰, primeiramente a disciplina de pastoral foi pensada no estilo de estudo sobre as diversas formas de pastoral. Ao longo dos oito semestres se estudava:

- a) Primeiro semestre – Pastoral I: análise de conjuntura da região (social, econômica, cultural e religiosa).
- b) Segundo semestre – Pastoral II: princípios de Evangelização e Catequese.
- c) Terceiro semestre – Pastoral III: catequese da Iniciação e Catequese Escolar.
- d) Quarto semestre – Pastoral IV: Catequese de adultos. Pastoral familiar e dos jovens.
- e) Quinto semestre – Pastoral V: Movimentos da Igreja.
- f) Sexto semestre – Pastoral VI: ecumenismo; seitas populares; cultura afro-brasileiros; religiosidade popular.
- g) Sétimo semestre – Pastoral VII: Pastoral Popular, Movimentos Populares.
- h) Oitavo semestre – Pastoral VIII: organização Paroquial e Diocesana¹³¹.

Este sistema de estudo das pastorais específicas aconteceu de 1988, ou seja, logo após a estruturação e seguiu até 1992. Com o passar do tempo este modo de estudar a pastoral se tornou deficitário no sentido de produzir teologia. A crise gerada pelo modelo de estudo, aliada a

¹³⁰ O Itepa ofereceu por muitos anos, além do curso regular de quatro anos ou oito semestres, a modalidade de férias, na qual as atividades acadêmicas eram realizadas de maneira intensiva nos meses de janeiro e julho. Nesta modalidade muitos leigos e leigas bem como religiosos e religiosas de vários lugares realizaram estudos teológicos e pastorais. Foi uma maneira de responder a necessidade de formação e qualificação teológica tão requerida pela Igreja após o Concílio Vaticano II. No tempo em que funcionou o curso de férias, os religiosos e religiosas, leigos e leigas, mantinham suas atividades apostólicas e profissionais e no período de férias frequentavam as aulas.

¹³¹ A referência da planilha de disciplinas pastorais está citadas por Ari dos Reis. REIS, Ari Antônio. Os contextos que influenciaram a criação do Itepa. IN: FAVRETO, Clair; BALBINOT, Rodinei (Org). *Itepa: história e perspectivas*, p. 51.

qualificação dos professores, as inspirações eclesiais desde Medellín e Puebla e o desejo de produzir uma teologia com os pés na realidade frutificarão em um novo contexto para a disciplina de pastoral do Itepa e para a teologia pastoral até hoje¹³².

2.5 – Metodologias teológico-pedagógicas-pastorais e método participativo

Um dos avanços provocados pelo Concílio Vaticano II e assumido na América Latina na produção teológica é a mudança de método, isto é, o modo de aprender, ensinar, pesquisar e praticar teologia.

Como se trata de uma ciência, a teologia tem seus métodos. Dizer métodos no plural porque a pesquisa, o estudo e o ensino de uma determinada ciência pode ter várias vias. Assim, a palavra método designa “caminhos, meios ou opções operativas para conseguir um fim. ‘São estilos de ação prática com os quais atuamos na realidade para transformá-la no sentido que desejamos’”¹³³. Dentro da teologia é interessante o que define Clodovis Boff a respeito do modo como ele entende o método apropriado para a teologia: “A metodologia teológica não se ocupa diretamente com o conteúdo da teologia (teorias) mas com a sua forma, seu processo, sua prática. Ela não ensina teologias feitas, ensina sim a fazer teologia”¹³⁴. E o mesmo teólogo entende que fazer teologia é assumir como objeto de pesquisa a realidade que exprime o sagrado. Como ele mesmo exprime:

Na verdade, a teologia não tem por objeto um “objeto” entre outros. Ela não estuda um “pedaço” da realidade total, materialmente distinto de tudo o mais. Antes, ela toma como “objeto” aquela dimensão da realidade que diz respeito ao Sentido supremo e por isso totalizante de tudo e de todas as coisas¹³⁵.

¹³² “A atenção especial está no processo de reflexão que vem acontecendo desde 1993. Este processo é conduzido pela MHE. Será visto o processo de nascimento da MHE, os seus fundamentos e como ela foi se estruturando como proposta de reflexão da pastoral e da teologia, buscando superar a dicotomia entre o estudo teológico e a prática pastoral” ¹³² REIS, Ari Antônio. Os contextos que influenciaram a criação do Itepa. IN: FAVRETO, Clair; BALBINOT, Rodinei (Org). *Itepa: história e perspectivas*, p. 52.

¹³³ FLUENTES, Salvador Valadez. *Espiritualidade pastoral: como superar uma pastoral “sem alma?”*, p. 100.

¹³⁴ BOFF, Clodovis. *Teoria do método teológico*, p. 18.

¹³⁵ Id. p. 43.

Então, conforme Clodovis, teologia tem objeto de estudo. Isso oferece um caráter científico a ela. Todavia, o método de estudar teologia não é único. Nas palavras de Salvador Fuentes:

Falando pastoralmente, os métodos são mais que instrumentalização do trabalho. São também enfoques ou opções que se fazem em favor de valores que se encarnam e se projetam nos estilos de fazer as coisas. Pode haver uma grande diversidade de métodos, com possibilidades muito variadas. Alguns até podem ser opressores e desumanizantes. Daí a urgência de revê-los permanentemente, a fim de optar por aqueles que respondam melhor aos objetivos da pastoral¹³⁶.

Deste modo, a pesquisa em teologia pastoral analisada sob alguns critérios metodológicos pode ser de acordo com as necessidades da Igreja ou serem contrárias aquilo que a evangelização tanto almeja para os tempos atuais. Os métodos, os caminhos, as vias de pesquisa e reflexão pastoral podem, ou não, auxiliar na “teologização da pastoral” e na “pastoralização da teologia”, e na qualificação dos envolvidos nos processos evangelizadores em maior ou menor escala, dependendo da opção assumida.

O método dedutivo aplicado ao modo tradicional de ensinar teologia e, conseqüentemente exercer a pastoral, estabeleceu como critério o senso comum, isto é, a verdade está dada, basta ser conhecida. Logo, ensinar teologia por este método significa, por parte de quem educa, reproduzir as teorias, repassar as informações dogmáticas e, por parte de quem é educando, receber as informações passivamente. E do ponto de vista da pastoral, a fidelidade a doutrina é “termômetro” para saber se um povo está verdadeiramente evangelizado¹³⁷. Como explica Elli Benincá:

Como a teologia do início do século XX, que denominamos aqui de tradicional, ou de teologia dos manuais, havia se sedimentado nas consciências dos fiéis católicos, em forma de senso comum, essa mesma teologia quando orientava as consciências, o fazia de forma espontânea, sem dar-se conta de possíveis contradições no seu estatuto teórico. Essa teologia se reproduziu nas pregações, costumes e cultura

¹³⁶ FLUENTES, Salvador Valadez. *Espiritualidade pastoral: como superar uma pastoral “sem alma?”*, p. 100

¹³⁷ Do ponto de vista da pedagogia tradicional, aplicado ao conceito de sala de aula, esta relação professor e aluno pode ser assim concebida: “A sala de aula, sob este prisma, é entendida como o espaço onde o mestre passa a lição aos alunos. O centro da atividade educativa em sala de aula é a lição a ser ensinada pelo mestre e aprendida pelos alunos. Nesta concepção de aula, é possível pensar a assimetria que existe entre professor-aluno de modo vertical e unilateral. Ou seja, o professor é quem sempre sabe, o aluno é quem sempre aprende”. ZANANDRÉA, Rene; BALBINOT, Rodinei. *Prática Pastoral e fazer teológico na perspectiva histórico-evangelizadora*. IN: MEZADRI, Neri; BALBINOT, Rodinei (org). *Metodologia da ação evangelizadora: uma experiência no fazer teológico pastoral*, p. 38.

das comunidades católicas, de forma que ainda hoje a encontramos fortemente radicada em nossas consciências e nas orientações práticas de nossa atividade pastoral¹³⁸.

Mesmo com o avanço da teologia da libertação e a produção de uma teoria que reflete a necessidade da construção de sujeitos da sua própria condição, a metodologia da qual os estudantes de teologia e os agentes de pastoral eram portadores criou alguns empasses teóricos. Se, por um lado, o discurso teológico tinha como centralidade a libertação dos oprimidos, a participação nos processos de libertação social, por outro lado, a metodologia em vigor na ação evangelizadora e teológica ainda não tinha avançado o suficiente para criar verdadeiros processos de uma pastoral de autonomia dos sujeitos. Segue a meditação de Elli Benincá:

A reflexão teológica provinda da teologia da libertação, quando não consegue, através da mística e da espiritualidade, transformar-se em consciência prática libertadora, fica aprisionada no discurso teórico, enquanto que, a teologia tradicional, transformada em senso comum, orienta as ações práticas da pastoral¹³⁹.

A dicotomia entre discurso e prática no fazer teológico, bem como na ação pastoral, coloca em risco todo o processo requerido a partir da teologia da libertação, cujo centro é a libertação integral do ser humano de todo processo de dominação e submissão.

Outro ponto a ser considerado é que para as ciências positivistas, cujo método de investigação parte da observação do objeto para ser dado como verdade. Na ação evangelizadora e produção teológica, a relação dos sujeitos como intercâmbio de experiências e facilitadores de teoria é muito difícil de ser aceita, pois o objeto de investigação, deste caso é difícil de ser identificado empiricamente. É interessante como observa Elli Benincá sobre o assunto:

Na postura positivista, a ação do investigador recai sobre um objeto externo à consciência. Por isso a ação investigadora fica dicotomizada. Há um observador e um objeto a ser observado. A redução do sujeito e da comunidade, à dimensão de objeto, impossibilita o estabelecimento da relação sujeito-sujeito. Nessa compreensão teórica, o ato educativo, enquanto ação de um sujeito sobre um objeto, fica reduzido a um objeto externo à consciência, e por isso, qualificável e mensurável. O

¹³⁸ BENINCA, Elli. *Pedagogia Pastoral: Metodologia Histórico-Evangelizadora*. IN: FAVRETO, Clair; BALBINOT, Rodinei (Org). *Itepa: história e perspectivas*, p. 103.

¹³⁹ Id. p. 103.

educando, portanto, não tem qualquer intervenção sobre o educador, pois o ato relacional o coloca em oposição ao educador¹⁴⁰.

Esta postura cujo método se identifica com as ciências positivas também não corresponde as intenções da teologia e da ação evangelizadora dentro de um critério que leve em consideração a realidade, os envolvidos nos processos e as trocas de experiência como possibilidade de conhecimento. Mas é um método identificado pelas ciências que usam a observação de um objeto cujo pesquisador não faz parte daquilo que estuda. É um estudo externo a pessoa. É uma observação de alguém de fora, que não se encontra com o tema da sua pesquisa, ou seja, aquilo que estuda, produz ou realiza não muda atitudes humanas. É bem típico o método encontrado nas ciências biológicas, por exemplo, quando o pesquisador estuda exaustivamente o desenvolvimento de uma planta, mas ele faz isso com critérios de observação e não de interação pesquisador e objeto.

Isso acontece também na teologia pastoral, quando aquele que estuda teologia e realiza uma ação pastoral não se permite interagir com o que estuda ou realiza. O estudo teológico é algo externo ao estudante, sem incidência no modo de agir, viver a fé, cultivar a espiritualidade e conviver com os outros. E a prática pastoral, seguindo esse método, o agente é aquele que realiza a ação, mas não se envolve com aquilo que está acontecendo, nem com pessoas, nem com a realidade social ou religiosa. É uma atuação prática, mas não reflexiva. Sobre isso, esclarece Elli Benincá: “O ato pastoral é sempre um ato humano, por isso, portador de subjetividade. Para a ciência positiva surge o problema de como observar um objeto, como a relação pastoral, que nunca se manifesta de forma totalmente idêntico”¹⁴¹. Provavelmente, quem se identifica com este método e esta forma de fazer teologia pastoral não aceitará a prática como portadora de cientificidade, já que é uma mera ação, um fazer ações religiosas exteriores a sua construção integral.

Assim, o método positivista é possível de ser assumido. Mas dentro das convicções do Itepa, a teologia e a prática pastoral exigem um além¹⁴². A mudança do modo como o estudo

¹⁴⁰ BENINCA, Elli. Práxis pastoral. IN: *Caminhando com o Itepa*, ano 63, p. 9.

¹⁴¹ Id. p. 9.

¹⁴² “A reflexão e o diálogo em torno da prática pastoral ajuda a superar a orientação positiva que, mesmo que inconsciente, tende a permear nossas práticas, no caso voltadas para quantidade e o alcance de resultados traduzidos em números. Muitas vezes caímos no erro de quantificar a ação evangelizadora. Qualquer atividade tem sentido se envolve número de pessoas. Por traz da perseguição quantitativa escondemos as dificuldades do processo evangelizador. Nem sempre “casa cheia” é indicativo de que a ação de fato gera compromisso comunitário e com o Reino de Deus. A reflexão da prática ajuda a compreender a importância de outros critérios na avaliação da ação evangelizadora”. REIS, Ari Antônio. Alcances e desafios da Metodologia histórico-

das disciplinas pastorais foi acontecendo no Itepa, bem como as exigências da Igreja e do espírito da própria instituição, a maneira como a teologia e a prática pastoral acabou encontrando o seu desenvolvimento foi através do chamado método participativo.

A palavra participação vem do termo latino “*participatio*”, que significa tomar parte na ação (pars+in+actio)¹⁴³. Assim, o conceito de participação no fazer teológico, na pesquisa em teologia e na ação evangelizadora compreende que haja uma apropriação por parte dos envolvidos no todo.

Ainda, fazer teologia e/ou evangelizar inspirado no método participativo estabelecerá um vínculo entre o objeto de estudo, a realidade estudada e aquele que estuda de tal maneira, que ambos se sentirão responsáveis uns pelos outros: a teologia pelo contexto, o contexto pelo agente, o agente pelo contexto e todos pela teologia. A síntese deste processo todo torna a pastoral e a evangelização em chave participativa, e uma participação que inspira teologia. Nas palavras de Elli Benincá: “o acento da participação recai sobre a ação e sua teorização. O planejamento participativo tem por pressuposto a ação refletida dos participantes. ‘Eles têm parte na ação’”¹⁴⁴.

Deste modo, a produção teológica que assume o método participativo também se inspira em um modo de pesquisa científica que foi abraçado por outras áreas do conhecimento como a pedagogia, que se chamou de pesquisa participante. O pesquisador Carlos Brandão afirma que a opção por uma metodologia de pesquisa participante tem seu desenvolvimento nos processos de socialização da América Latina da década de oitenta e do envolvimento das pessoas em busca de caminhos de construção de conhecimento¹⁴⁵. Até então, os métodos de pesquisa e produção de conhecimento se davam de forma autoritária e desconexo com a realidade, fortalecido pela teoria de que o conhecimento verdadeiro provém daquilo que é dado como verdadeiro. Como o objeto de pesquisa já é dado, a forma de apreender é repassando teoria com informação.

evangelizadora. IN:MEZADRI, Neri; BALBINOT, Rodinei (org). *Metodologia da ação evangelizadora: uma experiência no fazer teológico pastoral*, p. 191-192.

¹⁴³ BENINCÁ, Elli. Em busca das raízes da Metodologia Histórico-evangelizadora. IN: MEZADRI, Neri; BALBINOT, Rodinei (org). *Metodologia da ação evangelizadora: uma experiência no fazer teológico pastoral*, p. 21.

¹⁴⁴ Id. p. 21.

¹⁴⁵ “A pesquisa participante surge, conceitual e metodologicamente, no início da década de oitenta, quando a realidade de um número importante de sociedades latino-americanas se caracteriza pela presença de regimes autoritários e modelos de desenvolvimento manifestamente excludentes, no aspecto político, e contentadores, no aspecto econômico”. BRANDÃO, Carlos. *Repensar a pesquisa participante*, p. 39.

O desenvolvimento do método da pesquisa participante proporcionou uma mudança na forma de compreender o conhecimento que não é mais acúmulo de informações, mas a produção coletiva de sujeitos envolvidos em processos de transformação social. Assim, Brandão estabelece que metodologicamente a pesquisa participante propõe os seguintes objetivos:

- 1) Promover a produção coletiva de conhecimentos, rompendo com o monopólio do saber e da informação e permitindo que ambos se transformem em patrimônio dos grupos subalternos;
- 2) Promover a análise coletiva do ordenamento da informação e da utilização que dela se pode fazer;
- 3) Promover a análise crítica, utilizando a informação ordenada e classificada a fim de determinar as raízes e as causas dos problemas e as possibilidades de solução;
- 4) Estabelecer relações entre os problemas individuais e coletivos, funcionais e estruturais, como parte da busca de soluções coletivas aos problemas enfrentados.¹⁴⁶

Esse estatuto metodológico da participação na pesquisa se estrutura dentro do princípio nos processos de interação entre realidades sociais e experiências vivenciadas, quando compartilhadas de modo sistemático, produzem uma troca de informação que geram uma outra informação, um outro saber, e uma inspiração coletiva para chegar à solução dos problemas vividos pelos envolvidos. Há uma interação entre realidade vivida, observação sobre esta realidade, produção de informação e partilha da mesma. A formação do saber é resultado de vários outros saberes que partem da base, do envolvimento de todos que desejam mudanças estruturais, sociais e cognitivas. Como mesmo diz o nome, é pesquisa participante. Nas palavras de Brandão:

Os modelos alternativos de indagação e criação cultural já não aparecem então como um “novo paradigma” de produção e comunicação de conhecimentos, mas como um conjunto de ações que contém em germe os elementos que se propõem como alternativa tanto para a educação e pesquisa educativa quanto para a sociedade em seu conjunto¹⁴⁷.

¹⁴⁶ Id. p. 40.

¹⁴⁷ Id. p. 47.

Outra contribuição importante para o princípio da participação nos processos de produção de conhecimento e renovação das práticas de ensino-aprendizagem é a metodologia da pedagogia libertadora. Um dos teóricos por excelência da pedagogia da libertação é Paulo Freire. Crítico ao método tradicional de educação, que ele chama de “bancário”, no qual o educador é portador da verdade e deposita na consciência do educando aquilo que ele sabe. Esta forma tradicional, para Freire não é saber em construção. No livro *Pedagogia do Oprimido* o autor reflete o seguinte:

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres vazios a quem o mundo “encha” de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como “corpos conscientes” e na consciência como consciência intencionada de mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo¹⁴⁸.

Assim, a pedagogia libertadora assume a consciência de que o outro não é um ser vazio, mas portador de experiências que, em sua caminhada, também são educativas¹⁴⁹. O próprio Freire acaba afirmando: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”¹⁵⁰. É por este motivo que a metodologia empregada nos processos pedagógicos libertadores de pesquisa, ensino, práxis e aprendizagem “se realiza por meio de uma metodologia conscientizadora, além de nos possibilitar sua apreensão, insere ou começa a inserir os homens numa forma crítica de pensarem o seu mundo”¹⁵¹.

Todavia, os princípios da pedagogia em vias de libertação também apresentaram como fundamento a necessidade de revisão das práticas pessoais de educação. Se o educador é portador de uma experiência que produz um saber, a maneira como ele comunica este saber necessita a uma constante revisão metodológica. Chama atenção o que diz Paulo Freire: “por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”¹⁵². A reflexão elaborada sobre si faz do educador não um estranho

¹⁴⁸ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, p. 94.

¹⁴⁹“ A verdade, não seria possível à educação problematizadora, que rompe com os esquemas verticais característicos da educação bancária, realizar-se como prática da liberdade, sem superar a contradição entre o educador e os educandos.”IN: FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, p. 95.

¹⁵⁰ Id. p. 95.

¹⁵¹ Id. p. 134.

¹⁵² FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*, p. 40.

aos processos realizados, mas introduz “ele próprio” na caminhada junto com os seus, valendo a máxima: “os homens se educam a si”. Refletir sobre as práticas facilita o constante processo de conversão e qualificação da comunicação dos saberes do qual o educador se inclui, isto é, ele faz parte da ação educativa do outro, mas de si também, da qual o outro como é educado também é um educador. Freire ainda ressalta: “Não é possível a assunção que o sujeito faz de si numa certa forma de estar sendo sem a disponibilidade para mudar. Para mudar e de cujo processo se faz necessariamente sujeito também”¹⁵³.

Assim, a abertura que se tem neste princípio da participação, tanto do ponto de vista da pedagogia, da pesquisa nas ciências sociais, possibilitou a implantação de uma metodologia de estudo, pesquisa, pastoral e produção teológica no Itepa cujo valor será exatamente a participação. Já apareceu algumas vezes no texto a palavra Metodologia Histórico Evangelizadora. É o ponto alto de todo um processo realizado na instituição desde sua origem, mantendo-se firme aos princípios que deram base para o Itepa e a caminhada eclesial na qual se encontra o mesmo.

2.6 – Metodologia Histórico Evangelizadora

Estes contextos todos que foram elencados até aqui permitem agora desenvolver o caminho que o Itepa encontrou para proporcionar a práxis teológica-pastoral uma metodologia diferenciada. Conforme se observou, o método tradicional de ensino e pesquisa tem o limite do senso comum e a postura autoritária daquele que sabe sobre o que ensina. As ciências positivas excluem a possibilidade de interação do pesquisador com o meio pesquisado, ficando a teologia ou a pastoral um objeto externo, sem envolvimento e sem a interação dos envolvidos.

Mas o diálogo com o método participativo, a pesquisa participante, a pedagogia da libertação, a teologia da libertação e os processos de formação das bases sugere uma outra via de ensino, pesquisa, teologia pastoral, ação pastoral e práxis evangelizadora. É o que no Itepa foi chamado de Metodologia Histórico Evangelizadora ou MHE. Esta metodologia tem um diálogo interessantíssimo com a pedagogia, visto que o desenvolvimento de tal caminho de pesquisa se deu em duas instituições que compartilharam um caminho parecido: o Itepa e a Universidade de Passo Fundo, com a faculdade de Educação. Tanto na teologia como na pedagogia, o professor Elli Benincá, já citado tantas vezes, motivou a todos para um salto de

¹⁵³ Id. p. 40.

qualidade no método de ensino-aprendizagem, o qual tem todos os princípios do método participativo em evidência. Por isso que se confunde o processo teológico com o pedagógico, já que os textos produzidos e as pesquisas realizadas para fundamentar o método valem para ambas as áreas de conhecimento. Se possível dizer: uma teologia pastoral pedagógica e uma pedagogia pastoral e evangelizadora¹⁵⁴. Como fundamenta Ari Antônio dos Reis: “Esta metodologia nasceu a partir do diálogo com a pedagogia, tendo, porém, presente uma das marcas político-pedagógicas do Itepa que é o método participativo”¹⁵⁵.

Entretanto, para ser concebida de uma maneira sistemática, a MHE, em sua constituição precisou de fundamentação teórica para não ser mais um “jeito de estudar” teologia pastoral. Assim se referem os autores do livro “Metodologia Pastoral: Mística do discipulado Missionário”:

Identificado o objeto, podemos construir um método para observar, sistematizar e refletir a ação evangelizadora. Podemos construir uma ciência pastoral sem destruir a subjetividade de que o objeto é portador. E acreditando na possibilidade de uma ciência pastoral, poderemos, então, prromo-nos a caminho para criar uma metodologia que cumpra eficazmente com as exigências do processo de evangelização e que, ao fazer isso, também produza conhecimentos pastorais¹⁵⁶.

O objeto identificado pela MHE, assim dizendo, é a relação que existe entre a prática pastoral realizada pelos estudantes de teologia do Itepa e a relação que ele estabelece consigo mesmo, com a comunidade, o contexto social e a ação evangelizadora¹⁵⁷. Segue, então, o suporte epistemológico que mantém a MHE como método teológico e com o rigor da pesquisa participante, do método participativo e do fazer teológico-pastoral próprio do Itepa.

¹⁵⁴ “A pedagogia que assume como pressuposto o trabalho educativo, como um trabalho não material cujo produto não se separa do produtor, requer uma metodologia de investigação pedagógica cujos observadores seja, inclusive, os próprios observados, pois ambos são sujeitos da relação pedagógica e da construção do ato educativo. Como a metodologia deverá adequar-se ao objeto de investigação e à intencionalidade do trabalho educativo, deverá ser construída e permanentemente revisada para não desviar o trabalho educativo das suas funções radicais. E como educador-educando são sujeitos em construção, e consumo do ato educativo, pela observação e reflexão serão, inclusive, os primeiros a serem investigados pelo processo de transformação”. IN: BENINCA, Elli. *Práxis pastoral*. IN: *Caminhando com o Itepa*, ano 63, p. 16-17.

¹⁵⁵ REIS, Ari Antônio. Os contextos que influenciaram a criação do Itepa. IN: FAVRETO, Clair; BALBINOT, Rodinei (Org). *Itepa: história e prospectivas*, p. 52-53.

¹⁵⁶ BENINCA, Elli; BALBINOT, Rodinei. *Metodologia Pastoral: Mística do discipulado Missionário*, p. 7.

¹⁵⁷ “O objeto a ser observado é a relação que se constrói entre agente e comunidade e destes com o contexto social. A relação, mesmo na rotina da pastoral, não se repete. Ela, a relação, depende da forma como os elementos (agente-comunidade-contexto) se confrontam e das condições de cada um dos elementos”. IN: BENINCA, Elli. *Pedagogia Pastoral: Metodologia Histórico-Evangelizadora*. IN: FAVRETO, Clair; BALBINOT, Rodinei (Org). *Itepa: história e prospectivas*, p. 116.

2.6.1 – Fundamentação Bíblica

A prática pastoral em chave metodológica se inspira em alguns exemplos bíblicos que apresentam a imagem do Pastor e do processo de evangelização realizado pelo próprio Jesus Cristo. A opção não é realizar um estudo bíblico aprofundado dos textos, mas apresentá-los a fim de iluminar a MHE em seu fundamento na Sagrada Escritura.

a) Ezequiel 34

Uma primeira imagem que ajuda a situar a MHE é o texto bíblico do profeta Ezequiel capítulo 34. Neste texto aparece uma denúncia contundente do profeta Ezequiel a respeito dos maus pastores de Israel. A figura do pastor é ligada ao trabalho agropastoril, de pessoas simples que viviam pelos campos conduzindo os rebanhos. Mas no caso da profecia, Ezequiel está denunciando os líderes de Israel. Ele os chama de maus cuidadores do povo de Deus porque estão a serviço de si mesmos. A preocupação dos maus pastores é seus próprios interesses, manterem-se bem, em seu bem estar, mesmo que para isso precisem usurpar da vida do povo, representado pelas ovelhas ou rebanho. Contra os maus pastores de Israel, a Palavra do Senhor diz: “Assim diz o Senhor Javé: Vou me colocar contra os pastores. Vou pedir contas a eles sobre o meu rebanho, e não deixarei mais que eles cuidem do meu rebanho. Desse modo, os pastores não ficarão mais cuidando de si mesmos. Eu arracarei minhas ovelhas da boca deles, e elas não servirão mais de pasto para eles” (Ez 34, 10).

Se os maus pastores serão destituídos de sua função, o profeta então anuncia aquele que conduzirá Israel, que é o próprio Senhor Deus. Como diz o texto bíblico: “Assim diz o Senhor Javé: Eu mesmo vou procurar as minhas ovelhas” (Ez 34,11). Então, o Senhor Deus de Israel será o grande líder do seu povo, que será reunido novamente, cuidado e até mesmo julgado pelo seu Bom Pastor.

Para a MHE, a imagem dos maus pastores de Israel se apresenta como uma maneira de fundamentar o agir dos agentes de pastoral iluminado pela Palavra de Deus. Um verdadeiro pastor, aos moldes do plano de Deus refletirá sua prática e, ao pensar nela, dar-se-á conta se está sendo mesmo um bom pastor ou um mau pastor. Mas é necessário que aconteça a reflexão das práticas. Por isso, a MHE se apoia no texto bíblico a fim de ajudar a criar consciência da missão pastoral não como uma ação isolada do agente, nem como um exercício externo a si, o que poderia levá-lo ao total descompromisso com aqueles aos quais ele está envolvido, tornando-se um mau pastor, segundo os critérios do profeta Ezequiel. É interessante a

observação feita por Ari dos Reis e Neri Mezadri a respeito deste texto bíblico como inspirador da MHE:

Ezequiel esclarece a diferença entre o bom e o mau pastor, apontando características indispensáveis e que servem de fundamentação para nossa proposta metodológica. Evidentemente, acima de tudo está o compromisso e a opção pelas pessoas com as quais o/a agente de pastoral estará envolvido/a, o que também não significa assumir a defesa de qualquer grupo, mas o compromisso com os mais fracos, com aqueles e aquelas que precisam de cuidados especiais¹⁵⁸.

b) Jo 10

Outro texto importante para a fundamentação da MHE é a passagem do Evangelho de João que Jesus se apresenta como “Bom Pastor”. Novamente o assunto se refere aqueles que exercem uma função de liderança entre o povo. Para Jesus, existe uma diferença entre aquele que é pastor e aquele que é ladrão. O pastor é aquele que sabe como conduzir o seu rebanho, por onde pode e deve passar. E neste caminho ele está à frente abrindo as portas, ajudando a encontrar as melhores situações para passar. É o trabalho de conduzir pelo caminho mais seguro.

Depois Jesus fala que o bom pastor é conhecido do seu rebanho, a sua voz é conhecida, suas orientações são reconhecidas porque é uma voz familiar, diferente de um estranho, que não é conhecido do seu povo, e suas orientações não são seguidas porque é um estranho, um desconhecido.

A parábola do bom pastor não foi entendida. Então Jesus declara que Ele é: 1) a porta que conduz as ovelhas para a liberdade o que é diferente do ladrão que vem para matar, roubar e destruir; 2) o Bom Pastor que dá a vida pelas ovelhas, diferente do mercenário que só trabalha pelo dinheiro e não se importa com a vida das ovelhas; 3) É conhecido das suas ovelhas, é familiar, é amigo, é íntimo ao seus e estes lhe escutam; 4) dá a vida pelas ovelhas com prova maior de cuidado e carinho; 5) procura as que não são suas para que elas também não se percam.

Na MHE Jesus é a inspiração fundamental para a caminhada dos agentes de evangelização. Ser agente de pastoral e promover a evangelização requer uma experiência de proximidade, de bondade, doação, dedicação, familiaridade, carinho e preocupação. Tudo o que

¹⁵⁸ REIS, Ari Antônio; MEZADRI, Neri. Metodologia histórico evangelizadora: em busca de fundamentos. IN: BALBINOT, Rodinei; MEZADRI, Neri (org). *Metodologia da ação evangelizadora: uma experiência no fazer teológico-pastoral*, p. 98.

Jesus, o Bom Pastor realizou em sua vida, manifestou o sinal do seu grande pastoreio e que inspira os agentes para esta prática tão especial. Como diz Salvador Fuentes: “Nós, pastores e todo agente de pastoral, precisamos voltar nossos olhos e nosso coração não apenas no que Jesus fez, mas no próprio Jesus, a fim de descobrir aquelas atitudes mais profundas que o motivaram a realizar a sua missão e que demonstram o perfil mais genuíno de sua personalidade”¹⁵⁹. Também, a dedicação do bom pastor em dar a vida para que “tenham vida em abundância” (Jo 10,10). O exercício da pastoral tem como função última produzir e gerar vida. Jesus mesmo condenou aqueles que são ladrões e assaltantes que vem para matar e destruir a vida. Explicita Benincá e Balbinot: “o que nos interessa neste texto é discutirmos os dois modos de relação que estão presentes no contexto da alegoria do bom pastor: um que considera a relação na pastoral como sujeito para objeto, e outro que considera a relação como de sujeito para sujeito”¹⁶⁰. A ação evangelizadora requer dos agentes uma dedicação tal que promova a vida digna especialmente aqueles que estão destituídos de seus direitos e das necessidades básicas.

c) Lc 24, 13-34

A MHE se inspira em outros tantos textos bíblicos para fundamentar seu existir. O texto em questão se apresenta os passos processuais próprios do Evangelho de Lucas, que é o caminho. Neste evangelho, muitos encontros de Jesus acontecem no caminho. E aqui se aponta um encontro no caminho.

Os discípulos de Emaús estão fugindo de Jerusalém logo após a Páscoa e tudo o que aconteceu na cidade com Jesus. Neste caminho estão temerosos, apressados e desolados. É tanta tristeza que o próprio Jesus se apresenta e eles não o reconhecem. É exatamente aqui que se estabelece um cenário evangelizador: o processo de reconhecimento do outro.

A partir do texto percebe-se alguns traços de Jesus como um agente de pastoral que estabelece diálogos, relações, proximidade, familiaridade, evangelização. Vê-se assim: a) Jesus Ressuscitado se aproxima dos discípulos e começa a caminhar com eles; b) estabelece um diálogo através de um jeito bem simples de puxar conversa: “o que é que vocês estão falando pelo caminho?” (v. 17); c) escuta atentamente o depoimento dos discípulos sobre a realidade; d) ilumina o caminho com a Sagrada Escritura; e) permanece junto com eles; f) celebra a

¹⁵⁹ FUENTES, Salvador Valdez. *Espiritualidade Pastoral: como superar uma pastoral “sem alma”?*, p. 81.

¹⁶⁰ BENINCA, Elli; BALBINOT, Rodinei. *Metodologia Pastoral: Mística do discipulado Missionário*, p. 91.

partilha; h) dá-se a conhecer e é reconhecido; i) permite que os discípulos retornem ao caminho da evangelização¹⁶¹.

Dentro da MHE, a inserção dos agentes na caminhada, o fazer-se próximo, auxiliar a encontrar o discernimento, na aproximação da realidade com o sentido da fé, tudo isso é necessário para construir relações de reconhecimento: reconhecer a si, o outro e a si no outro. Foi o caminho de Emaús: reconheceram-se a si ao recordar a vida, o outro que foi quando seus olhos se abriram para o Ressuscitado e a si no outro quando, no Ressuscitado fizeram a experiência da sua própria existência e sentido de vida.

2.7 – Fundamentação metodológica

Além dos fundamentos bíblicos que iluminam e inspiram a MHE, para que o caráter científico tenha validade, outros pressupostos são requeridos deste método. De acordo com Elli Benincá “o processo de investigação e o método de investigação de um objeto pedagógico definido como relação intersubjetiva se constitui de dois momentos: observação e sistematização”¹⁶². Neste caso, o objeto pedagógico em questão é a ação pastoral.

Por isso, a MHE se sustenta na relação de observação que acontece na autoavaliação dos participantes do curso de teologia e sua prática pastoral. O que leva a conclusão de que a MHE “trata-se de um projeto de investigação pastoral”¹⁶³, cujos envolvidos nesta investigação são o agente de pastoral, a comunidade/contexto onde atua e a sala de aula, lugar de partilha, sistematização e produção de conhecimento.

Com o desejo de oferecer a MHE o seu devido reconhecimento, é indispensável reconhecer que no projeto MHE se evidencia as seguintes necessidades:

Transformar as disciplinas específicas de pastoral num espaço de reflexão e aprofundamento teológico, a partir da experiência sistematizada da prática pastoral; buscar na pastoral sistematizada e refletida, motivações mais profundas para o estudo e o projeto vocacional; iniciar metodologicamente alunos e professores na ciência pastoral; fazer da teologia sistemática e da prática pastoral refletiva e avaliada, o eixo condutor da formação dos agentes de pastoral; construir uma nova experiência de “fazer pastoral” aproveitando os

¹⁶¹ Nas páginas 42 a 49 do livro *Metodologia Pastoral: Mística do discipulado Missionário* os autores desenvolvem uma explicação sobre o texto de Lc 24, 13-34.

¹⁶² BENINCA, Elli. Práxis pastoral. IN: *Caminhando com o Itepa*, ano 63, p. 19.

¹⁶³ BENINCA, Elli. Pedagogia pastoral: Metodologia histórico-evangelizadora. IN: FAVRETO, Clair; BALBINOT, Rudinei. *Teologia e pastoral: práxis e evangelização*, p. 110.

avanços metodológicos das ciências humanas; transformar o Itepa num verdadeiro centro de reflexão teológico-pastoral¹⁶⁴.

Diante destas necessidades, a sistematização a MHE mantém sua seriedade e caráter de ciência com algumas exigências que lhe são próprias. Se constitui como uma formação realizada em diversas etapas e processos, que evidenciam a pastoral como substrato teológico.

2.7.1 – A inserção pastoral

Para que seja possível realizar o projeto da MHE é fundamental que os estudantes de teologia do Itepa estejam inseridos em uma ação pastoral, uma comunidade de base, em uma pastoral específica da comunidade, enfim. Estudar teologia no Itepa será, além de uma atividade acadêmica, uma ligação contínua a ação pastoral, além de um elo de ligação entre a base e a sala de aula, a realidade e a teologia, a ação evangelizadora e a eclesiologia dos envolvidos em toda essa busca.

As aspirações para a criação do Itepa como a saída do grande seminário para as pequenas comunidades inseridas nos meios populares, a inquietação da teologia da libertação e o envolvimento eclesial dos agentes, as exigências pastorais pós conciliares, tudo isso se encontra numa emergência: formar agentes de pastoral, sejam eles presbíteros, religiosos/as ou leigos/as para qualificar a atuação dos mesmos, não sem que estes se façam próximos das comunidades, se insiram em um contexto e tenham uma atuação junto com os outros.

A inserção pastoral dos estudantes permite que se supere a ação de gabinete, e desafie o acadêmico a uma contemplação maior “das alegrias e esperanças”, mas também das tristezas e dificuldades do povo. Neste sentido é interessante a provocação do título do livro do Salvador Fuentes: “como superar uma pastoral sem alma?” A MHE responde que o primeiro passo é estar inserido em uma prática pastoral. Por isso, conclui-se que: “a pastoral não pode ser uma mera extensão das atividades dos alunos como estudantes de teologia”¹⁶⁵, mas o inserir-se em atividades evangelizadoras, o que também se entende como estar, devidamente envolvido com aquilo que está realizando, mais do que exercer algumas ações isoladas. E não só os candidatos ao ministério ordenado precisam estar inseridos em uma pastoral. Os estudantes que frequentam

¹⁶⁴ Id. p. 110.

¹⁶⁵ REIS, Ari Antônio. Os contextos que influenciaram a criação do Itepa. IN: FAVRETO, Clair; BALBINOT, Rodinei (Org). *Itepa: história e perspectivas*, p. 50.

o Itepa também precisam estar vinculados a uma ação pastoral em sua comunidade para poderem corresponder as aspirações do fazer teológico da instituição.

2.7.2 - A observação

A inserção pastoral e a realização de uma prática pastoral implicam em um algo a mais. Este algo a mais é o próprio agente de pastoral. A prática pastoral faz parte da função orgânica do sujeito, isto é, as ações realizadas como visitar doentes ou participar da Pastoral da Saúde, ou da liturgia, da reunião, da coordenação de algum encontro de formação, etc. Estas são as ações orgânicas desenvolvidas pelo agente.

Mas no processo da MHE, mais importante que a ação orgânica realizada pelo agente é como que ele se situa naquilo que está realizando. Como diz Elli Benincá:

A observação na metodologia da práxis pedagógica pressupõe uma compreensão de ser humano, como um ser histórico, inconcluso e por isso um ser no mundo. Como ser em construção, faz-se necessário observar suas ações nos seus cotidianos culturais, onde se processa sua construção. Sendo a observação um processo consciencial, a observação recairá sobre a consciência¹⁶⁶.

Igualmente, a observação realizada sobre si é um processo da consciência que leva a pessoa para um caminho de encontro consigo e o modo como ela se vê naquilo que está realizando. Este método de abordagem entende que existe uma construção constante de quem a pessoa é, conforme a definição acima citada. E mais, o mesmo método possibilita que a tomada de consciência do agente sobre sua própria ação tenha a possibilidade de tornar a si próprio um sujeito, isto é, ao retomar aquilo que fez, disse, organizou, sentiu, o agente recupera a memória sobre como isso tudo tem repercussão na sua própria vida. Como define Benincá e Balbinot:

A consciência é uma construção das relações que vivemos e, ao mesmo tempo, a central de origem das nossas ações, falas, atitudes e comportamentos. Consequentemente, podemos ter acesso à consciência através de ações, falas, atitudes e comportamentos das pessoas. Eis um possível caminho para a observação¹⁶⁷.

¹⁶⁶ BENINCA, Elli. Práxis pastoral. IN: *Caminhando com o Itepa*, ano 63, p. 19.

¹⁶⁷ BENINCA, Elli; BALBINOT, Rodinei. *Metodologia Pastoral: Mística do discipulado Missionário*, p. 78.

Essa observação na ação evangelizadora reportará o agente para as relações que ele tece com o meio envolvido, visto não ser ele o “dono” da evangelização, mas participante dela. Ou ainda, na observação de si, do contexto, das relações realizadas, o agente de pastoral se reportará a uma nova realidade: ao evangelizar, ele acaba sendo evangelizado¹⁶⁸. Expressando seu parecer sobre a observação, Ari dos Reis diz: “A observação, como procedimento científico e como princípio da MHE, vai gerando no agente uma perspicácia que se volta não somente para a sua condição de investigador, mas também para sua atividade evangelizadora. Não se efetiva mais ações isoladas, mas atividades conectadas entre si”¹⁶⁹. Entende-se, deste modo, que a observação norteará as ações pastorais a fim de que sejam verdadeiramente evangelizadoras, opondo-se a atos isolados, que correm o risco de serem subjugados pelo senso comum pastoral ou pela postura autoritária do agente.

2.7.3 – O registro

Nas palavras de Elli Benincá: “se a observação é possibilitada pela consciência, a documentação dessa observação se dá no registro”¹⁷⁰. Como o objetivo da MHE é oportunizar a pastoral uma reflexão teológica consistente, a observação é um dado subjetivo, fruto da elaboração da consciência. Já o registro é o segundo passo, é quando a observação se sistematiza no ato de escrever. O produto desta escrita servirá de documentação com fins científicos, tendo em vista que a observação é algo bem pessoal, é um momento reflexivo em que o agente de pastoral procura encontrar-se na ação.

Mas o registro é um momento em que o agente precisa objetivar o seu ato subjetivo, a fim de permitir que a observação ganhe corpo através do ato de registrar. É quando ele se distancia a fim de tornar concreta a sua consciência em um ato tão sublime como o escrever e possa permitir-se um novo olhar a respeito de si e do modo como está vivendo a ação evangelizadora. Ajuda a aprofundar este tema as palavras de Benincá e Balbinot: “o registro da observação é uma tentativa de objetivar os sentidos da evangelização retidos pela consciência,

¹⁶⁸ “Orienta-se que cada agente observe as relações que estabeleceu com as outras pessoas. Pode fazer as mesmas perguntas: como agi? Como percebi as outras pessoas em suas práticas? Aconteceu a evangelização? Como e por que percebo se evangelizei ou não? Como e por que percebo que fui ou não fui evangelizado?” IN: BENINCA, Elli; BALBINOT, Rodinei. *Metodologia Pastoral: Mística do discipulado Missionário*, p. 79.

¹⁶⁹ REIS, Ari Antônio. Alcances e desafios da Metodologia histórico-evangelizadora. IN: MEZADRI, Neri; BALBINOT, Rodinei (org). *Metodologia da ação evangelizadora: uma experiência no fazer teológico pastoral*, p. 125-126.

¹⁷⁰ BENINCA, Elli. Práxis pastoral. IN: *Caminhando com o Itepa*, ano 63, p. 19.

a fim de que possam ser refletidos para transformá-los. Escrita, a observação fornece a possibilidade de repensar e reorganizar ações e projetos”¹⁷¹.

Mas se o registro é tão importante assim, quais são as impressões que devem ser registradas? A fidelidade aquilo que foi observado é fundamental. Quanto mais o agente conseguir exprimir as palavras, os sentimentos, as interações realizadas, os dramas sentidos, as preocupações, os conflitos e outras possibilidades, mais eficaz será o registro. Além disso, é possível registrar as observações da conjuntura, a identificação do lugar, do momento, enfim, sempre é importante localizar a ação evangelizadora. Complementando a idéia, Benincá e Balbinot dizem que:

De forma direta diríamos: o agente se reporta à sua prática e registra suas percepções, seus sentimentos, seus pensamentos ocultos, suas falas, suas atitudes, as reações das outras pessoas, as falas das outras pessoas, falas e atitudes suas e dos outros que lhe trouxeram maior e menor satisfação ou que lhe causaram incômodo, os sentimentos expressados, o ambiente onde aconteceu a prática, as influências de outros agentes sobre este ambiente, fatos ou situações que lhe chamaram a atenção, enfim, tudo que possa ser descrito sobre a relação com a comunidade, em determinado contexto. É importante registrar também o porquê de suas reações e sentimentos¹⁷².

Aqui dá para perceber que existe uma diferença entre registro e relatório. O primeiro é documentado as impressões da observação, os sentimentos, tudo o que foi dito acima. Já um relatório se caracteriza por informar fatos acontecidos, por exemplo, “fui na comunidade e visitei um doente, participei da reunião dos coroinhas e toquei violão na missa”. Este é o caso típico de relatório, uma grande tentação do agente frente aos desafios do registro.

Como é algo exigente e mexe com as convicções pessoais, expondo-se a análise de si e a identificação dos conflitos pessoais e pastorais, o registro pode ser considerado, consciente ou inconscientemente, algo desnecessário. Este comportamento é identificado como daqueles que são portadores de um senso comum pastoral e não se sentem à vontade para dar passos na transformação de suas práticas, de seus comportamentos e no modo como realizam a ação evangelizadora. Como expressa Elli Benincá: “para o senso comum não correr risco de ser revisado e transformado, os indivíduos portadores dessa concepção do mundo desqualificam a ação do registro. Não veem nele qualquer utilidade, além de considera-lo uma perda de

¹⁷¹ BENINCA, Elli; BALBINOT, Rodinei. *Metodologia Pastoral: Mística do discipulado Missionário*, p. 80.

¹⁷² Id. p. 80-81.

tempo”¹⁷³. Mas quando assumido com seriedade, a produção do registro estabelece uma oportunidade de encontrar os grandes fenômenos pessoais e pastorais.

E na pesquisa participante, o objeto de estudo do que está sendo pesquisado é a união dos materiais recolhidos pelos participantes. Na MHE o produto da observação é aquilo que os observados conseguem registrar, as observações registradas e que posteriormente serão conteúdo de estudo. “O registro permitirá que o grupo de reflexão (em sala de aula) tome conhecimento do que aconteceu na atividade pastoral do agente”¹⁷⁴. Por isso que o registro feito, com é documento, tem necessidade de ser feito de maneira organizada, seja escrito a mão em um caderno, seja em um arquivo digital, mas que ele seja disponibilizado para a memória do agente bem como da produção pastoral.

2.7.4 – Sessão de estudos

Nos passos da MHE, desejando manter o rigor científico de um método possível para a ciência teológica, o acadêmico de teologia é conduzido pelos passos propostos: inserção, observação, registro. Estes passos metodológicos são desenvolvidos pessoalmente, visto ser um exercício subjetivo.

Mas a sistematicidade do método se torna um exercício coletivo de análise quando o registro se torna partilhado na sala de aula. “A sessão de estudos é uma tentativa de interpretar coletivamente as práticas pastorais de uma determinada teologia”¹⁷⁵. E os participantes desta fase da metodologia são os acadêmicos da turma de sala de aula, que se tornam responsáveis em auxiliar na análise e na reflexão do registro. Já não é mais o agente que participou da ação, observou, registrou suas intuições. Na sessão de estudos está um grupo externo àquilo que aconteceu até o ato de registrar. Conforme desenvolve Ari dos Reis: “As sessões de estudo servem como ponto de apoio para a sistematização das observações que surgem no seu interior,

¹⁷³ BENINCA, Elli. Práxis pastoral. IN: *Caminhando com o Itepa*, ano 63, p. 19.

¹⁷⁴ REIS, Ari Antônio. Alcances e desafios da Metodologia histórico-evangelizadora. IN: MEZADRI, Neri; BALBINOT, Rodinei (org). *Metodologia da ação evangelizadora: uma experiência no fazer teológico pastoral*, p. 127.

¹⁷⁵ BENINCA, Elli. Pedagogia pastoral: Metodologia histórico-evangelizadora. IN: FAVRETO, Clair; BALBINOT, Rudinei. *Teologia e pastoral: práxis e evangelização*, p. 117.

oriundas dos registros. A sessão de estudos é o momento teórico. Trata-se do ato de compreender a prática pastoral à luz de uma determinada teologia”¹⁷⁶.

Como já se viu, a sessão de estudos acontece mediante o registro e é realizada em sala de aula. Aquele que tem a responsabilidade sobre o registro, deve entregar aos demais acadêmicos e professores responsáveis pela disciplina de Metodologia e Prática Pastoral com antecedência. Depois, em sala de aula, de maneira coletiva, se escolhem os critérios de análise dos registros, tendo em vista os fundamentos da MHE, do método participativo, a teologia e as posturas do agente de pastoral.

Escolhidos os critérios de análise, os participantes da sessão de estudo terão a incumbência de fazer a leitura prévia analisando o mesmo de acordo com os apontamentos escolhidos pelo grupo. Para isso, alguns pressupostos são necessários serem levado em consideração: “a) A observação sobre a práxis pastoral; b) compromisso com o grupo; c) saber que a reflexão assume um caráter científico e querer ajudar na construção de conhecimentos metodológicos e teológicos; d) apresentação dos registros previamente elaborados”¹⁷⁷. E ainda, a partilha dos registros pode ser feita por todos os acadêmicos ou escolhidos aleatoriamente aqueles que desejam partilhar sua experiência ou por temas de pastoral. Se todos partilham, no final se elencam os temas que apareceram no geral, se for aleatório, os temas que aparecem nos relatórios são identificados e desenvolvidos, se for por temas de pastoral, a aula que segue a partilha do registro aprofunda a temática pastoral que foi abordada, por exemplo, o registro foi partilhado sobre um encontro de ministros, depois se desenvolverá a temática sobre os ministérios na pastoral.

Na sessão de estudos, a análise dos registros igualmente é valorosa no sentido de desvendar o que se passa em cada agente de pastoral, identificar suas posturas, seus limites, apontar os problemas da práxis pastoral, revelar aquele que está sendo analisado em seu registro lacunas pastorais, metodológicas e teológicas. Para Elli Benincá, quando acontece a análise do registro, o próprio agente de pastoral¹⁷⁸, que é acadêmico de teologia, será ajudado por outros a se dar conta das suas contradições, dos seus limites, da postura que é portador no exercício da práxis pastoral, isto é, o agente registra que é participativo e adepto do diálogo, mas um outro, ao ler o registro, identifica que há uma ação impositiva. Esta identificação é o que tornará a

¹⁷⁶ REIS, Ari Antônio. Alcances e desafios da Metodologia histórico-evangelizadora. IN:MEZADRI, Neri; BALBINOT, Rodinei (org). *Metodologia da ação evangelizadora: uma experiência no fazer teológico pastoral*, p. 127.

¹⁷⁷ Id. p. 133

¹⁷⁸ O mesmo vale para a pedagogia e a análise de método do professor.

MHE uma realidade, pois os sujeitos envolvidos se encontram em uma situação histórica, ou seja, são seres em construção, e evangelizadora, pois estão inseridos em práticas pastorais com fins de tornar a evangelização possível.

Vê-se que na sessão de estudos, a MHE ganha sentido ao destacar a caminhada metodológica dos agentes de pastoral e pontuar aquilo que é possível refletir da ação. Trata-se, pois, de uma ação reflexão, uma ação com uma perspectiva praxica, isto é, o agente de pastoral não termina sua atividade pastoral quando deu fim ao ato. Depois de realizar a ação, de observar o modo como realizou e o que isso significou para si, registrar estas pontualizações, o que foi registrado vai para a sala de aula com a intenção de continuar a prática na reflexão e aprofundamento. É um processo constante de ir e voltar no qual o próprio agente e a ação evangelizadora se dão em contínuo, não em conclusivo, quer dizer, a ação evangelizadora em vias da MHE se faz no processo estabelecido de ação e reflexão sistemática, superando o senso comum pastoral de que a evangelização acontece no ato pastoral. Nas palavras de Ari dos Reis:

As sessões de estudo servem como ponto de apoio para a sistematização das observações que surgem no seu interior, oriundas dos registros. A sessão de estudo é um momento teórico. Trata-se do ato de compreender a prática pastoral à luz de uma determinada teologia. Como a prática precisa de constante aprofundamento, na sessão de estudos pode surgir a necessidade de pesquisa nos clássicos da Tradição teológica. Vê-se que a incidência tem duplo sentido. Da prática pastoral para a teologia e desta para a prática pastoral¹⁷⁹.

Também, a sessão de estudos indicará, pelos critérios estabelecidos, inúmeros temas que poderão ser trabalhados na disciplina de MPP ou em outras oportunidades através da elaboração de textos, grupos de pesquisa, fóruns teológicos ou outros. Por isso, existe mais um passo que é o reencaminhamento da sessão de estudos e dos relatórios das aulas de MPP.

2.7.5 – Reencaminhamentos da sessão de estudo

Dentro da perspectiva histórica e evangelizadora, os processos são fundamentais para dar conta da transformação da consciência e do caminho de autonomia dos envolvidos nos processos, superando posturas de senso comum ou outras que não encontram o verdadeiro

¹⁷⁹ REIS, Ari Antônio. Alcances e desafios da Metodologia histórico-evangelizadora. IN:MEZADRI, Neri; BALBINOT, Rodinei (org). *Metodologia da ação evangelizadora: uma experiência no fazer teológico pastoral*, p. 135.

caminho do discipulado de Jesus. Assim que se entende a metodologia como histórica, por ser desenvolvida na história dos agentes em construção e na missão evangelizadora de cada um.

Assim, tudo aquilo que se desenvolve na disciplina de MPP e nas análises dos registros também tem um valor teórico para a MHE. Toda a partilha que acontece na sala de aula produz uma riqueza única para o fazer teológico e para a práxis pastoral. Todavia, para que não se percam as discussões, os encaminhamentos, as pontualizações e os desafios teológicos que aparecem nos registros, eis que o relatório se torna instrumento indispensável. No relatório de atividades acadêmicas do Itepa do segundo semestre do ano de 2001 foi discutido sobre o valor dos relatórios. Ari dos Reis cita no seu texto sobre os fundamentos da MHE uma parte do que está registrado pelo Itepa:

Os relatórios contextualizam os temas discutidos de maneira mais clara e sintética. Portanto, trata-se de identificar as questões e os problemas que aparecem explicita ou implicitamente nos registros, ou nos assuntos tratados em sessões de estudo. Surge, então, a necessidade de problematiza-los, sistematiza-los e, a partir deles, fazer um aprofundamento teológico, para encontrar soluções suficientes aos temas em análise¹⁸⁰.

Os relatórios produzidos são lidos na aula posterior em forma de memória de aula, retomando os assuntos, sempre trazendo novamente para o espaço acadêmico as discussões e pontualizações que estão presentes na análise criteriosa dos registros.

Os relatórios também servem para apontar os reencaminhamentos das temáticas que surgem na sessão de estudo. Por exemplo, um ponto em comum nos registros foi a dificuldade com a catequese. Os relatórios vão constar este tema. O reencaminhamento desta questão poderá ser organizado de várias maneiras. Uma delas é a turma produzir um texto coletivo a respeito de um dos temas mais abordados nos registros. Ou a necessidade de aprofundar o tema em uma aula de outra disciplina, ou organizar um fórum sobre o assunto.

O bonito neste processo de reencaminhamentos é que a práxis pastoral será iluminada pela teologia, pela Sagrada Escritura, pelo Magistério da Igreja. É a constante retomada da caminhada evangelizadora que se faz e refaz na conscientização dos sujeitos que são agentes de pastoral, evangelizadores e evangelizados. É quando os agentes se deparam com suas

¹⁸⁰ REIS, Ari Antônio. Alcances e desafios da Metodologia histórico-evangelizadora. IN:MEZADRI, Neri; BALBINOT, Rodinei (org). *Metodologia da ação evangelizadora: uma experiência no fazer teológico pastoral*, p. 135.

práticas e se dão conta da necessidade de repensarem seu modo de viver e fazer pastoral. Esse é um processo metodológico de reencaminhamento da prática, que se torna práxis histórica e evangelizadora¹⁸¹.

2.8 – Itepa, MHE e uma teologia pastoral em construção

Como foi possível observar ao longo deste capítulo, a história do Itepa tem um significado para Igreja, não só das dioceses envolvidas pelo instituto, mas para a Igreja como um todo. Diante dos apelos pós Vaticano II, da caminhada da Igreja na América Latina, a teologia da libertação e comunidades de base, os anseios por uma Igreja mais próxima da realidade pastoral, o Itepa surgiu como um “berço de esperança” para a formação de agentes de pastoral, não só presbíteros para as dioceses, mas leigos e leigas, religiosos e religiosas que desenvolvem uma atividade pastoral.

Como o eixo da pastoral é o que faz a teologia do Itepa, pensar e repensar a maneira de estudar pastoral continua sendo complexa e desafiadora. Desde quando a pastoral era estudada de maneira de disciplinas até o desenvolvimento da MHE e as fundamentação constante deste método o olhar sobre os agentes de pastoral e a qualificação de sua práxis tem ganhado espaço e avançado significativamente.

A qualificação da práxis pastoral se dá, sobremaneira, nos passos que a MHE se permite desenvolver: inserção pastoral, observação, registro, sessão de estudo, relatório e reencaminhamentos. Ao mesmo tempo que o processo é exigente e requer paciência, ele se apresenta como um método científico interessante para dialogar com outras áreas da teologia, como Sagrada Escritura, Magistério, Graça, Liturgia, Moral. Este diálogo é um apelo que brota do modo como o agente de pastoral se insere neste fazer teológico pastoral, já que é bem menos provocativo estudar teologia no método tradicional de ensino, aquilo que Paulo Freire chamou de “bancário”: ir para a sala de aula, ter um professor que sabe e ensina, o aluno recebe as informações e pronto.

Com a MHE, além do Itepa proporcionar aos acadêmicos uma sólida formação teológica, ele realiza um processo interessante de fazer com que a realidade pastoral tenha

¹⁸¹“O passo do reencaminhamento pretende ser a ponte para uma nova prática. É aqui que o agente – ou os agentes – projeta as metas e as atividades, seguindo orientações oriundas da reflexão”. IN: BENINCA, Elli; BALBINOT, Rodinei. *Metodologia Pastoral: Mística do discipulado Missionário*, p. 87.

importância para a teologia, bem como a teologia seja importante para a práxis pastoral. Que não sejam atos isolados de ação humana e sim um caminho constante de crescimento para o coração da missão evangelizadora, em uma via de mão dupla: aprende-ensina, reflete-produz reflexão, evangeliza – é evangelizado.

Existem problemas e lacunas na MHE? Todo método é passível de fragilidade, ainda mais se tomarmos por base que a MHE se realiza na construção da consciência de pessoas. Uma das observações que poder-se-ia dizer hoje é que estamos em tempos difíceis, onde o modo como a formação e informação se realiza mudou. De quando a MHE começou até hoje já se passaram 40 anos. Os sujeitos que compõe o Itepa mudaram. É difícil propor processos. A era da tecnologia oferece tudo pronto. Não é oferecido a pessoa a possibilidade de pensar, nem de se envolver. Ela absorve conteúdos produzidos sem base teórica. Os próprios acadêmicos do curso de teologia mudaram, os sujeitos não são os mesmos e nem o modo de pensar e agir pastoralmente é o mesmo. Os professores de MPP também são outros. Estes ciclos expõe uma lacuna da metodologia que é estar sempre em construção. Os pressupostos são formados, mas como eles são desenvolvidos é que se apresenta a historicidade.

Porém, em tempos de tantas mudanças e transformações, a ação evangelizadora continua sendo o foco de todos aqueles que decidem seguir Jesus como discípulos e missionários. E como que essa ação evangelizadora se encontra com o atual cenário eclesial exigido pela Igreja em tempos de Papa Francisco? Pode ser possível que a Igreja esteja necessitando de um novo cenário para realizar sua missão? E que tipo de agentes de pastoral a Igreja necessita para dar continuidade a ação evangelizadora? Será que a MHE e a teologia pastoral tem alguma contribuição para a formação dos agentes que a Igreja necessita? A teologia pastoral tem valor para a Igreja? Serão alguns dos temas do próximo capítulo.

III –Metodologia Histórico Evangelizadora e os desafios para “pastoralizar a teologia e teologizar a pastoral”

A grande missão dos discípulos de Jesus Cristo de ontem e de hoje continua sendo a evangelização. A Igreja, para ser fiel a este mandato do Senhor, busca continuamente encontrar os melhores caminhos para tornar possível, eficaz e qualificada sua missão.

Quem contribui para esta missão evangelizadora é a teologia enquanto ciência que estrutura metodologicamente a fé acreditada, transmitida e vivida no decorrer dos tempos. A evangelização se apoia na teologia que, enquanto ciência, ilumina a missão da Igreja para que esta possa levar a termo seu compromisso com Jesus. Como diz a Constituição pastoral “*Gaudium et Spes*”:

Compete a todo Povo de Deus, principalmente aos pastores e teólogos, com o auxílio do Espírito Santo, auscultar, discernir e interpretar as várias linguagens do nosso tempo, e julga-las à luz da palavra divina, para que a Verdade revelada possa ser percebida sempre mais profundamente, melhor entendida e proposta de modo mais adequado (GS 44)

Este serviço de auscultar as linguagens do tempo apresenta um referencial novo para a teologia pós concílio: ela deixa de ser a ciência da reprodução de verdades dogmáticas para ser a ciência que se dedica a observar a linguagem do tempo presente, iluminar com a Palavra de Deus e propor caminhos para que a humanidade encontre no Evangelho a Verdade da fé e da vida¹⁸².

¹⁸² “a teologia pressupõe a fé. Ela vive do paradoxo de que existe uma ligação entre fé e ciência. [...] Pois o fenômeno da teologia, no sentido estrito da palavra, é um fenômeno exclusivamente cristão, inexistente em outras partes. Nele esgta pressuposto que na fé trata-se da verdade, isto é, de um conhecimento que não se refere apenas ao funcionamento de coisas quaisquer, mas da verdade do nosso próprio ser; que se trata, portanto, de saber como devemos ser para estarmos certos.” IN: RATZINGER, Joseph. *Natureza e Missão da Teologia*, p. 48.

Assim, a própria evangelização requer um modo diferente de exercer a missão de teólogo para responder as necessidades dos tempos, atualizar a linguagem da fé e auxiliar na compreensão sempre renovada da mensagem de Jesus. Sobre isso diz Clodovis Boff:

O teólogo moderno pode ser qualificado como “pensador” religioso. Não é o doutor antigo, dono de uma sólida cultura sintética. Longe dele a ideia de um pensador desligado da problemática cultural do tempo. Seu lado forte é exatamente *o propter homines* da fé. Nesse sentido, além de pensador ou, melhor, com pensador, o teólogo moderno é visto como um guia das consciências ou um mestre do pensar, mas sempre no contexto do diálogo cultural¹⁸³.

Este novo teólogo inserido no diálogo com a cultura atual da qual fala Clodovis, terá que auxiliar a própria Igreja a encontrar o cenário que mais se adeque aos tempos atuais e refletir com a Igreja as saídas necessárias para evangelizar em sintonia com a contemporaneidade, pois a teologia está para a Igreja tanto quanto a Igreja para a teologia, e ambas para a evangelização. Como diz Ratzinger: “Pois uma Igreja sem teologia se empobrece e perde a visão; mas uma teologia sem Igreja dissolve-se na arbitrariedade”¹⁸⁴.

Torna-se interessante este diálogo porque o cenário de Igreja dirá que teologia deve ser pesquisada e produzida. E ambas estão em busca a fim de responder as necessidades específicas da ação evangelizadora, a qual se torna praxica pela ação pastoral. Agenor Brighenti desenvolve o seguinte pensamento: “uma boa ação pastoral é sempre um conjunto de ações, segundo as necessidades do contexto em que a Igreja está. Isoladas ou generalizadas, são igualmente inoperantes”¹⁸⁵. O ponto de partida da realidade que será evangelizada é critério fundamental nesta compreensão para auxiliar a teologia e a Igreja a realizar processos evangelizadores condizentes com o tempo e as necessidades históricas. Ainda citando Brighenti: “quando nos propomos a pensar “como” fazer pastoral, o primeiro imperativo é situarmo-nos no universo da ação evangelizadora, identificando os âmbitos de incidência da fé cristã, que pretende transfigurar a globalidade da realidade criada”¹⁸⁶.

É difícil dar alguma receita pronta para a evangelização, e não é este o objetivo. A questão é inspirar a ação evangelizadora da Igreja nos dias atuais requer uma teologia sempre mais pastoral e uma pastoral com fundamentos teológicos para que seja possível uma

¹⁸³ BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*, p. 637.

¹⁸⁴ RATZINGER, Josef. *Natureza e Missão da Teologia*, p. 41.

¹⁸⁵ BRIGHENTI, Agenor. *A pastoral dá o que pensar*, p. 73.

¹⁸⁶ Id. p. 155.

qualificação ainda maior da missão teológica e pastoral, mais fiel aos sinais dos tempos e a necessidade histórica do Povo de Deus. Em uma chave de leitura: “teologizar a pastoral e pastoralizar a teologia”.

3.1 – Contribuições da MHE para a teologia pastoral

As interpretações a respeito da importância da pastoral para a pesquisa e produção teológica acabam se confrontando devido ao método assumido pelo teólogo. Existem aqueles que dizem que a teoria ilumina a práxis e o contrário, que a práxis ilumina a teoria.

Se for o primeiro caso, a pastoral não tem influência sobre a teologia. Já que a primeira é a prática das ações evangelizadoras que decorrem da segunda, isto é, a pastoral é uma ação orgânica que nasce da proposição teórica. Mas se for o contrário, a pastoral é fonte produtora de teologia, aí é que a ação prática da fé iluminará e inspirará a reflexão teórica a respeito da realidade, do ser humano, da revelação divina.

Para problematizar ainda mais a questão, o Papa Francisco apresenta uma consideração importante para a evangelização e, conseqüentemente para a teologia:

Existe também uma tensão bipolar entre a ideia e a realidade: a realidade simplesmente é, a ideia elabora-se. Entre as duas, deve estabelecer-se um diálogo constante, evitando que a ideia acabe por separar-se da realidade. É perigoso viver no reino só da palavra, da imagem, do sofisma. Por isso, há de postular um terceiro princípio: a realidade é superior à ideia. Isto supõe evitar várias formas de ocultar a realidade: os purismos angélicos, os totalitarismos do relativo, os nominalismos declaracionistas, os projetos mais formais que reais, os fundamentalismos anti-históricos, os eticismos sem bondade, os intelectualismos sem sabedoria (EG 231).

A compreensão teológica e pastoral do Papa Francisco denuncia o distanciamento entre teoria e prática, teoria e realidade, ideia e concretude histórica. Para ele é perigoso este tipo de interpretação. Esta visão está associada a metodologia do Vaticano II e da teologia desenvolvida da América Latina, da qual Francisco é herdeiro. Conforme fundamenta Gustavo Gutierrez:

A teologia, enquanto reflexão crítica da práxis histórica, à luz da palavra acolhida na fé, reflexão portanto da presença dos cristãos no mundo, deverá ajudar a ver como se estabelece essa relação. A reflexão teológica tentará discernir os valores e desvalores nessa presença. Explicitará os valores de fé, de esperança e de caridade contidos nela. Mas deverá também contribuir para corrigir possíveis desvios, assim como esquecimentos de outros aspectos da vida cristã em que podem

cair as exigências da ação política imediata, por generosa que seja. É isto igualmente trabalho de uma reflexão crítica que, por definição, não quer ser simples justificação cristã a posteriori. No fundo, é dar, de um modo ou doutro, sua contribuição para que seja mais evangélico, autêntico, concreto e eficaz o compromisso libertador¹⁸⁷.

Para Gutierrez, a teologia é a ciência que dará os critérios de discernimento para que os cristãos possam melhorar a sua práxis, rever o modo como estão atuando no mundo e como os valores evangélicos estão direcionando o seu caminhar. Ela é tomada num segundo momento, isto é, primeiro existe a prática, a inserção no cotidiano na vida. Esta prática, ao ser teorizada, encontra na Palavra de Deus e na Tradição as verdades reveladas da fé, que é o substrato teológico. Esse substrato teológico, ao ser confrontado com a realidade, dispensará critérios para que a práxis seja mais de acordo com aquilo que a Palavra de Deus e a Tradição orientam. E assim, o ato terceiro ato é o retorno a práxis com aquilo que ficou definido como compromisso autêntico e libertador.

É o que o próprio Gutierrez dirá a respeito da distinção da história, o que faz pensar diretamente na teologia, na evangelização e na práxis cristã. Segundo ele, não existe duas histórias, uma profana e outra sagrada. E que a teologia estaria a serviço da história sagrada, enquanto que o mundo é profano. Na pessoa de Jesus Cristo, toda a história é assumida por Deus. Não existe separação. Portanto, a teologia pastoral e comprometida se desenvolve neste aspecto da encarnação de Deus na história. Nas palavras do autor:

Não há duas histórias, uma profana e outra sagrada, “justapostas” ou “estritamente unidas”, senão um só devir humano assumido irreversivelmente por Cristo, Senhor da história. Sua obra redentora abrange todas as dimensões da existência e leva-a a sua plena realização. A história da salvação é a própria entranha da história humana¹⁸⁸.

Deste modo, uma das críticas mais recorrentes a teologia pastoral é o senso comum, por valorizar demais a história, já a crítica à teologia acadêmica é o distanciamento da realidade e o academicismo. É o que Clodovis Boff entende ao separar a teologia pastoral da atividade reflexiva teórica¹⁸⁹. Este é um modo de ver a teologia e separar pastoral de reflexão crítica. Mas

¹⁸⁷ GUTIERREZ, Gustavo. Teologia da Libertação, p. 123.

¹⁸⁸ Id. p. 129.

¹⁸⁹ “Nesta perspectiva, é claro, a práxis não é um momento constitutivo do processo de conhecimento teológico enquanto tal. Na formulação de Boff, ela pode ser “matéria prima” da teologia e/ou “meio no qual” o teólogo vive

se não existem duas histórias, como explicou Gutierrez, também não poderá haver duas teologias. É o que aprofunda Francisco Aquino Junior ao dizer que:

O caráter prático da teologia diz respeito antes de tudo à própria realidade a ser inteligida por ela. Diferentemente do que se costuma pensar e do que dá a entender uma abordagem meramente etimológica da expressão (*Theós* = Deus e *logia* = palavra), a teologia não trata de um Deus sem mais. Trata de Deus, sim, enquanto e na medida em que se faz presente e atua na história. Trata, portanto, da ação de Deus na história que é sempre, de alguma forma e em alguma medida, re-ação diante de determinadas situações e acontecimentos (salvação) e interação com pessoas e povos concretos (povo de Deus-Igreja)¹⁹⁰.

Seguindo este pensamento, a teologia enquanto tal, requer uma práxis, a fim de que não se esvazie, tornando-se acadêmica, reprodutora de conceitos dogmáticos absorvidos como única fonte de verdade¹⁹¹. Mas uma pastoral sem teologia também se esvazia e cai no senso comum teológico.

É por isso que a Metodologia Histórico Evangelizadora tem uma contribuição importante para a “teologização da pastoral e a pastoralização da teologia”. Primeiro porque é uma metodologia para auxiliar, tanto na práxis pastoral dos agentes e estudantes de teologia, quanto um método de observação e análise que executa um processo tal que leva a prática para o âmbito teórico. Após a observação analítica e teórica, os passos do método histórico-evangelizador permitem o reencaminhamento da ação através da tomada de consciência dos envolvidos na práxis evangelizadora.

Assumido o método para o fazer teológico pastoral, este se encarregará de conduzir tanto a práxis quanto a reflexão. Por isso é um método, um caminho. Não é o único, nem o melhor, mas é o método que foi desenvolvido por pessoas preocupadas em dar uma resposta a forma como a teologia pastoral era ensinada e aplicada dentro do Itepa. O processo histórico da instituição teológica permitiu chegar a um caminho seguro e pautado pelas orientações da

(médium in quo), mas jamais “meio com o qual” se faz teologia (médium quo)”. IN: JUNIOR, Francisco de Aquino. *O caráter prático-social da Teologia*, p.64.

¹⁹⁰ Id. p. 66-67.

¹⁹¹ “a) postura prática inerente à teologia: a teologia tem uma finalidade concreta e imediata, que é colocar o cristão em contato direto com a vida de Cristo que se oferece a nós como graça; não é uma teoria descolada da via e distante dela como uma espécie de abstração conceitual que desvenda a realidade; b) por essa razão, prevalece, sempre, o tom prático das reflexões teológicas que, para os defensores de uma teologia especulativa e conceitual, seria uma reflexão de menos peso teológico, de cunho unicamente pastoral” IN: PASSOS, Décio. *Método Teológico*, p. 53.

ciência: inserção, observação, registro, análise, sessão de estudos e encaminhamentos. Estas são as etapas que compõe o método. Como explica Ari dos Reis:

A ação pastoral, compreendida como ato evangelizador, está envolvida por compromissos e responsabilidades que a tornam uma atividade extremamente significativa não só na perspectiva de evangelização, mas também como base da reflexão teológica. A Metodologia Histórico Evangelizadora (MHE), projeto metodológico assumido pelo Itepa, busca trabalhar esta relação objetivando melhorara a ação pastoral e a reflexão teológica¹⁹²

Deste modo, a melhor maneira de superar a dicotomia que existe entre teologia especulativa e teologia pastoral, e de desqualificar uma ou descontextualizar outra é engendrar à teologia uma metodologia capaz de assumir a teologia pastoral como ciência. E a MHE busca, em suas raízes, demonstrar que, seguindo os passos propostos pelo próprio método, é possível encontrar um caminho em que a realidade não seja abstração e a teoria não seja desenraizada, visto que, partindo da realidade, o sujeito observa-se a si, sua conduta, sentimentos e impressões e registra o que observou. Depois outros irão analisar o registro, fazer uma análise criteriosa daquilo que apareceu no registro e encaminhar ações teológicas, pastorais e evangelizadoras. Parte da realidade e volta para a realidade e tudo fica registrado, documentado e serve de instrumento de estudo para pesquisa e relatórios.

Neste sentido, é possível ainda afirmar a segunda característica deste método assumido pelo Itepa que é a historicidade. Ele é método histórico porque se desenvolve na vida concreta da pessoa que é sujeito teológico, agente de pastoral, estudante de teologia. O ato de exigir do agente uma inserção pastoral faz com que a pessoa tenha a visão da realidade, os pés no chão da vida e uma contextualização¹⁹³ da situação. Por outro lado, não é um ativismo pastoral de senso comum, um realizar atividades, um estar no contexto sem observar, sem envolver-se, sem poder interferir de modo positivo nesta realidade ou, também, sem deixar-se envolver por ela. Há uma troca de relações entre realidade e sujeito, de mútua interferência, pois o contexto influencia o sujeito que, sendo sujeito pastoral, também influencia o meio social, pastoral,

¹⁹² REIS, Ari Antônio. Alcances e desafios da Metodologia Histórico Evangelizadora. IN: MEZADRI, Neri; BALBINOT, Rodinei (org). *Metodologia da ação evangelizadora: uma experiência no fazer teológico pastoral*, p. 145.

¹⁹³ “Contexto: do verbo latino *contextere* (tecer, entretecer, entrelaçar). É a situação histórica e ambiental, âmbito ou entorno vital, no qual surgiu e a partir do qual se gerou uma obra”. IN: FUENTES, Salvador. *Espiritualidade pastoral*, p. 179.

teológico. Os teólogos Libânio e Murad expressam seu entendimento a respeito do estudo de teologia nesta perspectiva inserida no coração da realidade. Dizem eles:

Estudar teologia significa dois momentos antagônicos, cujo equilíbrio dinâmico instável deve submeter-se a contínua avaliação. Ora o estudante deve estar envolvido até o âmago do coração com a realidade angustiante e questionadora dos irmãos, raptando-lhes as perguntas, as interrogações, as dúvidas, as incompreensões. Ora necessita do recôndito silencioso de seu quarto para ruminar o lido nos livros, ouvido nas aulas, rezado nas orações. Assim a teologia descera às profundidades de sua vida, para daí sair em gestos e palavras, em símbolos e ritos, em falas e escritos, em direção aqueles com os quase vive a aventura da existência ameaçada¹⁹⁴.

A citação acima reflete a dimensão dialogal daquele que estuda teologia em perspectiva histórica, isto é, um estudante de teologia, um pesquisador em teologia que assume a historicidade, estará mergulhado na realidade do mundo, das questões fundamentais que fazem parte da vida humana, mas também encontrará naquilo que já foi produzido pela ciência teológica luzes e critérios para o discernimento e o encaminhamento de suas posturas, de seu modo de ser e agir. É uma opção por produzir uma teologia que nasça das realidades humanas e que ajude, como ciência que é, a encaminhar a vida para o princípio maior que é o Reino de Deus. O pesquisador Francisco Aquino Júnior, ao estudar o método teológico tira as seguintes conclusões:

1) Compreende a inteligência humana como apreensão da realidade e enfrentamento com ela, 2) afirma que “a principal fonte de luz” da teoria é a realidade e não supostas “condições aprioricas do sujeito humano”, embora precisando que “essa realidade só é fonte de luz referida à inteligência, a uma inteligência, claro, que, por sua vez, está vertida à realidade” 3) fala da teoria como um momento da práxis: “momento teórico da práxis” e, conseqüentemente, trata a “teoria teológica como um momento da “práxis teológica”¹⁹⁵

Assim, a condição histórica da metodologia proposta para fecundar um momento teológico, como é assumida pelo Itepa, reporta a formação teológica para a condição de olhar a realidade como espaço teológico, não apenas como receptora da doutrina que dita como deve ser a fé das pessoas ou o conteúdo da fé acreditada, mas enquanto possibilidade de acolher esta fé

¹⁹⁴ LIBÂNIO, João Batista; MURAD, Afonso. *Introdução à teologia*, p. 16.

¹⁹⁵ JUNIOR, Francisco de Aquino. *O caráter prático-social da Teologia*, p.65.

no cotidiano da vida, entender isso como parte integrante do depósito da fé da Igreja, e perceber ali elementos constitutivos daquilo que fazem parte do interesse próprio da inteligência da fé. É este ponto que faz Aquino Júnior também discordar de Clodovis Boff quando este assume a realidade como categoria secundária para a teologia.

Boff assume, portanto, uma concepção do saber e do conhecimento, na qual a práxis não interfere diretamente na teoria teológica: fica antes (pressuposto) ou depois (visada). E, assim, além de reduzir o conhecimento teológico a seu momento discursivo e de não assumir de modo consequente a mediação praxica de toda linguagem (também teológica), acaba negando a “densidade epistemológica da práxis” que, ao menos teoricamente, chega a admitir em algum momento. Com isso, nega, de fato, uma das intuições e um dos princípios teóricos mais fecundos e mais determinantes dessa “maneira nova de fazer teologia” que é a TdL: o primado da práxis. E, ao negar o caráter praxico do conhecimento, acaba negando a outra intuição fundamental e determinante da TdL enquanto teoria: a perspectiva do pobre e oprimido como lugar teológico, fundamental como se o conhecimento fosse neutro e tivesse acima dos interesses e conflitos sociais¹⁹⁶.

Dentro do contexto histórico, a MHE se dispõe a assumir exatamente este caráter histórico do qual a práxis é portadora. Ela se encontra dentro dos princípios da teologia da libertação e dos movimentos de inserção popular da América Latina, do método participativo e da pesquisa participante, da pedagogia da libertação, enfim, de um processo de formação da cultura teológica latino-americana. Compreender o conhecimento teológico como parte integrante dos passos metodológicos é o que torna possível assumir este método como válido, atual e importante para a teologia.

Além de ser um método histórico, a MHE se define evangelizadora. O objetivo do fazer teológico no Itepa é levar a uma atuação evangelizadora qualificada dos agentes de pastoral que passam pela instituição. Evangelização construída com base no movimento interno e externo: o agente é evangelizador, mas também é evangelizado. Pela proposta do método assumido, a ação pastoral do estudante de teologia será uma continuação dos estudos, isto é, não são momentos estanques: aula de teologia ou prática pastoral. Com essa metodologia, a aula de teologia vai para prática pastoral que também vai para a aula da teologia. E neste caminho de mão dupla quem ganha é o Evangelho de Jesus Cristo.

¹⁹⁶ Id. p. 64-65.

Assim como o próprio Jesus exerceu a missão de estar no meio do povo, anunciando o Evangelho do Reino de Deus, a MHE leva o agente de pastoral para estar “nos lugares aos quais o próprio Jesus gostaria de estar” (Cf. Lc 10, 1-10). E nestes lugares, o estudante/agente exercerá o múnus cristão que será a evangelização numa perspectiva participativa, inserida e assumida como sua, isto é, o agente não estará ali como alguém externo, mas será parte integrante da comunidade. A sua postura não será autoritária ou bancária, mas será de alguém que estará junto com os outros, que assume aquela missão como sua, que se permite crescer junto com as pessoas e os processos realizados, que se observa, analisa suas ações, registra seus sentimentos, partilha com os demais, permite-se ser avaliado e reencaminha a sua ação, na busca constante de entender-se como um agente evangelizador e evangelizado.

Há uma postura séria na construção das relações e do conhecimento, considerando o modelo de relação sujeito-sujeito. Com rigor científico e tendo em vista a relação entre agente-comunidade-contexto acontecem a observação, o registro, a partilha do registro, a reflexão e análise, a busca de iluminação bíblica, teológica, antropológica e o planejamento das ações. Ao realizar este processo, o agente investiga a sua própria prática, a sua própria atuação e também se evangeliza¹⁹⁷.

Assumindo a postura da MHE o agente de pastoral estará em uma condição favorável a uma relação de reciprocidade evangélica, seguindo o exemplo de Jesus, o Bom Pastor, em processos permanentes de formação teológica para qualificar ainda mais a sua índole e a caminhada pastoral da Igreja. O problema é a negação do processo, quando o agente já se dá por completo, aquele que sabe, aquele que é autoridade religiosa, aquele que tem poder, ou cai no senso comum de atribuir toda ação como inspiração do sagrado.

Essa postura autoritária ou de senso comum rompe com a espiritualidade da MHE e já prejudica o primeiro passo do método que é a observação de si. Quem é autoritário geralmente foge da análise pessoal, não aceita a crítica feita ao registro e ao diagnóstico de suas posturas frente a evangelização. É característica de quem busca ser a referência da ação, que muitas vezes é mais um emaranhado de atividades orgânicas do que evangelizadoras.

Quando a relação que se estabelece na ação evangelizadora é de sujeito-sujeito, há uma abertura para o outro em nível de igualdade e não de dominação. É assim que se sustenta a

¹⁹⁷ BENINCA, Elli; BALBINOT, Rodinei. *Metodologia Pastoral: mística do discípulo missionário*, p. 103.

MHE enquanto evangelizadora, na relação sujeito-sujeito, em processos de formação continuada em busca da vida plena.

Portanto, para “teologizar a pastoral e pastoralizar a teologia”, é necessária uma opção clara a respeito do método teológico que será assumido e que conduzirá o caminho tanto teológico quanto pastoral. A MHE é uma proposta metodológica que tem suas exigências, mas ao mesmo tempo permite realizar processos históricos e evangelizadores dentro de uma ação prático e que imerge os agentes evangelizadores em contínuos processos, haja visto que a evangelização não está dada como pronta e a realidade continua exigindo continuamente critérios de discernimento do Reino de Deus que a teologia pode considerar e contribuir.

3.2 – A MHE e evangelização em processos: aproximação com *Evangelii Gaudium*

Ao propor a Metodologia Histórico Evangelizadora para a teologia pastoral, o desejo de fundamentar, não só uma prática pastoral refletida, mas também se propõe um modo de ser par a própria Igreja. Assim, na eclesiologia apresentada pelo papa Francisco na encíclica *Evangelii Gaudium*, existe uma aproximação muito interessante entre a exortação do papa e a MHE na busca da evangelização realizada em processos.

Os tempos atuais são muito imediatistas e planejados. As coisas são avaliadas pela execução do que foi estabelecido, das metas alcançadas, das etapas vencidas. Mesmo que todo o esforço realizado não signifique coisa alguma para os envolvidos, mas os objetivos foram alcançados.

Como a evangelização acontece na história, as influências do pensamento e da conjuntura também podem incidir negativamente na missão eclesial. É quando a planificação excessiva e a preocupação demasiada em cumprir com obrigações se torna o foco principal da evangelização. Por exemplo, um encontro de pastoral é considerado bom se foi cumprida toda a programação. Mas o que significou tal encontro, a mensagem que ele produziu na vida das pessoas participantes, o conteúdo anunciado, o método, a conversão que promoveu nas atitudes a partir do Evangelho, isto já é segundo plano.

No dia 22 de dezembro de 2015 o Papa Francisco falou da doença da planificação excessiva na evangelização, que torna as atividades pastorais orgânicas em execução de ações perfeitamente efetivadas, mas sem o espírito da Evangelização. Conforme ele:

A doença da planificação excessiva e do funcionalismo. Quando o apóstolo planifica tudo minuciosamente e julga que, se fizer uma planificação perfeita, as coisas avançam efetivamente, torna-se um contabilista ou comercialista. É necessário preparar tudo bem, mas sem nunca cair na tentação de querer conter e pilotar a liberdade do Espírito Santo, que sempre permanece maior e mais generosa do que toda a planificação humana (cf. Jo 3, 8). Cai-se nesta doença, porque «é sempre mais fácil e confortável acomodar-se nas próprias posições estáticas e inalteradas. Na realidade, a Igreja mostra-se fiel ao Espírito Santo na medida em que põe de lado a pretensão de O regular e domesticar – domesticar o Espírito Santo! – (...) Ele é frescor, criatividade, novidade»¹⁹⁸.

Este comentário do Papa Francisco abre caminhos para uma compreensão evangelizadora realizada em processos permanentes, ou seja, o que sustenta o caminho evangelizador não são as ações orgânicas planejadas e pensadas por alguém, mas no processo que se estabelece desde quem prepara até os que participam da execução da atividade pastoral. É próprio de quem está impelido pelo espírito participativo da ação evangelizadora e não se apresenta como o portador da evangelização.

Também, o processo evangelizador evita personalismos e doutrinadores. Ele prescreve que a evangelização se dá para todos. Não existe um evangelizador e outro a ser evangelizado. Na dinâmica processual todos participam da ação e são envolvidos pela dinâmica do Evangelho. Diz o papa:

Às vezes interrogo-me sobre quais são as pessoas que, no mundo atual, se preocupam realmente mais com gerar processos que construam um povo do que com obter resultados imediatos que produzam ganhos políticos fáceis, rápidos e efêmeros mas que não constroem a plenitude humana (EG 224).

Comentando esta compreensão do Papa Francisco a respeito dos processos, que constroem consciência, Scanonne argumenta:

A exortação começa com a prioridade do tempo sobre o espaço. Porque se trata mais de dar início a “processos que construam um povo”(EG 222-224) na história do que de ocupar espaços de poder ou de posse (territórios ou riqueza). Em minha opinião, o sentido espiritual do tempo propício à justa decisão (seja este existencial, interpessoal,

¹⁹⁸ FRANCISCO. Discurso do papa aos cardeais e colaboradores da cúria romana. Disponível em : <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/538719-discurso-do-papa-francisco-aos-cardeais-e-colaboradores-da-curia-romana>

pastoral, social ou política) é característico do carisma inaciano e está em ligação direta com o discernimento dos espíritos¹⁹⁹.

Por este motivo, a evangelização se desafia muito mais a criar processos que envolvam os agentes, a pastoral, os pesquisadores, a teologia, enfim, do que dar receitas prontas de como deve acontecer a evangelização. Expressa o Papa Francisco:

Este critério é muito apropriado também para a evangelização, que exige ter presente o horizonte, a adotar os processos possíveis e a estrada longa. O próprio Senhor, na sua vida mortal, deu a entender várias vezes aos seus discípulos que havia coisas que ainda não podiam compreender e era necessário esperar o Espírito Santo (Cf. Jo 16,12-13) (EG 225).

Outro que explicita a necessidade de valorizar processos e evitar os resultados pastorais imediatos é Agenor Brighenti. Como ele diz: “Na pastoral, enquanto ação da Igreja, um bom resultado é sempre fruto de um processo”²⁰⁰. Por processo entende-se que existam passos, estratégias de realização das atividades, iluminação bíblica, fundamentação teórica e encaminhamentos para que a evangelização aconteça na unidade de tudo isso e não apenas em momentos estanques, que podem ser consequência de um encanto emocional, uma doutrina que se torna fundamentalista, um encontro que fica na superficialidade da fé e não gera uma opção radical pelo projeto de Jesus Cristo. Brighenti aprofunda a perspectiva do caminho ao dizer: “O fim não é um plano, mas a comunidade sujeito de uma ação pastoral pensada. Na perspectiva da fé, e isso é reconfortante em nossa fraqueza e limites de todo tipo, o importante não é ter chegado ao fim, mas ter-se colocado a caminho. O fim está no caminho, no processo, que nunca termina”²⁰¹.

Ainda mais, existe uma metodologia pastoral intitulada de positivista, muito presente na compreensão de agentes de pastoral e de comunidades²⁰². Nesta perspectiva, a ação evangelizadora será enquadrada nos moldes da observação quantitativa, cujos processos são vistos a partir de ações orgânicas e atividades isoladas, que geram um resultado imediato no

¹⁹⁹ SCANNONE, Juan Carlos. *A Teologia do Povo: raízes teológicas do papa Francisco*, p. 213.

²⁰⁰ BRIGHENTI, Agenor. *A pastoral da o que pensar*, p. 206.

²⁰¹ Id. p. 206.

²⁰² “A comunidade é mero objeto, não tem parte na ação; é presa da lupa do agente. Está submissa à ordem determinada em lei. A Igreja é constituída de: a) detentores de papéis institucionais e b) estrutura material. Igualmente povo e massa. Visão de pessoa humana estática, predeterminada. Atingir a maturidade é ter um comportamento conforme a lei. Ou seja, ver as coisas sob a ótica das leis estabelecidas. A pessoa é passiva na ordem do conhecimento e da pastoral. É objeto das leis nas mãos do agente” IN: BENINCA, Elli; BALBINOT, Rodinei. *Metodologia Pastoral: mística do discípulo missionário*, p. 95.

objeto observado, que é a ação em si, por exemplo, o encontro, o retiro, a palestra, a aula, etc. Pela postura positivista, a observação sobre a ação terá como análise a execução da tarefa, da pauta, do efeito criado, da emoção gerada, se funcionou tudo bem ou se teve falhas, é relação objeto-objeto. Explicando melhor tal postura, vê-se:

A reflexão e o diálogo em torno da prática pastoral ajuda a superar a orientação positivista que, mesmo inconsciente, tende a permear nossas práticas, no caso voltadas para quantidade e o alcance de resultados traduzidos em números. Muitas vezes caímos no erro de quantificar a ação evangelizadora. Qualquer atividade tem sentido se envolve um significativo número de pessoas. Por traz da perseguição quantitativa escondemos as dificuldades do processo evangelizador. Nem sempre a “casa cheia” é indicativo de que a ação de fato gera compromisso comunitário e com o Reino de Deus²⁰³.

Por este motivo que a evangelização nos ensinamentos da *Evangelii Gaudium* exige uma metodologia participativa que respeite os processos pastorais. “Privilegiar o processo significa privilegiar a participação”²⁰⁴. Este é o meio pelo qual os envolvidos na ação evangelizadora se tornam sujeitos dela e não meros objetos depositários da doutrina, ou executores de tarefas, que só são avaliadas como importantes para a Igreja se atingiram um maior número de pessoas. “É o único meio de fazer a comunidade, não destinatária ou objeto da ação pastoral, mas sujeito”²⁰⁵.

Nesta análise, a necessidade de uma ação evangelizadora que respeite processos e aconteça em um contínuo caminhar se aproxima da proposta da MHE. O método participativo é parte da opção da MHE, assumir a metodologia histórico evangelizadora é apostar na participação efetiva de todos os envolvidos nos processos. É o evangelizar evangelizando-se.

Portanto, o agente assume um papel importante no projeto metodológico da MHE. Dele demanda certa compreensão de pastoral firmada no seguimento de Jesus, compreendida como processo que envolve não só o agente como também a comunidade (sujeito coletivo da caminhada). Esta pastoral é meio de formação de consciência. É

²⁰³ REIS, Ari Antônio. Alcances e desafios da Metodologia Histórico Evangelizadora. IN: MEZADRI, Neri; BALBINOT, Rodinei (org). *Metodologia da ação evangelizadora: uma experiência no fazer teológico pastoral*, p. 191.

²⁰⁴ BRIGHENTI, Agenor. *A pastoral dá o que pensar*, p. 206.

²⁰⁵ Id. p. 206.

também caminho de intervenção na realidade se esta não beneficia a vida humana²⁰⁶.

A exigência de uma ação evangelizadora assumida como processo insere-se no sentido do inconcluso, do ser em construção. O pedagogo Paulo Freire reflete sobre isso dizendo: “é na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados”²⁰⁷. Em chave metodológica-pastoral, é na compreensão de que a evangelização não é um dado pronto, uma ação acabada ou estanque, ou um prontuário de receitas, que se torna possível a apreensão da pastoral como um constante processo.

A MHE enquanto estrutura processual de análise criteriosa da práxis pastoral se apresenta como uma metodologia atual para o contexto eclesial que se assume como processo. O fato de a ação evangelizadora partir da observação, se tornar registrada, estudada e reencaminhada, permite um constante processo de pastoral. A MHE ilumina exatamente o processo metodológico, não é em um dos momentos, mas na participação de todo o processo como um caminho evangelizador de mão dupla: o agente de pastoral é evangelizador, mas ao mesmo tempo é evangelizado. Este processo estimula a contínua opção pela comunidade, pela revisão das posturas e introduz o agente de pastoral como parte da ação e não dono da mesma. Diferente de uma postura tradicional cujo agente assumirá o domínio da verdade, ou carismático quando é guiado pela sensação emocional, ou pela formação intelectual de um cenário da Palavra, ou ainda o erro do agente de pastoral desconsiderar a caminhada libertadora como um imperativo do Evangelho e viver apenas a interpretação sociológica da transformação da realidade, a metodologia encontrada na encíclica *Evangelii Gaudium*, aliada a MHE, possibilitará uma atuação reflexiva em chave de mútua evangelização em vista do Reino de Deus como realidade processual. Assim explicita Ari dos Reis:

A MHE considera a pastoral relação de sujeitos. No processo pastoral, pelo viés da práxis, o agente e comunidade empreendem um caminho de mútua evangelização. O agente tem à sua frente a responsabilidade de conduzir o processo. Aí ele reza e reflete com a comunidade. Seu ponto de partida é a vida da comunidade colocada frente ao Plano do Pai. O caminhar se dá na busca de concretização deste plano, o advento do Reino. E neste caminhar há “o diferente de si”, a comunidade. Esta

²⁰⁶ REIS, Ari Antônio. Alcances e desafios da Metodologia Histórico Evangelizadora. IN: MEZADRI, Neri; BALBINOT, Rodinei (org). *Metodologia da ação evangelizadora: uma experiência no fazer teológico pastoral*, p. 187.

²⁰⁷ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*, p. 57.

o desafia pelo que ela é e pelo que o agente sonha em concretizar junto dela²⁰⁸.

Logo, a ação evangelizadora compreendida como um processo é o caminho para a eclesiologia que se apresenta nas atuais circunstâncias da Igreja no mundo em constante mudança.

3.3 – A Metodologia Histórico Evangelizadora e a espiritualidade pastoral

Uma ação evangelizadora em chave metodológica conforme se observa na encíclica *Evangelii Gaudium*, além de supor uma “teologia pastoralizada e uma pastoral teologizada” e que se desenvolve em processos constantes de auto-evangelização, encaminha os envolvidos nestes processos para o cultivo de uma espiritualidade pastoral.

O termo espiritual “pode referir-se ao Espírito Santo e designar uma relação vital com ele. A teologia espiritual consiste então em tentar compreender o que significa nossa relação com Deus”²⁰⁹. Então, espiritualidade remete a ação do Espírito Santo e a abertura humana para a ação divina. Mas esse termo ainda aprofunda outra relação que é importante, a saber: “espiritual pode também referir-se mais diretamente a uma dimensão do ser humano que muitas vezes se chama “coração” e que é alma, a interioridade, a capacidade de entrar em relação com Deus”²¹⁰. Por este significado, a espiritualidade é a abertura a ação do Espírito Santo na vida humana e deixar-se conduzir em sua vida pelo coração, pela interioridade, pela força motora divina e humana da ação de Deus e do encontro com os outros.

Em sua encíclica *Evangelii Gaudium* o Papa Francisco discorre a seguinte idéia: “evangelizadores com espírito quer dizer evangelizadores que rezam e trabalham. Do ponto de vista da evangelização, não servem as propostas místicas desprovidas de um vigoroso compromisso social e missionário, nem os discursos e ações sociais e pastorais sem uma espiritualidade que transforme o coração” (EG 262). A intervenção do Papa Francisco a respeito das atividades pastorais que fogem do compromisso social ou, por outro lado, se transformam

²⁰⁸ REIS, Ari Antônio. Alcances e desafios da Metodologia Histórico Evangelizadora. IN: MEZADRI, Neri; BALBINOT, Rodinei (org). *Metodologia da ação evangelizadora: uma experiência no fazer teológico pastoral*, p. 184.

²⁰⁹ LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*, p. 660.

²¹⁰ Id. p. 660.

em ações isoladas sem que transformem o coração não tem sentido para a Igreja. A respeito desta constatação pastoral Fuentes observa:

o ativismo na pastoral tem levado muitos agentes a um esvaziamento interior, cujos sintomas mais claros são o cansaço opressor, a ansiedade, as frustrações, o aborrecimento, o desalento e, em não poucos casos, a deserção. Outras manifestações são a mediocridade, a superficialidade, o conformismo, a acomodação, a falta de criatividade²¹¹.

Portanto, é cada vez mais exigente para a Igreja recuperar a espiritualidade pastoral dos seus agentes, isto é, de todos os envolvidos na ação evangelizadora, para evitar que as ações pastorais realizadas se tornem vazias, um ativismo estéril, uma agenda extensa de “coisas para fazer”, mas tudo isso sem uma verdadeira participação e envolvimento do coração e de coração, do Espírito Santo e com o Espírito Santo, evangelizadora e evangelizada. São muitas atividades, mas não necessariamente evangelizadoras, pois quando falta o Espírito, corre-se o risco do amadorismo religioso como explicita Brighenti: “na pastoral, apresenta-se a tentação de uma ação sem profissionalismo, pautada pelo voluntarismo”²¹².

Neste sentido, a necessidade que este assunto aborda é o cultivo da espiritualidade pastoral como caminho para uma ação evangelizadora de acordo com as perspectivas históricas que estamos vivenciando. Uma ação pastoral sem a força do Espírito Santo corre o risco de esvaziar-se cada vez mais e não conseguir cumprir com a missão deixada por Jesus Cristo. A espiritualidade pastoral é motivo pelo qual a Igreja poderá continuar a ação evangelizadora não de forma burocrática ou automática, respondendo às atividades programadas, mas abrir-se ao Espírito Santo que conduz a ação, um modo de ser evangelizador e evangelizado, a um planejamento que supere uma pastoral pragmática, ou positivista, ou autoritária, ou sentimentalista, ou intelectualizada ou com um discurso libertador, mas sem uma práxis realmente evangélica.

Para isso, desde a Conferência do Episcopado Latino Americano realizada em Aparecida no ano de 2007 tem-se insistido na espiritualidade pastoral a partir do encontro com Jesus Cristo. No Documento de Aparecida, o itinerário formativo do discípulo missionário propõe a espiritualidade do encontro com Jesus Cristo fundamentada na Trindade: “a experiência de um Deus uno e trino, que é unidade e comunhão inseparável, permite-nos superar

²¹¹ FUENTES, Salvador Valadez. *Espiritualidade Pastoral: como superar uma pastoral “sem alma”*, p. 25.

²¹² BRIGHENTI, Agenor. *A pastoral dá o que pensar*, p. 202.

o egoísmo para nos encontrarmos plenamente no serviço para com os outros” (D Ap 240). O encontro trinitário é expressão de abertura para comunhão e alteridade, de reconhecimento do sagrado que existe no outro. É um encontro evangelizador por si, visto que a espiritualidade trinitária aponta para a relação com o outro. Jesus Cristo é este mistério relacional do Pai no Espírito Santo. É uma experiência encarnada na história humana, nos processos históricos do seu tempo, sujeito do plano de salvação. Como explicita o próprio texto do documento:

o acontecimento de Cristo é, portanto, o início desse sujeito novo que surge na história e a quem chamamos discípulo. “Não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas através do encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva” (D Ap 243).

A espiritualidade do encontro com Jesus supera a compreensão mágica de adesão à fé. O caminho evangelizador, nesta interpretação, é um processo permanente de conversão da pessoa para a proposta de Jesus Cristo, tornando os seus ensinamentos sentido de vida e orientação para a existência cristã. Espiritualidade que se alimenta em vários alicerces da vida cristã, como tanto insiste a Igreja para que os cristãos discípulos e missionários de Jesus Cristo superem as espiritualidades tidas como prontas, experiências do sagrado, abstração teórica ou esvaziamento do projeto do Evangelho.

A espiritualidade cristã que animará a ação evangelizadora da Igreja neste novo contexto se alicerça na Palavra de Deus:

faz-se, pois, necessário propor aos fiéis a Palavra de Deus como dom do Pai para o encontro com Jesus Cristo vivo, caminho de “autêntica conversão e de renovada comunhão e solidariedade”. Essa proposta será mediação de encontro com o Senhor se for apresentada a Palavra revelada, contida na Escritura, como fonte de evangelização (D Ap 248).

Esse alicerce da Palavra é compreendido pela espiritualidade pastoral na via de mão dupla. O agente de pastoral é o primeiro ouvinte da Palavra, é o destinatário primeiro daquilo que o Evangelho inspira. Diz o Papa Francisco: “a melhor motivação para se decidir a comunicar o Evangelho é contemplá-lo com amor, é deter-se nas suas páginas e lê-lo com o coração” (EG 264). É o encontro com Jesus Cristo revelado na Palavra, naquele Jesus que realiza a vontade do Pai: “Hoje se cumpriu esta passagem da Escritura que vocês acabaram de ouvir” (Lc 4,21). E deste encontro com a revelação continua de Jesus que se dá a conhecer e

que faz “arder o coração quando Ele fala pelo caminho e explica as escrituras” (Lc 24, 32). Como diz explicitamente a Constituição Dogmática Dei Verbum:

Aprova a Deus, em sua bondade e sabedoria, revelar-se a Si mesmo e tornar conhecido o mistério de Sua vontade (cf. Ef 1,9), pelo qual os homens, por intermédio do Cristo, Verbo feito carne, no Espírito Santo, têm acesso ao Pai e se tornam participantes da natureza divina (cf. Ef 2,18; 2 Pd 1,4). Mediante esta revelação, portanto, o Deus invisível (cf. Col 1,15; 2 Tim 1,17), levado por Seu grande amor, fala aos homens como a amigos (cf. Ex 33,11; Jo 15,14-15), e com eles se entretém (cf. Bar 3,38) para os convidar à comunhão consigo e nela os receber (DV 2).

Da amizade com Jesus Cristo revelado na Palavra, brota a espiritualidade da evangelização que comunica esta Palavra através do querigma e do testemunho. É uma mudança radical de mentalidade do que significa a evangelização. É bem provável que em um cenário tradicional, a evangelização supõe convencimento para levar pessoas para a instituição. Em um cenário carismático a evangelização passa pela ação do sagrado que se desvenda de forma misteriosa no anúncio da Palavra. Já no cenário da Palavra, a evangelização perpassa pela formação sólida da Palavra para um anúncio mais objetivo e com conteúdo. Mas no cenário atual, que já é identificado no cenário da libertação, a evangelização não está centrada na instituição que é detentora da missão. Neste viés, o anúncio da Palavra supera o proselitismo e o convencimento centrado em si. Levar a Boa Nova do Evangelho é comunicação gratuita porque o agente é contagiado pelo sentido de vida que está contido ali e passa a desejar que outros encontrem este significado vital. Como acrescenta Brighenti: “Evangelizar não é sair da Igreja a fim de trazer “convertidos” para dentro dela, mas oferecer o Evangelho gratuitamente. A verdadeira conversão é fruto da graça, apoiada antes na persuasão do que na sedução e na coação”²¹³.

Outro alicerce da espiritualidade pastoral será a Eucaristia. Como reforça o Documento de Aparecida: “A Eucaristia é o lugar privilegiado do encontro do discípulo com Jesus Cristo” (D Ap 251). Segundo esta afirmação, a Eucaristia é lugar privilegiado de encontro com Jesus por expressar sacramentalmente o modo como a existência humana entra em diálogo com a existência do Mistério de Jesus. Nos diz o texto: “existe estreito vínculo entre as três dimensões da vocação cristã: crer, celebrar e viver o mistério de Jesus Cristo, de tal modo que a existência

²¹³ Id. p. 88.

cristã adquira verdadeiramente forma eucarística” (D Ap 251). Este alicerce da espiritualidade pastoral amplia a consciência de que a celebração litúrgica é mais do que o ato litúrgico em si, a execução de ritos prescritos pela Igreja. A espiritualidade pastoral se sustenta naquele que é encontrado na celebração litúrgica, que é Jesus Cristo e todo o seu mistério de salvação. A este respeito é interessante o comentário de Gofredo Boselli:

Tem-se, frequentemente, a impressão que hoje a liturgia seja percebida mais como um problema a resolver do que como uma fonte da qual haurir. No entanto, o futuro do cristianismo, no ocidente, depende, em grande medida, da capacidade que a Igreja terá de tornar a sua liturgia a fonte de vida espiritual dos fiéis. Por isso, a liturgia é uma responsabilidade para a Igreja de hoje. Convenço-me sempre mais de que a pergunta decisiva, à qual é necessário dar o mais cedo possível uma resposta, não é antes de tudo como os fiéis vivem a liturgia, mas se eles vivem da liturgia que celebram. O modo como se vive a liturgia depende, em grande medida, do fato de como eles vivem da liturgia²¹⁴.

A preocupação de Boselli a respeito da liturgia está associada à observação de que a liturgia se tornou um problema para a Igreja em virtude do esvaziamento da espiritualidade. Quando isso acontece, a centralidade passa a ser a execução prescrita de ritos, a essência está na exterioridade ritualística, no modo como a liturgia é representada: “se pode celebrar durante uma existência inteira, sem, todavia, viver da liturgia celebrada”²¹⁵. Este é um problema a ser enfrentado pois a liturgia, a celebração eucarística é uma fonte de espiritualidade quando ela é serva do mistério celebrado, como manifesta Boselli: “a liturgia não determina por si mesma o seu próprio fim, mas o recebe da realidade santa que celebra e da qual é nada mais do que serva: o mistério de Deus em Cristo”²¹⁶.

Como a espiritualidade eucarística e litúrgica alimenta a fé dos cristãos, ela também orienta para o desejo da unidade, da verdadeira comunhão, haja visto que a Eucaristia cria a comunhão eclesial. A ação evangelizadora também é permeada pela comum união do Reino de Deus. Assim, a espiritualidade desejará em tudo a comunhão com Deus e com os irmãos, especialmente a comunhão com os pobres. Como afirma Brighenti:

É a expressão simbólica da comunhão dos irmãos entre si, enquanto filhos de um mesmo Pai, chamados a participar de sua vida. É a reunião de toda a humanidade em torno da mesa do Pai, mesa inclusiva dos cegos, famintos, coxos, surdos, mudos, leprosos, pecadores públicos,

²¹⁴ BOSELLI, Gofredo. *O sentido espiritual da liturgia*, p. 8.

²¹⁵ Id. p. 8-9.

²¹⁶ Id. p. 9.

enfim, dos pequenos e simples, que são sempre os mais abertos e disponíveis a ouvir e acolher o convite universal de Deus²¹⁷.

E como espiritualidade de comunhão, a ação evangelizadora sustentará suas raízes na superação dos conflitos existentes na comunidade dos irmãos. Por isso, além de ser a comunhão de irmãos na mesma mesa, celebrando a Eucaristia, a espiritualidade pastoral proporcionará aos agentes de evangelização a superação dos conflitos existentes em toda ação humana, até porque, evangelizar é ação humana, mas também permeada pela ação do Espírito Santo. Enquanto ação realizada por homens e mulheres é possível que existam conflitos de várias ordens. Todavia, enquanto ação inspirada pelo Espírito Santo, a comunhão é a base para a qual caminha o anúncio do Evangelho²¹⁸. O Papa Francisco exorta a respeito: “aceitar suportar o conflito, resolvê-lo e transforma-lo em elo de ligação de um novo processo” (EG 227).

Assim, o outro alicerce da espiritualidade pastoral é a própria práxis evangelizadora como ação de Jesus Cristo Bom pastor. Na fundamentação bíblica da MHE, dois textos iluminadores são Ez 34 e Jo 10, dos maus pastores e o pastor de Israel, depois Jesus Cristo como o Bom Pastor. Este exemplo de Jesus reflete a imagem da bondade de Deus na prática evangelizadora do Filho. Conforme Salvador Fuentes, a ação pastoral de Jesus era reflexo da sua intimidade com o Pai e todas as suas ações promoviam esta bondade. Diz ele:

A experiência de Jesus com respeito a seu Pai é de afetividade e intimidade; por isso o chama de Abba, Paizinho, Pai de infinita bondade e ternura. É a experiência de um Deus misericordioso, Pai e Mãe, próximo ao sofrimento humano, sensível ao grito do oprimido, que está aí para enxugar as lágrimas, acolher no colo, consolar e mostrar seu infinito amor²¹⁹.

Assim, a espiritualidade pastoral dos agentes que a ação evangelizadora da Igreja tanto necessita brotará do contato direto com as pessoas, do testemunho amoroso de Deus, realizando ações humanas que revelem o divino que há em cada um. É mais do que um cumprir tarefas. O portador da espiritualidade pastoral exercerá o múnus pastoral, de cuidador da vida, de

²¹⁷ BRIGHENTI, Agenor. *A pastoral dá o que pensar*, p.115.

²¹⁸ “Deste modo, torna-se possível desenvolver uma comunhão nas diferenças, que pode ser facilitada só por pessoas magnânimas que tem a coragem de ultrapassar a superfície conflitual e consideram os outros na sua dignidade mais profunda. Por isso, é necessário postular um princípio que é indispensável para construir a amizade social: a unidade é superior ao conflito. A solidariedade, entendida no seu sentido mais profundo e desafiador, torna-se assim um estilo de construção histórica, um âmbito vital onde os conflitos, as tensões e os opostos podem alcançar uma unidade multifacetada que gera nova vida” (EG 228).

²¹⁹ FUENTES, Salvador Valadez. *Espiritualidade Pastoral: como superar uma pastoral “sem alma”*, p. 74.

animador, ou seja, aquele que dá alma para o que está fazendo, que realiza a ação pastoral com Espírito.

Portanto, os três alicerces da espiritualidade pastoral para a ação evangelizadora inspirada no novo cenário eclesial estão na Palavra, na Eucaristia e comunhão e no Jesus Cristo Bom Pastor. É uma forma de aprender constantemente, confrontar-se, inspirar-se e levar a diante a missão de anunciar o Evangelho, seja com palavras, com testemunho, com gestos concretos, atitudes transformadoras e renovadoras da vida.

3.4 – A Metodologia Histórico Evangelizadora e o compromisso com o Reino de Deus

A caminhada evangelizadora da Igreja com uma pastoral teologizada e uma teologia pastoralizada pretende ser fiel a missão de Jesus Cristo. Ele inicia sua ação evangelizadora anunciando o Reino de Deus (Mc 1,15). Em sua vida pública, Jesus Cristo promoveu através de suas ações, sinais, palavras, ensinamentos, gestos, sorrisos, abraços, denúncias e anúncios o Reino de Deus. Vê-se claramente um anúncio voltado para um projeto e não para si, isto é, Jesus não fala de si, não se apresenta como centro ou motivo de sua mensagem e nem mesmo anuncia uma instituição nova para o Povo de Israel. O teólogo José Antônio Pagola aponta que: “Jesus só falou do “reino de Deus”, não da “Igreja”. O reinado de Deus aparece 120 vezes nos evangelhos sinóticos; a igreja só aparece duas vezes (Mateus 16,18 e 18,17) e, obviamente não é um termo empregado por Jesus”²²⁰.

A mensagem do Reino de Deus encontra seus interlocutores entre aqueles aos quais Jesus dedicou toda atenção pastoral: os pobres. Eles serão os sujeitos teológicos da ação evangelizadora de Jesus, aqueles que vão acolher a mensagem do Evangelho, entrarão na dinâmica processual da edificação de uma realidade nova, com perspectiva de vida para todos. É interessante o que manifesta Pagola:

Jesus declara de uma maneira categórica que o reino de Deus é para os pobres. Ele tem diante dos olhos aquelas pessoas que vivem humilhadas em suas aldeias sem poder defender-se dos poderosos latifundiários; conhece bem a fome daquelas crianças desnutridas; viu chorar de raiva e impotência aqueles camponeses quando os arrecadadores de impostos levavam para Séforis ou Tiberíades o melhor de suas colheitas. São os que precisam ouvir, antes de mais ninguém notícia do reino²²¹.

²²⁰ PAGOLA, José Antônio. *Jesus: aproximação histórica*, p. 115.

²²¹ Id. p. 130.

O anúncio do Reino de Deus é o foco da Igreja que se compreende a partir da fidelidade a Jesus Cristo. Ser fiel a Ele é continuar sua missão no hoje da história. Deste modo, a consequência de tal missão será manter as mesmas opções de Jesus e estar ao lado daqueles que ele estava.

Desde as conferências de Medellín e Puebla, a evangelização a América Latina assumiu os pobres como centralidade da sua missão. A opção preferencial pelos pobres apresenta uma determinação missionária eclesial, que é fazer opção pelas pessoas sofridas o motivo de continuar anunciando o Evangelho, e ser sacramento de misericórdia para com aqueles que mais precisam de libertação das estruturas injustas de poder. Na conferência de Aparecida é reassumida pela Igreja Latino Americana o compromisso evangélico de manter-se fiel a opção pelos pobres, como diz o número 396 do documento:

Comprometemo-nos a trabalhar para que a nossa Igreja Latino-americana e Caribenha continue sendo, com maior afincamento, companheira de caminho de nossos irmãos mais pobres, inclusive até o martírio. Hoje queremos ratificar e potencializar a opção preferencial pelos pobres feita nas Conferências anteriores. Que seja preferencial implica que deva atravessar todas as nossas estruturas e prioridades pastorais. A Igreja latino-americana é chamada a ser sacramento de amor, solidariedade e justiça entre nossos povos (D Ap 396).

Por esta afirmação, a ação evangelizadora se entende como uma atitude decididamente missionária em toda a ação eclesial de superação das realidades de injustiça como compromisso evangélico. E como diz o documento de Aparecida, a opção pelos pobres perpassa toda a Igreja. Ela não é uma escolha, mas uma consequência do ato de crer em Jesus Cristo, ou seja, crer em Jesus é assumir a fé de Jesus e ter “os mesmos sentimentos que haviam nele” (Cf Fil 2,5). A propósito deste assunto, Gustavo Gutierrez manifesta-se assim:

por sua pregação da mensagem evangélica, por seus sacramentos, pela caridade de seus membros, a Igreja anuncia e acolhe o dom do reino de Deus no coração da história humana. A comunidade cristã professa uma fé que opera pela caridade. Ela é e deve ser eficaz, ação, compromisso e serviço dos homens²²².

²²² GUTIERREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação*, p. 24.

Estar a serviço do reino de Deus faz da ação evangelizadora da Igreja uma autêntica saída de si, da instituição, para ir ao encontro das realidades sofridas do mundo, as necessidades reais de pobreza e injustiça e ali fazer sempre nova a sua opção de fé. E quem tem intuído muito bem este contexto evangelizador é o Papa Francisco²²³. Leonardo Boff comenta a respeito das intuições do pontificado do Papa Francisco na encíclica *Evangelii Gaudium*:

O quarto ponto significativo foi fazer da Igreja não um castelo fechado e cercado de inimigos por todos os lados, mas antes um hospital de campanha que acolhe indistintamente a todos, sem reparar sua extração de classe, de cor ou de religião. Outra expressão recorrente é a Igreja em saída: uma Igreja em permanente saída para os outros, especialmente para as periferias existenciais que grassam no mundo inteiro. Ela deve suscitar alento, infundir esperança e mostrar um Cristo que veio para nos ensinar a viver como irmãos e irmãs, no amor, na igualdade, na justiça, abertos ao Pai que tem características de Mãe de misericórdia e de bondade.

Desde a escolha do nome para sua missão como bispo de Roma e aquele que preside a Igreja Católica na caridade, o papa retomou o assunto dos pobres como sujeitos da ação evangelizadora e destinatários de toda a ação eclesial. Sua insistência tem sido de uma “Igreja pobre para os pobres”. Nas palavras de Scannone:

Ele (o papa Francisco), não apenas declara, de acordo com a doutrina católica, que “a solidariedade é uma reação espontânea de quem reconhece a função social da propriedade e o destino universal dos bens como realidades anteriores à propriedade privada” (EG 189), mas acrescenta que “para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica” (EG 198). Por isso, ele reitera o que já tinha dito em outras ocasiões: “Por isso, desejo uma Igreja pobre para os pobres. Eles têm muito para nos ensinar²²⁴.”

Este olhar da ação evangelizadora para o mundo dos pobres e a realidade dos sofridos como ponto de convergência de uma opção concreta de fé aquece também a própria reflexão teológica. Enquanto ciência, a teologia é uma ação segunda. Primeiro vem a fé praxica com suas consequências. É desta opção de fé que nasce o ato segundo que é a reflexão crítica da fé, a teologia. Diz Gutierrez: “A teologia é reflexão, atitude crítica. Primeiro é o compromisso de

²²³ BOFF, Leonardo. *A saudade de Deus*, p. 17.

²²⁴ SCANNONE, Juan Carlos. *A Teologia do Povo: raízes teológicas do papa Francisco*, p. 220.

caridade, de serviço. A teologia vem depois, é ato segundo”²²⁵. E para Aquino Júnior, a teologia tem um caráter intelectual do reino de Deus, isto é, é a maneira como a práxis evangelizadora coaduna-se com a reflexão teórica. Para ele, teologia é ato reflexivo sobre o reino de Deus. Como ele reflete:

o caráter prático da teologia não diz respeito apenas ao reinado de Deus enquanto assunto da teologia e enquanto determinante de seu acesso intelectual. Diz respeito também ao próprio quefazer teológico, enquanto atividade intelectual. É que a atividade intelectual é uma atividade intrinsecamente prática²²⁶.

Seguindo esta esteira, a MHE se propõe a realizar um processo evangelizador e teológico que inclui o agente de pastoral na dinâmica libertadora. Seguindo os passos da metodologia: inserção pastoral, observação, registro, partilha do registro, análise criteriosa do que foi registrado, apontamentos, reencaminhamentos e produção de textos, a teologia pastoral levará os assuntos da realidade vivida pelo agente para dentro da sala de aula, para o coração da teologia e para o planejamento da ação evangelizadora.

É uma metodologia que seguramente fortalece a dinâmica do reino de Deus dentro de contextos pastorais, processos formativos, assumindo uma teologia pastoral e uma pastoral teológica, inspirando os agentes a uma espiritualidade pastoral. Quando o agente opta pelo reino de Deus e assume a MHE como parte de seu processo formativo, o fazer teológico supera uma teologia de cor para ser uma teologia de coração. Mais, a ação evangelizadora é um envolvimento tão grande por parte do agente que ele não verá mais a prática pastoral como algo extrínseco, mas algo inerente a si, não serão atividades orgânicas realizadas, mas ao participar de alguma atividade pastoral, o agente assumirá a espiritualidade do Bom Pastor e fará com que aquilo que está realizando seja parte da sua vida, da sua essência, do seu modo de ser no mundo²²⁷. E assim se estabelece uma ação evangelizadora com o objetivo de edificar o Reino de Deus. Esta é a essência da evangelização de ontem, de hoje e será o foco futuro da missão eclesial fiel aquilo que Jesus ensinou.

²²⁵ GUTIERREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação*, p. 24.

²²⁶ JUNIOR, Francisco de Aquino. *O caráter prático-social da Teologia*, p. 68.

²²⁷ “Os cristãos são conhecidos e reconhecidos não pela prática de uma religião, nem porque são batizados ou vão à missa. Os cristãos são reconhecidos por serem pessoas que se querem tanto que esse carinho não tem outra explicação a não ser o fato desse amor, desse respeito, dessa tolerância, a delicadeza para com todos, tudo isso não tem outra explicação a não ser o seguimento a Jesus. Os cristãos são pessoas que levam a sério o Evangelho, vivem-no, colocam-no em prática. O resultado disso é uma bondade que se nota, se sente e ajuda os demais a crer em Jesus”. IN: CASTILHO, José M. *O Reinado de Deus*, p. 101.

CONCLUSÃO

Ao propor uma pesquisa com a temática da metodologia pastoral, o objetivo é afirmar que a Igreja Católica Apostólica Romana precisa ser fiel a missão deixada por Jesus Cristo, respondendo de forma propositiva ao atual contexto e ao cenário de Igreja que mais se coaduna a esta realidade. Uma pastoral que tenha teologia e uma teologia que tenha pastoral. E em tudo isso, uma ação evangelizadora que proponha as verdades do Evangelho para um novo tempo em pandemia.

Percebe-se que é de fundamental importância que a Igreja estimule o cenário que mais convém para o atual momento, a fim de manter seu propósito evangelizador. Para que isso aconteça, se faz necessário diagnosticar os possíveis cenários da ação evangelizadora para propor aquilo que mais convém para o momento atual. O trabalho de João Batista Libânio em apontar os quatro cenários e caracteriza-los é uma indicação bem importante. E ao aprofundar os cenários vê-se o quanto a ação pastoral desenvolvida em cada um é portadora de uma metodologia própria. Por isso ressalta-se a necessidade de diagnosticar os cenários eclesiais e perceber quais são as orientações metodológicas de cada um para poder propor o que mais se mantém fiel aos ensinamentos de Jesus e aquilo que a Igreja necessita. Mas, se não for feito o diagnóstico pelo qual a evangelização perpassa, fica muito difícil pensar uma teologia pastoral aceita como ciência e que assuma a realidade como condição de conhecimento teológico. Caso contrário, ficar-se-á no dilema a respeito de qual teologia é verdadeiramente aceita como ciência: a dos manuais ou da pastoral? E pelo que se vê, nem todos os cenários aceitam a pastoral como fonte de teologia. É a supremacia europeizante do conhecimento que desconsidera a vida, os problemas, as circunstâncias nas quais as pessoas estão envolvidas para produzir uma teologia de cima para baixo.

Ao reconhecer os cenários de Igreja e a metodologia evangelizadora de cada um, certifica-se que a caminhada latino-americana da Teologia da Libertação proporciona, além de um cenário de Igreja, a possibilidade de pensar teologicamente a pastoral e de dar luzes pastorais para a teologia. Uma realidade num mundo que hoje clama por uma teologia comprometida com a vida em tempos de ameaça à liberdade, projetos emancipatórios, pesquisa e produção científica na área das ciências humanas.

Neste mundo concreto é que a teologia em tempos de Papa Francisco também abre horizontes para uma teologia contextualizada, aberta aos sinais dos tempos. Na realidade sempre inconstante, os clamores dos pobres de todos os tempos são profundamente teológicos. É um grito que pede uma resposta da teologia enquanto ciência, para que o Povo continue sentindo a presença de um Deus libertador. É a teologia que brota da mais absoluto do humano e se torna revelação divina, um conteúdo iluminado e iluminador.

Para tal, exige-se uma práxis e aqui encontram-se os princípios da MHE. Como a pesquisa apresentou, a metodologia desenvolvida pelo Itepa requer um processo de envolvimento do sujeito, seja ele agente de pastoral leiga/o, religiosa/o, seminarista ou presbítero. Ao submeter o agente a uma nova relação com a realidade pastoral de sujeito-sujeito, e depois observar como as relações evangelizadoras se desenvolvem neste processo, a teologia pastoral se torna praxica, isto é, prática refletida, sistematizada, observada, meditada.

Assim, a práxis pastoral se descortina a partir de dois elementos: o cenário de Igreja da libertação assumido e a teologia pastoral. Eles formam os dois trilhos dos quais a ação evangelizadora percorre seu caminho. Reforça-se a necessidade cada vez mais evidente de se ter uma ação evangelizadora resultado de uma teologia, interpelada pela teologia e produtora de conteúdo teológico. Este percurso da MHE proporciona possibilita que a teologia pastoral ilumine o agir da Igreja no mundo, isto é, “teologiza a pastoral e pastoraliza a teologia”. E nesta pesquisa pretendeu-se explicitar e aprofundar os princípios resultados de uma metodologia própria que resulta na relação permanente entre pastoral e teologia.

Uma pastoral sem teologia corre o risco de ser vazia, ativismo religioso, e educar cristãos sem a profundidade da fé, cristãos que tenham conhecimentos religiosos ou sejam portadores de experiências religiosas agradáveis, mas que continuem fazendo a dissociação entre fé e vida, religião e prática concreta, oração e ação, estética e ética. É o perigo de assumir o senso comum e privilegiar ações orgânicas, eventos, momentos, mas faltar profundidade, conteúdo, contexto. Uma pastoral sem processos evangelizadores, sem caminhada libertadora, sem construir o Reino de Deus.

Já uma teologia sem pastoral corre o risco de ser acadêmica demasiada, teologia de gabinete, desprovida de criatividade, de profecia. Uma teologia que reproduza assuntos religiosos que são importantes para a caminhada da fé cristã e elucidação dos conteúdos acreditados, todavia, tais conteúdos tenham dificuldades de iluminar a realidade presente, auxiliar a perceber os dramas humanos, o mundo dos pobres e dos gritos que brotam do coração

dos que sofrem. Uma teologia sem pastoral se esvazia de tal modo que o que ela reflete enquanto ciência significa muito pouco para dialogar com o mundo presente.

Neste sentido, quem tem assumido esta postura teológica é o Papa Francisco ao propor na encíclica *Evangelii Gaudium*, uma nova metodologia pastoral da Igreja com alma latino-americana. O princípio para a ação evangelizadora da Igreja, conforme se percebe na teologia do Papa Francisco, decorre das influências teológicas e pastorais vividas na teologia da libertação. Esta aproximação entre teologia da libertação e *Evangelii Gaudium* é profundamente pertinente, haja visto que o Papa Francisco é herdeiro desta caminhada teológica e pastoral. E afirma com convicção a necessidade de uma Igreja que acolha as realidades de pobreza do mundo, esteja profundamente inserida nela, seja a realidade a inspiração da reflexão e, assim, da transformação pela “revolução da ternura”.

Optar por processos evangelizadores é próprio da práxis teológica, metodologicamente afirmada pela teologia da libertação e assumida pela MHE. Essa opção é uma oportunidade para responder as necessidades da evangelização em vista de uma espiritualidade pastoral amadurecida em vista da construção do reino de Deus. Urge para a Igreja estabelecer processos evangelizadores nos quais os cristãos sejam constantemente envolvidos pela dinâmica da práxis missionária. Como é possível perceber na elaboração deste texto, a dinâmica da MHE permite que os processos evangelizadores sejam constantemente revisados a partir do projeto de Jesus Cristo, da participação e interação dos sujeitos da ação evangelizadora e do fazer teológico comprometido com uma ciência que aponte caminhos de transformação da realidade sofrida.

Todavia, não é tão simples assim percorrer os passos da MHE. Como acadêmico do Itepa nos anos 2005-2009, tive a oportunidade de estudar esta metodologia e convivi com o Pe Elli Benincá, um dos grandes incentivadores dos processos metodológicos e pedagógicos na formação. Ao ser destinado para a comunidade pastoral, uma das grandes dificuldades que tinha era estabelecer esta relação sujeito-sujeito com os envolvidos na comunidade. Sempre o seminarista era alguém de fora, não morava no bairro e não sabia do que acontecia ali durante a semana. E mais, era um sujeito eclesial. Por parte da comunidade havia esta repercussão, mas dentro das concepções pessoais também havia resquícios de uma personalidade autoritária de minha parte. Este foi um dos primeiros impactos que tive que resolver: ser um agente de pastoral entre agentes de pastoral.

A sistematização da prática também é muito difícil. Não raro apresentávamos em sala de aula relatório de atividades e não um registro pastoral. Os colegas identificavam isso e não

poupavam em suas observações. A expressão: “cade você neste registro?” era fatal. Expressar os sentimentos, expor a própria prática no papel e submetê-la a análise de outros é uma abertura de vida, exige propor-se a um constante refazer-se no caminhar. De fato, fazer um registro pastoral “nos conformes”, é bem difícil.

Mas o resultado de cada sessão de estudos eram debates profundos das questões que eram verificadas nos registros de todos. A teologia entrava em debate com a realidade. Alguns colegas achavam que isso era perder tempo, que não tinha “nada a ver” com teologia. Mas a gente que conviva com o Pe Elli no cotidiano da casa de formação percebia o quanto aquilo era uma riqueza teológica. Os mais bonitos debates que surgiram neste tempo de formação eram proveniente das análises que cada um tinha que fazer de sua própria vida pastoral e acadêmica. Onde a teologia e a pastoral se encontravam? No processo da práxis pastoral. A teologia pastoral resulta do processo. Não é dada, pronta, formulada, escrita em grandes elaborações. Ela provém do processo realizado e assumido.

Portanto, em tempos de tantas mudanças nos cenários da Igreja, quando as crises se tornam evidentes e as buscas por fundamentos exigentes, propor a MHE como um método do fazer teológico pastoral, e assumir a pastoral como parte integrante do cabedal teórico da teologia é propor um processo de evangelização com sujeitos engajados na práxis teológica, produzindo e propondo caminhos necessários para ação pastoral e preparando agentes de pastoral maduros na fé, esperançosos pela realização do Reino de Deus e propositores de uma Igreja autêntica sua missão. Sabe-se que os processos são complexos e os sujeitos nem sempre estão dispostos a realizá-los. Todavia, processos são frutos de uma práxis teológica comprometida com as novas necessidades que o atual contexto impõe. “Ai de nós se não evangelizarmos” (1 Cor 9,16).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. Notar marginais sobre teoria e práxis. Acesso online.

ALMEIDA, Antônio José. *Paróquia, Comunidades e Pastoral Urbana*. São Paulo: Paulinas, 2009.

BALBINOT, Rodinei; MEZADRI, Neri (org). *Metodologia da Ação Evangelizadora: uma experiência no fazer teológico-pastoral*. Passo Fundo: Berthier, 2008.

BENINCÁ, Elli; BALBINOT, Rodinei. *Metodologia Pastoral: Mística do discípulo missionário*. São Paulo: Paulinas, 2009.

BETTO, Frei. *Fome de Deus: fé e espiritualidade no mundo atual*. São Paulo: Paralela, 2013.

BOOF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*. São Paulo: Vozes, 2018.

BOOF, Leonardo. *A saudade de Deus: a força dos pequenos*. Petrópolis: Vozes, 2020.

_____. *Eclesiogênese*. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. *Igreja: Carisma e Poder*. Petrópolis: Vozes, 1981.

BOSELI, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*. Brasília: Editora CNBB, 2014.

BLANK, Renold. *Ovelhas ou protagonistas? A Igreja e a nova autonomia do laicato no século 21*. São Paulo: Paulus, 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org). *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

BRIGHENTI, Agenor. *A Pastoral dá o que pensar: A Inteligência da prática Transformadora da fé*. São Paulo: Paulinas, 2007.

_____. BRIGHENTI, Agenor. Por uma evangelização realmente nova. IN: *Perspectiva Teológica*, n 125, jan/abril 2013. P. 83-106.

_____. BRIGHENTI, Agenor. *A ação pastoral em tempos de mudança: Modelos obsoletos e balizas de um novo paradigma*. IN: Revista Vida Pastoral, n 302, março-abril 2015.

CAMINHANDO COM O ITEPA. *Metodologia Pastoral*, Passo Fundo, Itepa, ano 18, n 63, 2001.

CASTILLO, José M. *O Reinado de Deus*. São Paulo: Loyola, 2016.

CELAM. *Conclusões de Medellín*. 1968. Acesso online.

CELAM. *Conclusões de Puebla*. 1979. Acesso online.

CELAM. *Conclusões de Aparecida*. Brasília: Edições CNBB: 2007.

COMPENDIO DO VATICANO II. *Constituições, Decretos, Declarações*. Petrópolis: Vozes, 2000.

FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus, 2013.

_____. *O nome de Deus é Misericórdia*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2016.

_____. Discurso do papa aos cardeais e colaboradores da cúria romana. Disponível em : <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/538719-discurso-do-papa-francisco-aos-cardeais-e-colaboradores-da-curia-romana>.

FAVRETO, Clair; BALBINOT, Rodinei. *Itepa: história e perspectivas*. Passo Fundo: Palotti, 2005.

_____. *Teologia e Pastoral: práxis e evangelização*. Passo Fundo: Berthier, 2006.

FUENTES, Salvador Valdez. *Espiritualidade Pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

_____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

JUNIOR, Francisco Aquino. *O caráter prático-social da Teologia*. São Paulo: Loyola, 2015.

GUTIERREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1979.

ITEPA. *Relatório das atividades acadêmicas da disciplina de Metodologia e Prática Pastoral, 1993-2001*. Passo Fundo.

LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas 2014.

LIBÂNIO, João Batista. *Cenários da Igreja num mundo plural e fragmentado*. São Paulo: Loyola, 2009.

LIBÂNIO, João Batista; MURAD, Afonso. *Introdução à Teologia: perfil, enfoques, tarefas*. Petrópolis: Vozes, 2014.

MAZZAROLO, Isidoro. *Evangelho de São Mateus; ouvistes o que foi dito?... Eu, porém, vos digo...! Coisas velhas e coisas novas*. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2016.

MULLER, Wunibald. *Deixar-se tocar pelo sagrado*. Petrópolis: Vozes, 2004.

NENTWIG, Roberto. Questões em torno do poder sagrado na Igreja: indicativos pastorais na perspectiva do protagonismo laical. *ATEO*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 60, set./dez.2018. P 644-669.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2014.

PAGOLA, José Antônio. *Jesus: aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. *O caminho aberto por Jesus: Marcos*. Petrópolis: Vozes, 2013.

PASSOS, João Décio; Afonso M. L. Soares (org). *Francisco: renasce a esperança*. São Paulo: Paulinas, 2013.

PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi: exortação apostólica pós sinodal sobre a evangelização no mundo contemporâneo*. São Paulo: Paulinas, 1975.

RAMOS, Júlio. *Teología Pastoral*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1995.

RATZINGER, Joseph. *Natureza e missão da teologia*. Petrópolis: Vozes, 2012.

SCANNONE, Juan Carlos. *A teologia do Povo: raízes teológicas do Papa Francisco*. São Paulo: Paulinas, 2019.

SOFIATI, Flávio Munhoz. Elementos históricos da Renovação Carismática. IN: *Estudos de religião*, v 23, n 37, julho/dezembro 2009. P. 217-241.

SZENTMÁRTONI, Mihály. *Introdução à teologia pastoral*. São Paulo: Loyola, 1999.

TABORDA, Francisco. *Cristianismo e ideologia: ensaios teológicos*. São Paulo: Loyola, 1984.

VIGUERAS, Alex. *Que cabe à Igreja fazer hoje? A concepção de Teologia Prática em Karl Rahner*. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte. N. 36, p.99-124, 2004.